

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Natália Bender

**A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL: A trajetória esportiva da
atleta Adrian Gomes**

Porto Alegre

2018

Natália Bender

**A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL: A trajetória esportiva da
atleta Adrian Gomes**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Bender, Natália
A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL: a
trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes / Natália
Bender. -- 2018.
131 f.
Orientadora: Silvana Vilodre Goellner.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ginástica Artística Feminina. 2. Ginástica. 3.
História Oral. 4. Trajetória. I. Goellner, Silvana
Vilodre, orient. II. Título.

Natália Bender

**A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL: A trajetória esportiva da
atleta Adrian Gomes**

Conceito final:

Aprovado em: 17 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laurita Marconi Schiavon – UNICAMP

Profa. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha – UFRGS

Profa. Dra. Johanna Ermacovitch Coelho - UFRGS

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

Dedico este trabalho a todos/as que lutaram e se empenharam para que a ginástica artística se desenvolvesse no Brasil e em específico no Rio Grande do Sul. Aos treinadores e técnicos que, por amor ao esporte, abriram mão de muitas coisas em suas vidas para que seus atletas continuassem competindo.

AGRADECIMENTOS

Nessa vida não chegamos a nenhum lugar sozinhos. Precisamos do apoio da família, dos amigos, dos colegas e de todos que estão a nossa volta durante o período do curso de Mestrado.

Pai e mãe, sair de casa para ir estudar em outra cidade foi um desafio enorme, tanto durante o período da graduação, quanto do mestrado. Estar longe nunca foi fácil, mas se eu consegui, foi porque tive o amor de vocês, incondicionalmente.

Agradeço ao meu irmão, Dudu, que muito fez por mim desde sempre e por estar por perto quando eu precisei me sentir em casa. Tu foste a minha extensão de família quando eu precisava e também uma inspiração acadêmica.

Agradeço a todos os meus amigos e amigas, aos de Estrela por fazerem cada momento de lazer valer a pena. Aos de Porto, por entenderem minha ausência nos eventos dos finais de semana e por estarem no dia-a-dia comigo. Especialmente a Thaís e a Bruninha, que faziam cada dia longe de casa valer a pena, pelas conversas, por estarem comigo nos momentos mais difíceis que enfrentei. A Marcela e também a Vitória, que vivem hoje o mesmo processo que eu, que foram minhas amigas e conselheiras.

Ao grupo do CEME, no qual ingressei em 2012 e permaneço até hoje. A Chris, que acreditou no meu potencial desde o início. A Suby, Mayara e Luiza, que muito além de colegas, se tornaram amigas com quem compartilhei minhas angústias.

A Adrian Gomes, por ter aceitado ser protagonista desta dissertação e por ter me dado a oportunidade de escrever sobre a sua trajetória.

A cada um/a dos/as entrevistados/as que aceitaram participar desta pesquisa, que possibilitaram a reconstrução da trajetória da Adrian e contribuíram para a ginástica artística no Rio Grande do Sul.

A minha orientadora Silvana, pela paciência, carinho e dedicação durante todos esses anos, desde a graduação, até hoje. Devo a ti todo o meu crescimento, tanto em nível acadêmico quanto pessoal.

Ao meu namorado, Lucas, que foi incansável desde o início do nosso relacionamento, me apoiando durante todo o período da graduação até o mestrado. Se hoje eu cheguei aqui, com certeza foi porque tive o teu apoio.

Aos professores que deram sentido para a minha caminhada, aos que na escola inspiraram a minha escolha pela Educação Física, e aos que na ESEFID, além de me ensinarem tudo o que sei, também guiaram meus passos durante a trajetória acadêmica.

Ao Conselho Nacional de desenvolvimento científico e tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro, que fez com que fosse possível me dedicar a construção desta dissertação.

Cada pessoa que cruzou o meu caminho durante esse trajeto teve sua importância, pois as conversas sempre me fizeram enxergar o mundo de uma forma diferente, e este trabalho tem um pouco do que cada um deixou comigo. Obrigada, de coração.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo descrever e analisar a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes na ginástica artística considerando sua atuação no cenário nacional e internacional. Para tanto, a pesquisa está fundamentada teórica e metodologicamente na História Oral a partir da variante da História de Vida. Como fontes, foram utilizadas entrevistas com a atleta, técnicos/as da modalidade, ginastas e familiares que tiveram envolvimento na sua trajetória e que pudessem auxiliar na construção da narrativa. As entrevistas foram cotejadas com outras fontes como reportagens, livros, artigos acadêmicos e atlas esportivos. A análise de conteúdo foi utilizada como ferramenta analítica, considerando as etapas de pré-análise, exploração do material empírico e tratamento dos dados. A análise se apresenta na forma de três estudos independentes interligados que dão conta de narrar a trajetória esportiva de Adrian Gomes. O primeiro estudo discute a participação dos/as ginastas gaúchos/as nos Jogos Olímpicos. O segundo estudo aborda a primeira fase da carreira da ginasta. E o terceiro e último estudo trata sobre a retomada da atleta na ginástica, após um período sem treinar, e o ponto alto de sua trajetória, a convocação para a seleção brasileira e a participação nos Jogos Olímpicos de 2012. Foi possível constatar através da trajetória da Adrian aspectos relacionados à ginástica no Rio Grande do Sul, assim como questões específicas de sua trajetória.

Palavras-chave: Ginástica Artística, Ginástica Artística Feminina, História Oral, Ginástica, Trajetória.

ABSTRACT

This dissertation had the objective to describe and analyze Adrian Gomes' sports career in the artistic gymnastics, taking into consideration her role in national and international scenarios. Therefore, this research is theoretically and methodologically founded in Life History as variant of Oral History. The sources used are interviews made with the athlete, artistic gymnastics coaches, gymnasts and relatives that have been involved in her career and that could assist in this work development. The interviews were compared with other sources such as press reports, books, academic articles and sports atlas. Content analysis was used as analytical tool, taking into consideration the stages of pre-analysis, exploration of empirical material and data processing. The analysis is presented in the form of three independent but entwined studies that tell Adrian Gomes' sports career. The first study discusses the participation of gymnasts from Rio Grande do Sul in the Olympic Games. The second one talks about the first stage of Adrian Gomes' career. The third and last study is about the athlete's return to gymnastics, her career apogee, and her participation in 2012 Olympic Games. By means of Adrian's career, it was possible to evidence aspects related to gymnastics in Rio Grande do Sul as well as specific issues of her career.

Keywords: Artistic Gymnastics, Female Artistic, Oral History, Gymnastics, Gymnasts, Career.

SUMÁRIO

1 A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL: A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DA ATLETA ADRIAN GOMES.....	9
2 DAS INFLUÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ AOS DIAS ATUAIS: O CONTEXTO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL	17
3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	24
3.1. PRODUZINDO E TRABALHANDO COM AS FONTES ORAIS.....	27
3.2. ACERVO PESSOAL	37
3.3. PERIÓDICO.....	38
4 A PARTICIPAÇÃO DE GINASTAS DO RIO GRANDE DO SUL NOS JOGOS OLÍMPICOS: TRAJETÓRIAS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS.....	41
4.1 A INICIAÇÃO EM SOLO GAÚCHO E A MIGRAÇÃO PARA APERFEIÇOAMENTO	44
4.2. OS JOGOS OLÍMPICOS DE PERTO E POR DENTRO: A NARRATIVA DOS/AS GINASTAS	51
4.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	58
5 ADRIAN GOMES: OS PRIMEIROS SALTOS DE UMA GINASTA GAÚCHA	63
5.1. DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA AO ABANDONO DO ESPORTE	66
5.2 NÚCLEO DE ESPORTE DE BASE DA GINÁSTICA OLÍMPICA –O REMANSO ENTRE AS CONVOCAÇÕES.....	77
5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	86
6 ADRIAN GOMES: A “DISCÍPULA DE DAIANE DOS SANTOS” EXECUTA OUTROS SALTOS.....	89
6.1 OUTRA GAÚCHA OLÍMPICA: A PROJEÇÃO DO SONHO E A FRUSTRAÇÃO DA SUA NÃO REALIZAÇÃO	95
6.2 O FUTURO DA GINÁSTICA GAÚCHA SUCUMBE DIANTE DE UMA LESÃO ...	101
REFERÊNCIAS.....	112
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	118
ANEXO A – MODELO DE CARTA DECESSÃO DO PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS	126
APÊNDICE A – ROTEIRO ENTREVISTA ADRIAN GOMES	128
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS FAMILIARES	129
APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS TREINADORES	130

1 A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL: A TRAJETÓRIA ESPORTIVA DA ATLETA ADRIAN GOMES

Ao trabalhar com História de Vida, vamos nos deparar com uma metodologia em que a vida de um indivíduo (pesquisado) é narrada por outra pessoa, o/a pesquisador/a, que tem a sua própria trajetória de vida. O resultado da pesquisa depende muito da relação que se estabelece entre esses dois sujeitos. Por isso, irei iniciar esta dissertação contando um pouco da minha trajetória, fazendo com que o/a leitor/a possa entender os motivos que me fizeram chegar até a escolha de tematizar a Ginástica Artística Feminina e a trajetória esportiva da ginasta Adrian Gomes.

A minha relação com as práticas corporais e esportivas se iniciou na escola, no ano de 1997 através das aulas de Educação Física, e se intensificou especialmente a partir do ano de 2001, quando iniciei a prática nas escolinhas esportivas oferecidas pela escola onde estudei. Transitei entre o basquete, o voleibol, a ginástica olímpica¹, a natação e a dança. A minha passagem pela ginástica foi rápida, durou apenas um ano. Uma escolinha chamada Flic-Flac, na cidade de Estrela – RS, fez parceria com o Colégio Martin Luther onde eu estudava na época. Mas, após um ano, a parceria foi encerrada e por isso não pude continuar na ginástica. Nesse período, treinávamos uma vez por semana, participamos de um evento de demonstração no clube Grêmio Náutico União² e de uma apresentação direcionada aos pais, no fim do ano de 2001. Apesar de ter durado pouco tempo, a minha passagem pela ginástica deixou ótimas lembranças e uma grande vontade de poder voltar a praticar essa modalidade esportiva. Lembro-me de assistir as competições de ginástica nos Jogos Olímpicos de 2000 pela televisão, enquanto tentava imitar as acrobacias das atletas. Desde então a modalidade sempre despertou o meu interesse.

Na época em que fui praticante, a Ginástica Artística (GA) era conhecida como Ginástica Olímpica, e anteriormente já foram utilizados outros termos como Ginástica Esportiva e Ginástica com aparelhos. A nomenclatura Ginástica Olímpica deixou de ser usada a partir do momento em que novas modalidades, como a Ginástica de Trampolim e a Ginástica Rítmica, foram inseridas na programação dos

¹ Atualmente a modalidade é conhecida como Ginástica Artística.

² Um dos maiores clubes esportivos da cidade de Porto Alegre, formador de ginastas que alcançaram destaque na modalidade, como Mosiah Rodrigues, Daiane dos Santos e Adrian Gomes.

Jogos Olímpicos. Sendo assim, a GA deixou de ser a única modalidade olímpica e por isso passou a se chamar Ginástica Artística (PUBLIO, 2007).

O desuso da nomenclatura Ginástica Olímpica se dá a partir do momento em que a GA começa a ganhar espaço na mídia, surgindo então a necessidade de oficializar o termo a ser utilizado para se referir à modalidade. A partir de 2006, o termo Ginástica Olímpica passa a referir as diferentes modalidades da ginástica presentes nos Jogos Olímpicos e o termo oficial passa a ser Ginástica Artística, assumido pela Confederação Brasileira de Ginástica. Apesar do termo Ginástica Olímpica não ser mais utilizado, em muitos países ainda podemos encontrar pessoas que se referem à modalidade com a nomenclatura antiga (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009).

A Ginástica Artística pode ser praticada por homens e mulheres, e estes fazem uso de aparelhos diferentes. Os homens competem nas provas de solo, cavalo com alças, salto sobre a mesa, argolas e barras simétricas, enquanto as mulheres competem no solo, trave de equilíbrio, barras assimétricas e salto sobre a mesa.

No Brasil, a modalidade foi disseminada a partir do século XIX com a chegada dos imigrantes europeus, que trouxeram consigo seus costumes, sua cultura, incluindo as suas práticas corporais. A ginástica era uma de suas práticas, e quando aqui chegaram difundiram os métodos ginásticos (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009).

Um dos maiores desafios enfrentados pelos/as atletas, treinadores/as e demais envolvidos com a modalidade no alto rendimento tem sido a falta de recursos financeiros, que permitiriam uma melhor estrutura física para possibilitar melhores condições de treinamento com acompanhamento psicológico, nutricional e médico para os/as atletas, planejamento da carreira esportiva a longo prazo, etc. Esses desafios são comuns às trajetórias dos/as atletas que resistem e sobrevivem no meio esportivo. Mesmo que essas condições tenham sido oferecidas no Centro de Excelência da Seleção Brasileira em Curitiba, não foram estendidas aos demais locais onde acontece a prática da ginástica no país. Sendo assim, as boas condições para o desenvolvimento da modalidade ficam restritas a locais onde a ginástica já é uma prática comum (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012).

No Brasil, as atletas da Ginástica Artística Feminina, de forma geral, começaram a alcançar resultados expressivos e inéditos depois da chegada dos

técnicos ucranianos, que vieram ao país para treinar as ginastas da seleção brasileira. No ano de 2001, a ginasta Daniele Hypólito conquistou a medalha de prata no Campeonato Mundial realizado em Gante (Bélgica): primeiro resultado internacional de maior expressividade da seleção brasileira. Dois anos após, em 2003, a atleta Daiane dos Santos conquistou a medalha de ouro no Mundial de Anaheim, no estado da Califórnia (EUA), simbolizando assim o início de uma nova fase da ginástica artística no Brasil. A partir desse momento, a modalidade passou a ganhar mais destaque perante a mídia esportiva do país.

O apoio dos técnicos ucranianos se restringiu apenas à seleção feminina, e diante dessa realidade, os atletas da seleção masculina se uniram para buscar melhores condições de treinamento. O resultado dessa união começou a aparecer depois da conquista da primeira medalha nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, com o ginasta Arthur Zanetti, que conquistou a medalha de ouro na prova de argolas. Em 2016, na edição dos Jogos Olímpicos realizados no Brasil, Diego Hypólito e Arthur Nory conquistaram as medalhas de prata e bronze, respectivamente, no solo.

Considerando o meu envolvimento com a ginástica artística na infância, ao ingressar no curso de graduação em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2012, passei a admirar ainda mais a modalidade e acompanhar as principais competições. Durante a graduação, iniciei minha trajetória dentro da pesquisa logo no segundo semestre do curso, ingressando como bolsista de Iniciação Científica no Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS). Inicialmente, me envolvi com o projeto Garimpendo Memórias³ e depois tive a oportunidade de participar do Projeto Gaúchos/as nos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, que era um desdobramento do Garimpendo.

Nesse projeto, a equipe do CEME entrevistou atletas, treinadores/as, médicos/as, e outros gaúchos/as que de alguma forma participaram dos Jogos Olímpicos. Foram realizadas 39 entrevistas e os resultados da pesquisa foram publicados em um e-book intitulado “A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos:

³ O projeto se constitui a partir da realização de entrevistas que tem seus áudios transformados em documentos escritos. O Garimpendo Memórias foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS no ano de 2007, sob o número 2007710. Até o momento foram disponibilizadas para consulta 552 entrevistas relacionadas com a Educação Física e as práticas corporais. Link: <<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>>.

garimpendo memórias para produzir histórias”⁴. Minha participação na pesquisa se deu mais especificamente com duas modalidades esportivas: o Voleibol e a Ginástica Artística. Nesse momento, tive minha primeira aproximação com a Adrian Gomes, que foi uma das atletas entrevistadas naquela época. Em função desse envolvimento, produzi um capítulo no e-book supracitado cujo foco era a Ginástica.

Através dos dois projetos de pesquisa mencionados anteriormente, tive meu primeiro contato com a história do esporte e também com a História Oral, metodologia que leva em conta o depoimento de pessoas envolvidas em processos e momentos históricos, dando voz a essas narrativas que podem nos levar para além da história contada como oficial. Quando conheci a metodologia e percebi que a história poderia ser muito mais do que uma sucessão de fatos contados a partir de uma linha do tempo e que poderia ser reconstruída a partir de diferentes pontos de vista, fui me interessando cada vez mais pelo que a história é capaz de nos mostrar. A partir do momento em que me familiarizei com os estudos sobre a história do esporte, em especial o esporte olímpico, fui percebendo a grande vontade de me aprofundar no tema.

É importante destacar ainda que a experiência que tive como bolsista durante o período da iniciação científica, com a realização de seis entrevistas, bem como o seu processamento até a publicação, me deu subsídios e segurança para operar com a metodologia da História Oral, a qual utilizo para a realização desta dissertação.

Também gostaria de ressaltar que desde o ano de 2012 faço parte do GRECCO (Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História), coordenado pela professora Silvana Goellner, espaço no qual as temáticas de gênero, sexualidade e a presença das mulheres no esporte integram as discussões dos encontros, eventos e pesquisas. Diversas vezes conversamos sobre a invisibilidade de alguns grupos e de algumas pessoas no esporte, entre eles, as mulheres e também os/as atletas de modalidades esportivas que não são muito visibilizadas nos meios midiáticos. Nesse sentido, buscamos observar os inúmeros desafios que os/as atletas encontram para se estabelecer e se manter no esporte.

⁴ MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias. Coleção Grecco. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150394/001008983.pdf?sequence=1>>.

As questões sobre gênero sempre me motivaram a pesquisar, tanto que foram analisadas em meu Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Educação Física, intitulado “Relações de gênero nas aulas de educação física de uma escola pública de Porto Alegre”, apresentado em 2015. Nessa pesquisa, tematizei as relações de gênero nas aulas de Educação Física de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Porto Alegre/RS⁵, onde as turmas ainda eram separadas por sexo durante as aulas da disciplina. Esse trabalho e as pesquisas que participei como bolsista do Centro de Memória do Esporte foram as minhas primeiras experiências com a escrita acadêmica, as quais foram fundamentais para que eu me interessasse pelo campo da pesquisa e me constituísse como pesquisadora.

Como mencionado anteriormente, durante o período em que fui bolsista do CEME, participei da entrevista realizada com a ginasta Adrian Gomes, no ano de 2013, cujo foco era sua participação nos Jogos Olímpicos⁶. Essa entrevista possibilitou conhecer alguns passos da carreira da atleta, conforme apresento a seguir.

Adrian Gomes é natural da cidade de Porto Alegre e no início de sua infância estudava na Escola Estadual de Ensino Fundamental Mané Garrincha que fica junto ao Centro Estadual de Treinamento Esportivo. Em uma atividade de ginástica na aula de Educação Física, a professora da disciplina a convidou para iniciar os treinos junto com a equipe de ginástica do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE). Adrian iniciou sua carreira na Ginástica Artística atuando no clube Grêmio Náutico União e, posteriormente, treinou junto ao Núcleo de Base da Ginástica, projeto realizado na ESEFID/UFRGS. A ginasta foi atleta da seleção brasileira de Ginástica Artística, participando de competições internacionais como Campeonatos Mundiais, Jogos Olímpicos e Jogos Pan-Americanos. No ano de 2012, a atleta viajou até Londres onde participaria dos Jogos Olímpicos, mas se lesionou dias antes de competir.

⁵ Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133512/000983747.pdf?sequence=1>>.

⁶ Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/101974/000933051.pdf?sequence=1>>.

FIGURA 1 – Adrian Gomes competindo pelo clube Grêmio Náutico União



Fonte: Acervo Pessoal Adrian Nunes Gomes

Na pesquisa sobre a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos, nomeamos a Adrian como uma atleta olímpica, apesar de não ter competido em função da sua lesão. Nossa decisão se baseia no fato de que consideramos todo o envolvimento

com a sua preparação para a competição e sua convocação, o que certamente a fez uma atleta olímpica. Faço tal ressalva porque ao pesquisar o livro “Atletas Olímpicos Brasileiros”, da autora Kátia Rúbio, detectei sua ausência na lista de atletas participantes dos Jogos Olímpicos. Nesse momento, percebi a necessidade de escrever sobre a trajetória dessa atleta, cuja lesão a afastou não apenas da competição, mas de figurar nos registros como uma atleta olímpica.

Sua convocação para os Jogos Olímpicos é considerada o seu ápice na modalidade da ginástica, em que pese o fato de desaparecer de muitos registros oficiais. Justamente por isso são poucos os registros de sua trajetória, razão pela qual considerei utilizar a História Oral como metodologia, pois um de seus objetivos é narrar acontecimentos tendo como foco o depoimento de pessoas cujas memórias são cotejadas com outras fontes e registros.

Durante o processo de qualificação do projeto de mestrado, me questionei se analisar a história de uma única ginasta seria relevante para sustentar uma dissertação. Pensando assim, a banca de qualificação me ajudou a perceber que, pelo fato de a atleta não ter tido tanta visibilidade na mídia em alguns momentos e justamente por não continuar sua carreira no esporte, era pertinente escrever sobre sua trajetória. Assim, tomo a história esportiva de Adrian Gomes para analisar não apenas sua presença na Ginástica Artística, mas outros acontecimentos como, por exemplo, a ginástica no Rio Grande do Sul e a descontinuidade de atletas no esporte, em especial, depois que deixam de competir.

O fato da Adrian não ter continuado sua carreira na ginástica pode fornecer elementos para que possamos entender aspectos relacionados à estrutura, organização e gestão do esporte no Rio Grande do Sul, visto que ela não parece ser a única atleta que, ao abandonar as arenas esportivas, se afastou do esporte como um espaço de atuação profissional.

Visto o que foi exposto até aqui, esta dissertação tem como objetivo descrever e analisar a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes na ginástica artística e no cenário nacional e internacional. Além disso, busco associar momentos e fatos vividos pela atleta no contexto da modalidade no Rio Grande do Sul e no Brasil. Acredito que esta dissertação possa contribuir para visibilizar a trajetória de uma atleta da Ginástica Artística que foi importante para o contexto da modalidade e do esporte no país e especialmente no estado do Rio Grande do Sul, por ter representado a seleção brasileira em competições de destaque como Campeonatos

Mundiais, Jogos Olímpicos e Pan-Americanos. Além disso, ao dar centralidade para a trajetória esportiva da atleta, podemos nos reportar a aspectos da modalidade como um todo. Para dar conta de atingir os objetivos, esta dissertação desenvolverá três estudos independentes que apresento a seguir.

O primeiro deles diz respeito à minha iniciação na pesquisa científica e aborda da presença de ginastas do Rio Grande do Sul nos Jogos Olímpicos, que foi o ponto de partida para o desenvolvimento de minha pesquisa no mestrado. No segundo estudo, independente desta dissertação, narro a primeira fase da história esportiva da atleta Adrian Gomes. Essa primeira fase de sua trajetória inicia com a sua inserção na modalidade em 1997 e termina no ano de 2008, quando a ginasta desiste de dar continuidade aos treinos. No terceiro estudo, além de mostrar a comparação feita pelas mídias entre a Adrian Gomes e a ginasta gaúcha Daiane dos Santos, narro a retomada da atleta na ginástica artística, destacando sua participação nos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres.

Antes de desenvolver cada estudo específico, apresento o referencial teórico-metodológico que ancora minha dissertação e, por conseguinte, os estudos produzidos.

2 DAS INFLUÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO ALEMÃ AOS DIAS ATUAIS: O CONTEXTO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

Com o intuito de narrar a trajetória da ginasta Adrian Gomes, apresento neste capítulo uma contextualização sobre como a Ginástica Artística se dissemina no Brasil e no Rio Grande do Sul, bem como a forma como a modalidade foi se delineando até chegar ao cenário atual.

O ponto de partida para a constituição do aporte teórico desta dissertação se deu a partir do livro “Atletas Olímpicos Brasileiros”, publicado em 2015 por Kátia Rúbio. O livro resulta de um trabalho de longa duração no qual a autora, juntamente com a equipe do Grupo de Estudos Olímpicos, por ela coordenado, entrevistou cerca de 1300 atletas, produzindo uma obra que conta uma breve descrição sobre a trajetória dos/as atletas brasileiros/as que participaram dos Jogos Olímpicos. O critério adotado pela autora para definir quem seriam os atletas olímpicos recai na participação de alguma prova dessa competição. Critério esse que excluiu a ginasta Adrian Gomes que, como mencionado anteriormente, não competiu por ter sofrido uma lesão poucos dias antes de sua prova nos Jogos Olímpicos de Londres.

O critério utilizado, se por um lado pode restringir a pesquisa, por outro possibilitou que fosse realizada. Afinal, se a autora fosse descrever uma pequena biografia de cada atleta que não pôde competir por algum motivo, apesar de convocado, dificultaria ainda mais o processo de pesquisa que levou cerca de 20 anos para ser concluído. No entanto, por conhecer a Adrian e por entender a importância da ginástica no cenário esportivo do Rio Grande do Sul, percebi a relevância de escrever sobre a sua trajetória, visto que a ginasta se reconhece como atleta olímpica, seja por ter realizado toda a preparação, seja porque integrou a seleção que viajou para Londres, cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2012. Além de não aparecer na obra citada, o nome da Adrian também não aparece no site do Comitê Olímpico Brasileiro entre os atletas olímpicos. O “Atlas do Esporte do Brasil” e o “Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul” tiveram suas edições atualizadas em 2005, portanto, também não incluem o nome da ginasta.

Alguns outros trabalhos se configuraram como fontes importantes para a fundamentação da minha pesquisa. No campo da Ginástica Artística, destaco as produções vinculadas ao Grupo de pesquisa em Ginástica da Unicamp, que

serviram de base em muitos momentos durante a construção deste trabalho, para que eu pudesse adentrar no mundo da Ginástica. Alguns deles subsidiam as discussões que faço a seguir.

Em relação aos primeiros registros históricos de que se tem conhecimento sobre a ginástica, grosso modo, os estudos datam a Antiguidade como o seu nascedouro. O objetivo da prática de movimentos sistematizados era preservar a saúde, e já estavam relacionados à estética dos corpos. Além disso, também era forte a concepção de que a ginástica servia para fortalecer os homens que protegeriam a pátria (MARCO, 2010).

Em relação a palavra ginástica, Nunomura e Tsukamoto (2009) sugerem que a origem do termo é grega e seu significado está atrelado a exercitar o corpo nu. Os povos das antigas civilizações já a praticavam com o intuito de aprimorar a saúde. A terminologia se confunde com a Educação Física, visto que, segundo Marco (2010) as suas origens também se confundem e são bem próximas.

No século XIX, as ginásticas voltam a ganhar centralidade perante a sociedade, em função de sua relação com a medicina e pela sua natureza de disciplinar e controlar os corpos (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009). Foi a partir desse momento que, na Europa, se desenvolvem diferentes métodos ginásticos, entre eles a Escola Francesa, a Escola Alemã, a Escola Sueca, etc.

Interessa aqui registrar que na atualidade as ginásticas são reconhecidas por várias modalidades que se originam de uma mesma vertente: Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Ginástica Aeróbica, Ginástica para Todos e Ginástica Acrobática (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009).

Da forma como as modalidades ginásticas são conhecidas hoje, elas se utilizam de elementos corporais como: “deslocamentos, saltos, saltitos, giros, rolamentos, ondas, movimentos axiais, equilíbrios, apoios, aterrissagem e balanceamentos” (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009, p. 17). É justamente a partir da ênfase em determinados elementos que as modalidades se diferenciam entre elas: “Os elementos corporais são expandidos e ganham especificidade de acordo com as propostas de cada manifestação ginástica” (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009, p. 17).

Apesar das práticas esportivas já existirem desde a Antiguidade sem assim serem nomeadas, a Ginástica Artística só se estabelece como modalidade esportiva

na modernidade (OLIVEIRA, 2007), visto que é nesse momento que o esporte desponta como uma dimensão da prática de atividades corporais.

A Ginástica Artística, portanto, se configura como uma modalidade olímpica desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, realizada em Atenas em 1896, e desde então suas características vem se modificando. A modalidade segue as normas determinadas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e pelo Código Internacional de Pontuação, que se altera e é atualizado a cada ciclo olímpico visando a evolução da modalidade (SAWASATO; CASTRO, 2010). Essa modalidade: “se caracteriza pela apresentação precisa de alta performance de dificuldade dos elementos nas provas oficiais” (SAWASATO; CASTRO, 2010, p. 404).

Segundo Públio (1998) a ginástica, mesmo estando presente desde 1896, fora realizada em diferentes moldes, até que, em 1936, na edição dos Jogos Olímpicos de Berlim, a competição passou a ser realizada nos seis aparelhos e no formato que conhecemos hoje. As mulheres competiram pela primeira vez na modalidade nos Jogos Olímpicos de Amsterdã realizados em 1928, mediante a apresentação em algumas das provas destinadas ao público masculino, como o conjunto de paralelas baixas.

Ao longo dos anos, a Ginástica Artística foi alterando algumas das principais características de suas competições, através de mudanças nas regras. A ginástica vem se adaptando a fim de tornar-se mais atrativa, e com a evolução dos treinamentos, seus movimentos foram ficando mais complexos. Grande parte dessas mudanças aconteceram nos últimos vinte anos, momento em que os equipamentos são aprimorados e os exercícios obrigatórios da modalidade são excluídos, dando mais liberdade para que os ginastas criem novos elementos (OLIVEIRA, 2007).

No Brasil, foi a partir da década de 1950 que a Ginástica Artística se estabeleceu e ganhou força como modalidade esportiva. Os primeiros clubes e Sociedades Ginásticas foram fundamentais para a disseminação da modalidade no país. A primeira delas, a Deutsche Turnverein zu Joinville, foi fundada em 1858, e posteriormente, em 1867, foi fundada a Deutsche Turnverein, em Porto Alegre, hoje a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (Sogipa). Alguns anos depois, foi fundada a Liga de Ginástica do Rio Grande do Sul (Turnerschaft von Rio Grande do Sul), a primeira entidade esportiva do país no ano de 1895 (NUNOMURA; PICCOLO, 2008).

A partir do ano de 1896 começaram a acontecer os primeiros torneios de Ginástica no país e também as primeiras competições que reuniam os principais clubes do território nacional. Porém, somente em 1951, na cidade de São Paulo, aconteceu o primeiro Campeonato Brasileiro de Ginástica organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (PÚBLIO, 2004). Além dos feitos citados acima, outro acontecimento importante para a constituição da modalidade no país foi a criação da Confederação Brasileira de Ginástica, no ano de 1978 (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Públio (2007), a história da Ginástica Artística no Brasil se divide em três momentos distintos. O momento inicial, que se caracteriza pela chegada dos imigrantes alemães no estado do Rio Grande do Sul se estendendo até o crescimento da modalidade, é conhecido como período heroico (1824-1950). O segundo momento (1951-1978) é a fase de estruturação da modalidade, quando a Confederação Brasileira de Ginástica é criada (em novembro de 1978) e se filia à Federação Internacional de Ginástica. Desde 1979 a modalidade vivencia o terceiro momento, no qual a ginástica vem ganhando maior reconhecimento em nível internacional, participando dos principais eventos mundiais. Conforme aponta Públio (2007), esse é o período de afirmação da Ginástica Artística em nosso país.

Tais circunstâncias indicam o pioneirismo da Ginástica no Rio Grande do Sul. A cidade de Porto Alegre é tida como o berço da modalidade, uma vez que a Liga da Ginástica foi a primeira entidade criada no país, servindo de inspiração para a constituição de outras instituições (PÚBLIO, 2007).

Segundo Silva e Faro (2011), os imigrantes alemães viam a proximidade com seus conterrâneos através dos espaços de socialização nos clubes como uma forma de continuar valorizando sua cultura mesmo estando distantes de seu país, fazendo com que seus costumes não se perdessem. Além disso, sentiam necessidade de se reunir para enfrentar as dificuldades que encontraram quando chegaram no Brasil. As autoras ainda ressaltam que essas características contribuíram para que a modalidade se espalhasse pelo país e aqui se fixasse, já que para os alemães era fundamental manter viva uma prática que fazia parte da cultura do seu país.

Ainda que não seja o objetivo deste trabalho analisar como a ginástica se configurou em outras regiões do Brasil, ressalto a pesquisa de Silva e Faro (2011) que utiliza a História Oral como aporte metodológico para reconstruir a história da Ginástica Olímpica no estado do Pará. Conforme as autoras supracitadas, a

modalidade chega ao estado a partir dos primeiros professores formados em Educação Física em outros estados do país na década de 1960. Mas, a modalidade se consolida a partir da primeira Escola de Educação Física do Pará (ESEFPA), onde se constituiu a primeira equipe de ginástica, em 1971. Os sete atletas dessa equipe passaram 60 dias treinando na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e quando retornam ao Pará, começam a se destacar em competições nacionais.

Apesar da Ginástica começar a se desenvolver nesse estado a partir do retorno da equipe de ginástica e da vinda de professores de outros estados ao Pará para ministrar cursos de aprimoramento, a falta de investimento e de incentivo não colaboraram para a massificação dessa modalidade na Região Norte. Entretanto, a influência do estado do Rio Grande do Sul foi evidenciada nesse estudo (SILVA; FARO, 2011).

Vale ressaltar que a presença de imigrantes alemães na Região Sul do Brasil não só fez com que a modalidade da Ginástica se desenvolvesse no país, mas também deixou outras marcas:

No Brasil, a Educação Física recebeu forte influência dos métodos ginásticos da Europa, sobretudo da Alemanha, França e Suécia. Esses métodos tradicionais constituíram-se no conteúdo principal da Educação Física escolar do século XIX. Assim, por meio dos “métodos europeus”, a ginástica, no Brasil, sempre marcou presença em discursos estadistas médicos, pedagógicos (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009, p. 19).

A principal diferença da Ginástica Artística em relação às outras modalidades são os gestos, que são realizados em função dos seus aparelhos: cavalo com alças, trave de equilíbrio, mesa de salto, paralelas assimétricas, paralelas simétricas, argolas, barra fixa e solo (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009).

No que diz respeito a avaliação do gesto esportivo, segundo Oliveira (2007), o Código de Pontuação precisou passar por atualizações para que pudesse condizer com as alterações na modalidade. Algumas dessas mudanças são influenciadas pela mídia, de modo que a Ginástica viesse a se tornar mais dinâmica, tendo suas competições uma menor duração, buscando atrair assim mais audiência. Isso indica que as instituições que regulam a Ginástica se preocupam com a exposição na mídia, visando atrair maior visibilidade. A partir dessas alterações realizadas desde 1954, a GA, aos poucos, assumiu um novo formato:

O código vem buscando estar lado a lado com o crescente desenvolvimento da modalidade, bem como os avanços tecnológicos, com o objetivo principal de servir de fundamento para o treinamento, julgamento e a consequente evolução da GA (OLIVEIRA, 2007, p. 39).

Essas alterações permitem o surgimento de ginastas especialistas em determinados aparelhos em função do detalhamento de suas performances. Segundo aponta Oliveira (2007), outra consequência desse novo formato das competições foi o aumento do grau de dificuldade dos elementos possibilitando a invenção de novos movimentos.

Para alcançar o êxito na modalidade, Sawasato e Castro (2010) afirmam que:

Para a precisão da execução técnica, é imprescindível que a Ginástica de elite siga as estratégias de um planejamento bem estruturado, desde o seu trabalho de base, e evolua cumprindo o objetivo que demanda o esporte quanto à perfeição dos elementos, cada vez mais complexos, inseridos no Código Internacional de Pontuação da FIG (SAWASATO; CASTRO, 2010, p. 404).

Atualmente, a ginástica ainda é vista como uma modalidade que tem pouca visibilidade na mídia e é pouco praticada quando comparamos com outros países (NUNOMURA; PICCOLO, 2003). Não podemos desconsiderar o fato de que a ginástica ainda é um fenômeno recente no país, pois aqui chegou bem mais tarde do que se estabeleceu nos países europeus. A própria estruturação da modalidade, a partir da organização de ligas esportivas e campeonatos, aconteceu apenas em 1978 (PUBLIO, 2007).

Segundo Oliveira (2007), a modalidade foi se transformando com as alterações no Código de Pontuação, e essa nova dinâmica permitiu a melhora do desempenho dos atletas brasileiros:

Neste novo cenário, o Brasil também evoluiu e vem mostrando uma qualidade que já pode ser considerada de um bom nível internacional especialmente na categoria feminina. Consequentemente temos observado que a GA cresce ano após ano e torna-se cada vez mais popular no Brasil permitindo assim o surgimento de ídolos nesse esporte que num passado não muito distante era praticado por poucos e considerado um esporte de elite (OLIVEIRA, 2007, p. 16).

A modalidade inicialmente se constituiu sem vínculo com a universidade, ou seja, o conhecimento acadêmico em torno da Ginástica Artística não chegava até os técnicos e outros envolvidos com o seu desenvolvimento. A inserção de técnicos/as, ex-atletas e árbitros/as na universidade possibilitou que se produzisse mais conhecimento sobre aspectos diversos da modalidade, gerando inclusive o aperfeiçoamento na formação de profissionais que atuam nessa área (MARCO, 2010).

Marco (2010) destaca ainda que os resultados dos/as ginastas brasileiros/as vêm melhorando em termos de competições internacionais, e aponta para uma possível interferência do maior número de estudos sobre a modalidade. Sendo assim, a transformação da ginástica influencia as pesquisas do campo, podendo interferir no seu planejamento e treinamento.

Para descrever a trajetória esportiva da Adrian Gomes, foi fundamental adentrar nos estudos já existentes sobre a modalidade. Compreender as circunstâncias em que a ginástica se dissemina no país a partir de vestígios históricos, permite a reconstrução da narrativa da Adrian, que vivenciou e hoje faz parte da história da ginástica artística brasileira.

3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Após escolher a trajetória da ginasta Adrian Gomes como o tema de pesquisa desta dissertação e definir o objetivo a ser atingido com o seu desenvolvimento, escolhi os instrumentos e procedimentos metodológicos utilizados para responder os questionamentos que surgiram no decorrer do caminho desta investigação.

A abordagem mais indicada para essa temática é a qualitativa, pois através dela se pretende relatar aspectos que não podem ser quantificados, e também porque procura explicar e compreender a dinâmica das relações sociais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A pesquisa qualitativa está presente em variadas áreas do conhecimento, como as ciências humanas e sociais, sendo, portanto, transdisciplinar (CHIZZOTTI, 2003).

Ainda sobre a abordagem de pesquisa qualitativa, vários podem ser os instrumentos utilizados a fim de responder às questões e objetivos. Dentre essas diferentes formas, se encontra a pesquisa historiográfica, que dá conta de diversos tipos de fontes e pode ser realizada sob diferentes perspectivas. A História Oral figura dentre essas possibilidades e foi escolhida como metodologia em função da dificuldade de acesso aos poucos registros documentais que possam contribuir para a construção de uma narrativa que visibilize a trajetória esportiva da ginasta Adrian Gomes.

Nesse sentido, ao realizar a pesquisa, optei por privilegiar as fontes orais que foram produzidas por meio de entrevistas realizadas por mim e por integrantes da equipe do Centro de Memória do Esporte. Além disso, fiz uso de fontes documentais e imagéticas oriundas de publicações em jornais e periódicos e, sobretudo, do acervo pessoal da atleta. Essas fontes foram colocadas em diálogo, com o intuito de extrair análises sobre os temas que estruturam os estudos desenvolvidos para integrar esta dissertação.

Iniciando o processo da pesquisa, em um primeiro momento realizei um levantamento sobre o que já havia sido produzido sobre a Ginástica Artística no Brasil em uma perspectiva sociocultural, considerando as principais bases de dados: Scielo e Banco de Teses e Dissertações da Capes. Busquei por metadados os termos: Ginástica Artística, História da Ginástica, História de Vida e Ginástica, História Oral e Ginástica. Dentre as publicações analisadas, selecionei duas teses

de doutorado, oito dissertações de mestrado, duas monografias e onze artigos, expostos nos quadros a seguir:

QUADRO 1: Teses, dissertações e monografias encontradas sobre a temática pesquisada

Título	Autores	Ano
O caráter objetivo e o subjetivo da ginástica artística	Bortoleto, M.A.C.	2000
A evolução da Ginástica Artística Masculina nos últimos 20 anos (1987-2007)	Oliveira, M.S.	2007
O discurso midiático da ginástica artística	Carvalho, S. L.	2007
Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)	Schiavon, L. M.	2009
O Panorama da Ginástica Artística Masculina Brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008	Oliveira, M. S.	2010
Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul	Stringhini, S.	2010
Uma história do desenvolvimento da ginástica artística paulista	Sagawa, S. M.	2011
A história e memória da ginástica olímpica em Belém –PA: um olhar da história oral	Silva, E.P.A.	2011
A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística feminina de alto rendimento	Oliveira, M.S.	2014
Desenvolvimento da ginástica artística no Brasil (1950-2000): as influências do professor Enrique Rapesta	Kamel, J.G.N.	2015
Representatividade da ginástica artística feminina paulista no cenário brasileira (2011-2014)	Lima, L.B.Q.	2016
O medo na ginástica artística feminina: estudo com atletas da categoria pré-infantil	Duarte, L. H.	2008

Fonte: A autora, baseada no material analisado.

QUADRO 2: Artigos encontrados sobre a temática pesquisada

Título	Autores	Ano
A idade e as competições de Ginástica Artística	Nunomura, M.	2003
	Tsukamoto, M. H.C.	
Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!	Nunomura, M.	2010
	Carrara, P.D.S.	
	Tsukamoto, M.H.C.	
Etapas e volume de treinamento das ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)	Schiavon, L.M	2011
	Paes, R.R.	
	Moreira, A.	
	Maia, G.B.M.	
A construção midiática de Daiane dos Santos nos Jogos Olímpicos de Atenas de 2004	Sanfelice, G. R.	2011
Condições dos treinamentos de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)	Schiavon, L.M.	2012
	Paes, R.R.	
Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros	Nunomura, M.	2012
	Oliveira, M.S.	
As contribuições das pesquisas em história oral para o desenvolvimento da ginástica	Toledo, E.	2012
	Schiavon, L.M.	
	Sarôa. G.	
	Fiorin-Fuglsang, C.M.	
O que a ginástica artística tem de artística: considerações a partir de uma análise estética	Roble, O. J.	2013
	Nunomura, M.	
	Oliveira, M. S.	
Detecção e seleção de talentos na ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros	Nunomura, M.	2014
A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos	Nunomura, M.	2014
	Oliveira, M.S.	
Análise das condições de desenvolvimento da ginástica artística no Estado de São Paulo	Lima, L.B.Q.	2016
	Murbach, M.A.	
	Oliveira, M.D.T.	
	Ferreira, L.M.S.	

Fonte: A autora, baseada no material analisado.

As produções listadas acima foram extremamente importantes para dialogar com as demais fontes utilizadas nesta pesquisa. Entre esses estudos, apenas uma monografia, uma tese, uma dissertação e três artigos utilizam a história oral como metodologia.

3.1. PRODUZINDO E TRABALHANDO COM AS FONTES ORAIS

Considerando ainda que o objetivo central desta pesquisa é narrar a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes, a História Oral é aqui utilizada a partir de uma de suas variantes, no caso, a História de Vida. No campo do conhecimento, a História foi considerada durante muito tempo como a rainha das ciências. No entanto, a partir da Crise dos Paradigmas⁷ a disciplina perdeu a notoriedade no campo das ciências sociais (PESAVENTO, 2004). Para se reestabelecer enquanto disciplina, a História teve que se reinventar, e diante desse contexto, a utilização de fontes de diferente natureza, como por exemplo, as fontes orais, aparecem como uma nova possibilidade nesse campo do conhecimento.

Assim como a disciplina da história, a História Oral como é vista e reconhecida hoje também precisou se legitimar como uma fonte de pesquisa confiável. No século XIX, apenas os documentos escritos eram vistos como confiáveis, pois conferiam objetividade à história, enquanto que as fontes orais tinham sua veracidade questionada em função da subjetividade que apresentam (ALBERTI, 2000).

Nessa direção, é possível afirmar que a narrativa histórica não precisa necessariamente ser descrita seguindo uma linha do tempo. Os avanços e recuos são permitidos e ganham sentido diante da construção de uma narrativa. O que se percebe é que os fatos podem ser interpretados de diferentes formas, por diferentes sujeitos, em contextos distintos, conforme a autora Sandra Pesavento (2004) ao afirmar que: “Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas” (p. 16).

Entre os/as teóricos/as que se debruçam sobre a História Oral, alguns/as a consideram como metodologia, método ou disciplina multidisciplinar, pelas inúmeras possibilidades em que pode ser abordada (SILVA, 2002; ALBERTI 2000). Alberti (2000) ainda acrescenta a possibilidade de trabalhar também com a História Oral como fonte de pesquisa ou como técnica de produção e tratamento de depoimentos orais:

⁷ Crise dos paradigmas explicativos da realidade foi uma ruptura com a maneira convencional e dominante na História. A partir desse momento os moldes que serviam para explicar tudo não mais correspondiam com a complexidade instalada no mundo.

A história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores (ALBERTI, 2005, p. 18).

No entanto, antes de ser reconhecida como uma possibilidade de metodologia, a História Oral enfrentou inúmeros desafios. Tudo o que era subjetivo, como o testemunho oral, era desconsiderado e não tinha valor de prova. Somente a partir da segunda metade do século XX que os depoimentos orais passam a ser validados, e então a História Oral se firma como uma possibilidade de metodologia para os estudos sobre fatos históricos e sociais. A utilização do testemunho se tornou viável pela invenção do gravador portátil, na década de 1960, já que o equipamento proporciona o armazenamento do depoimento. Sendo assim, ele pode ser utilizado por diferentes pesquisadores/as, em diferentes momentos. Isso permite que a versão a ser estudada através de um depoimento seja analisada por diferentes olhares e sejam comparadas com outras versões (ALBERTI, 2005).

A discussão sobre a legitimação do uso da História Oral parece já ter sido superada. No entanto, o que ainda não é consenso entre os/as autores/as são as diferentes maneiras e usos da História Oral e os cuidados que devem ser tomados para garantir a seriedade de um trabalho que a utiliza como ferramenta.

No Brasil, existe um documento considerado como basilar para as orientações do trabalho com a História Oral. Trata-se do Manual de História Oral (ALBERTI, 2005), produzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Essa obra referencial inspirou o trabalho realizado pelo Projeto Garimpando Memórias, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte, cujo processo de certa forma testemunha a necessidade de reinvenção da metodologia adaptando-a, por exemplo, ao contexto das práticas corporais e esportivas. Nesse sentido, alguns termos utilizados vão mudando diante de uma nova visão sobre o assunto ou mesmo da especificidade temática. Um exemplo das alterações realizadas ao longo do tempo pelo CPDC é indicado por Alberti (2012), quando menciona que substituiu no Manual de História Oral, o termo “versão” se referindo ao conteúdo de um depoimento para “narrativa”,

visto que o uso do termo versão acaba reduzindo o seu significado e a sua importância em uma pesquisa de história oral, tirando o foco do que ela documenta.

Muitas vezes a História Oral pode ser reduzida a ideia de complementação da história contada através dos livros. Todavia, seu objetivo não é apenas completar as lacunas existentes na história oficial ou nas informações advindas de outras fontes, nem mesmo produzir informações inéditas. A sua particularidade consiste em:

Uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É nesse sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória (ALBERTI, 2005, p. 23).

A autora destaca também a importância do/a pesquisador/a não apenas produzir as suas fontes, mas também na análise sobre elas:

E nossos entrevistados? Para quem falam? Para nós, os entrevistadores, certamente - E por isso é tão importante, para a análise da entrevista, saber quem é o entrevistador e como ele se apresentou, para entendermos a relação de entrevista que ali se estabeleceu e, por extensão, entendermos (ou procurarmos entender) por que o entrevistado disse o que disse (ALBERTI, 2012, p.162).

Rúbio (2003) reforça essa ideia de que cabe ao pesquisador/a ou entrevistador/a interpretar cada momento da entrevista e a forma como a linguagem foi utilizada:

A forma como o narrador se coloca diante dos fatos lembrados e a linguagem utilizada para descrever esses fatos permitem ao pesquisador levantar hipóteses e fazer interpretações sobre a importância do acontecimento relatado e dos elementos do imaginário aí contidos (RÚBIO, 2003, p. 33).

Esta dissertação narra a trajetória esportiva da Adrian Gomes, cujos acontecimentos, fatos e memórias registrados aconteceram em um passado recente, “mas que se torna distante e estranho pela velocidade das transformações que marcam o tempo presente” (RODEGHERO, 2016, p. 80).

Partindo da ideia de que a historiografia oficial do esporte costuma esquecer as pessoas consideradas como derrotadas e que é “sempre escrita pelos

vencedores” (RÚBIO, 2015), elucido a importância de escrever sobre a trajetória de uma atleta como a Adrian, cuja carreira teve relevância para a ginástica tanto no contexto nacional, quanto no estado do Rio Grande do Sul. Como a ginástica artística, assim como tantas outras modalidades, não tem representatividade e visibilidade na mídia, se faz necessário registrar as memórias dessa atleta.

A História Oral foi escolhida como aporte teórico-metodológico desta dissertação porque se diferencia de outros métodos, quando assume o papel de dar visibilidade aos que são excluídos, possibilitando assim um novo olhar para uma determinada realidade (PATAI, 2010). Nesse caso, uma atleta olímpica da ginástica, uma das poucas ginastas do estado do Rio Grande do Sul que participou de uma edição dos Jogos Olímpicos, mas que não deu seguimento a sua carreira no esporte. Uma atleta cuja visibilidade reside nas sombras, ainda que tenha marcado a história da ginástica artística do Rio Grande do Sul.

Como já mencionei, os documentos escritos por muito tempo tinham maior credibilidade no contexto da produção historiográfica. No campo da Educação Física e Esporte essa constatação é referenciada por Melo (1996) quando analisa a historiografia brasileira da Educação Física e Esporte. Segundo o autor, utilizar fontes de naturezas distintas pode “contribuir para evitar unanimidades ou dicotomizações na forma de interpretar nossa história” (p. 44).

Ou seja, a partir da década de 1990, os registros de memórias orais foram sendo valorizados, e a partir de então as entrevistas ganham legitimidade e passam a ser reconhecidas como documentos que narram uma versão do passado. Em relação a subjetividade presente nos discursos, se percebe que:

Não é mais fator negativo o depoente poder “distorcer” a realidade, ter “falhas” de memória ou “errar” em seu relato; o que importa agora é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e por que razão e em que medida sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes (ALBERTI, 2005, p. 19).

Todas as pessoas, mesmo quando vivenciam o mesmo fato, têm percepções diferentes e acabam narrando também de maneiras diferentes. Não considerando que aquele momento seja uma verdade ou uma mentira, mas sim uma forma de narrar uma parte da sua história. Além disso, a autora considera a entrevista a partir do contexto da sua produção:

Trata-se de um diálogo entre entrevistado e entrevistadores, de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada. Nesse sentido, é sua característica se desenvolver em meio a recuos e evocações paralelas, repetições, desvios, interrupções, que lhe conferem um potencial de análise em grande parte diverso daquele de um documento escrito: a análise da entrevista tal como efetivamente transcorreu permite que se apreendam os significados não diretamente ou intencionalmente expressos; permite que o pesquisador se pergunte por que a questão x evocou y ao entrevistado; por que, ao falar de z recuou para a; porque não desenvolveu a questão c assim como fez em b e assim por diante (ALBERTI, 2005, p. 24).

Sendo assim, percebo que o momento da entrevista é parte fundamental do trabalho, podendo definir os rumos que a pesquisa pode tomar. Cada detalhe que acontece durante a entrevista pode ajudar a construir um contexto. Olhares, pausas e recuos na memória podem nos indicar o que está além das memórias que estão sendo compartilhadas com o pesquisador.

Segundo Patai (2010), a realização da entrevista é um momento importante, pois o/a entrevistado/a revive e revisita suas memórias e as reconstrói de acordo com o que está vivendo no momento. É fundamental observarmos que a nossa identidade e a percepção que temos sobre nós mesmos muda a cada instante. Por isso, a entrevista deve ser considerada como um momento único durante nossas pesquisas. A preparação do/a entrevistador/a, do material que venha a ser utilizado e o cuidado com o ambiente onde a entrevista será realizada, são passos fundamentais que devem ser observados a fim de obter um resultado de qualidade para a pesquisa.

Segundo Veloso (2016), o êxito de uma boa entrevista significa que um encontro abre janelas. É normal nos cobrarmos e acharmos que a entrevista não foi boa o suficiente, seja em função do tempo, ou de um possível distanciamento entre o/a entrevistador/a e o sujeito da pesquisa. No tocante a minha pesquisa, por vezes, assim me senti, até que percebi que a cada novo encontro com a Adrian a distância entre nós diminuía, permitindo que surgissem novos elementos para pensar e reconstruir a sua trajetória. Às vezes, uma entrevista me possibilitava refazer meu caminho, abrir os olhos para detalhes que não tinha percebido antes ou até mesmo ampliar as minhas fontes de pesquisa, incluindo nomes para constituir a rede de entrevistados/as.

A relação entre o/a entrevistador/a e entrevistado/a também influencia no resultado da pesquisa. Uma boa interação entre ambos é primordial para uma boa entrevista. Considerando que a pessoa entrevistada é detentora de um material bruto, que são as suas memórias, quem conduz a entrevista tem o conhecimento necessário para lapidar esse material e o transformar em narrativa. Existe uma relação de interdependência entre ambos. O/a entrevistador/a precisa do/a entrevistado/a para obter o material necessário para escrever a história, ao mesmo tempo em que o/a entrevistado/a precisa do/a pesquisador/a para dar voz a sua história. Entre as partes envolvidas na entrevista, não podemos entender que o/a entrevistador/a desempenha função de destaque só porque é o/a detentor/a do conhecimento capaz de transformar as memórias do/a entrevistado/a em uma narrativa (PATAI, 2010).

Assim como o indivíduo entrevistado imprime em suas histórias aquilo que está vivendo no momento, o/a entrevistador/a pode acabar transpassando para a entrevista sua opinião/impressão prévia sobre determinado assunto abordado (PATAI, 2010). Obviamente, devemos ter cuidado para não deixar que nossas ideias generalizadas tomem conta da entrevista, no entanto, é praticamente impossível impedir que elas estejam presentes. Precisamos saber dosar essa interferência.

O conteúdo da entrevista será transformado em um documento escrito após a sua realização. A versão escrita de uma narrativa deve dar conta de transformar o que foi dito (palavra falada) em palavra escrita. Entretanto, entre essas existe uma certa distância (PATAI, 2010). É necessário manter a fidelidade, o sentido do que foi dito quando a entrevista for transformada em um documento escrito. Por esse motivo o processo de transcrição deve ser feito com muito cuidado.

Segundo a autora supracitada, existe toda uma crítica à História Oral, em função da sua falta de objetividade, mas também pela transformação do que foi dito em um documento escrito. Durante uma entrevista, o/a pesquisado/a está contando a sua história de vida e é comum e aceitável que existam momentos de confusão em relação a determinados fatos da vida, momentos de autocensura. Essa foi uma das dificuldades que tive durante a minha pesquisa, ou seja, entender qual a melhor forma de fazer os acontecimentos da vida da pessoa fazerem sentido. Por essa razão, busquei a História de Vida como aporte teórico na tentativa de entrelaçar aquilo que a ginasta narrou com os sentidos atribuídos a sua existência no esporte e fora dele.

O autor que vai escrever a narrativa da vida tem uma responsabilidade muito grande diante do sujeito de sua pesquisa, pois, no seu papel de entrevistador, apresenta através de uma narrativa uma versão das histórias de vida de uma pessoa. Essas histórias não são fixas, elas se moldam a todo instante, à medida que vamos adquirindo novas experiências e mudando nosso olhar sobre nossas vidas e nossas trajetórias (PATAI, 2010).

Assim, ao tentar reconstruir a trajetória esportiva da Adrian Gomes, busco suporte na História de Vida. Uma das justificativas para essa escolha recai na percepção de que, dentro do campo da história do esporte, grande parte das biografias que existem versam sobre homens que foram atletas ou treinadores e que tiveram grande destaque na mídia. Poucos estudos abordaram a trajetórias de atletas mulheres, conforme indicam Macedo e Goellner (2013) ao analisar a contribuição dos estudos biográficos para a historiografia do esporte e da Educação Física no Brasil. Em função disso, me inspiro nas dissertações de mestrados produzidas por integrantes do CEME que são pioneiras no contexto das histórias de vida de mulheres no futebol brasileiro. Refiro aqui as pesquisas que narram a trajetória esportiva de Aline Pellegrino⁸ (JORAS, 2015) e da Eduarda Marranghello⁹ (RAMOS, 2016).

Joras (2015) realizou um levantamento sobre o que havia sido produzido a respeito de história de vida de atletas no período de 2000 a 2015. Além das publicações apresentadas na ilustração a seguir, complementam as produções sobre história de vida de atletas, as dissertações citadas anteriormente e o trabalho de Melo e Rúbio (2017) sobre mulheres atletas olímpicas brasileiras¹⁰.

⁸ JORAS, Pamela Siqueira. Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, UFRGS. 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143193/000994330.pdf?sequence=1>>.

⁹ RAMOS, Suelen dos Santos. Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda). Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, UFRGS. 2016. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151421/001012039.pdf?sequence=1>>.

¹⁰ MELO, Gislane Ferreira. RÚBIO, Kátia. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2017. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/7672>>.

QUADRO 3: Publicações sobre histórias de vida de atletas

AUTORIA	TÍTULO	VEÍCULO	FORMATO	ANO
Marcel Diego Tonini	Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)	Biblioteca Digital USP	Tese	2010
Jorge DorfmanKnijinik	From the Cradle to Athens: The Silver-Coated Story of a Warrior in Brazilian Soccer	Sport Traditions	Revista	2011
Claudia Maria de Farias	Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras	Estudos Feministas	Revista	2011
Enny Vieira de Moraes	As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 – 1990)	PUC/SP	Tese	2012
Mayara de Almeida Barbosa e Eliane Freire de Oliveira	Fabiola Molina: Um mergulho na vida	Intercom	Livro/reportagem	2012
Fernando Antonio De La Espriella	Historia de vida de Lely Luz Flórez Meza: boxeadora colombiana ex-campeona mundial de la categoría wélter junior del Consejo Mundial de Boxeo (CMB)	Educación física y deporte	Revista	2013
Gabriela C. de Souza	Narrativas do judô feminino brasileiro: Construção da historiografia de 1979 a 1992	Anpuh	Anais	2013
Guilherme Augusto Talamoni, Flávio Ismael da Silva Oliveira, Dagmar Hunger	As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador	Movimento	Revista	2013

Fonte: Joras (2015).

Apresentadas as publicações que versam sobre histórias de vidas de atletas, ressalto a inexistência de trabalhos sobre ginastas brasileiros/as.

Considerando esse aspecto, esta dissertação foi realizada dentro de um projeto já consolidado do Centro de Memória do Esporte, que é o “Garimpendo Memórias: esporte, educação física e dança no Brasil”, com fundamentação teórico-metodológica na História Oral. Esse projeto, em função de sua longevidade, possui uma metodologia estruturada, que se encontra expressa em um documento

intitulado “Garimpendo Memórias: manual básico” (CEME, 2017), o qual foi basilar para esta pesquisa. Seguindo esse Manual, os procedimentos metodológicos para a realização das entrevistas seguiram os seguintes passos:

1. Elaboração do roteiro: A partir de uma pesquisa inicial realizada sobre a trajetória da atleta, foram elaborados roteiros que auxiliaram no direcionamento da entrevista. As questões abordadas foram alteradas no decorrer da sua realização conforme as respostas foram emergindo.

2. Realização da entrevista: Durante essa etapa, foram tomados alguns cuidados para garantir a qualidade da entrevista, tais como a escolha de um local adequado e a forma como me posicionei, respeitando o espaço de fala da pessoa entrevistada. O áudio foi captado através do gravador digital e foram tomados os cuidados necessários para que não houvessem ruídos externos que pudessem vir a dificultar a próxima etapa desse processo.

Feitas as entrevistas iniciei o seu processamento que englobou as seguintes etapas:

3. Transcrição: etapa que compreende a transformação do áudio em um documento escrito. Essa etapa requer atenção, pois o documento escrito deve ser fiel ao que foi dito.

4. Copidesque: Nesse momento, a leitura do documento foi feita simultaneamente com a escuta do áudio, onde foi realizada uma adequação a norma escrita, ajustando o documento para facilitar a sua leitura.

5. Devolução para conferência: As entrevistas foram devolvidas para que a pessoa entrevistada pudesse fazer alterações e acrescentar as informações que desejasse.

6. Assinatura da Carta de Cessão: Através da assinatura do documento, cada um/a dos/as entrevistados/as concedeu ao Centro de Memória do Esporte a propriedade e os direitos de divulgação do depoimento em sua forma escrita, e disponibilização no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte.

7. Revisão final: essa etapa compreendeu uma última leitura do documento a fim de possibilitar a sua publicação.

Como em todo trabalho científico, foi necessário fazer escolhas metodológicas. Mesmo considerando que a atleta Adrian Gomes teve boa parte de sua carreira enquanto ginasta no clube Grêmio Náutico União, preferi dar um

enfoque diferente para este trabalho em função de existir um atrito entre a ginasta e o clube.

Comecei o trabalho das entrevistas com a própria Adrian Gomes. A partir de nomes que surgiram nessa entrevista, comecei a montar a minha rede de entrevistados. Selecionei as pessoas a partir do envolvimento que tiveram com a Adrian no Núcleo de Base do Alto Rendimento na ESEF, onde a ginasta treinou durante três anos. Por isso, o primeiro entrevistado foi o professor da UFRGS, João Carlos Oliva, que era o coordenador do projeto na época. O projeto tinha como objetivo fomentar o esporte de alto rendimento, possibilitando um espaço de treinamento de Ginástica Olímpica. O professor trabalhou com a Adrian no período de 2005 a 2008. Além disso, entrevistei o Sérgio Stringhini e a Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue, que foram treinadores da atleta nesse período de 2005 a 2008.

Em relação aos treinadores da Adrian no período em que treinou no clube Grêmio Náutico União, Adriana Alves e Eliseu Burtet, cabe informar que entrei em contato com a Adriana Alves. No entanto, ela não aceitou conceder a entrevista porque atualmente é funcionária do clube e em função do processo que a Adrian tem contra o clube na Justiça, não quis se colocar em uma situação delicada perante o GNU. Eliseu também é funcionário do clube atualmente, o que o impediria de participar de uma entrevista.

Da família, parte extremamente importante na sua trajetória enquanto atleta, entrevistei seu marido, Lucas Barreto Neves, que esteve ao seu lado durante boa parte de sua carreira, considerando que estão juntos há dez anos. Também realizei uma entrevista com a mãe da ginasta, Vera Lúcia Nunes Gomes, que disponibilizou o acesso ao acervo da atleta.

Após a realização dessas entrevistas, senti a necessidade de entrevistar novamente a ginasta Adrian para abordar mais aspectos da sua trajetória em relação ao período em que treinou no Núcleo de Base do Esporte de Alto Rendimento na ESEF, sua participação nos Jogos Olímpicos e a continuidade da trajetória após o momento em que decidiu parar de treinar.

Posteriormente à realização dessa entrevista e analisando o conteúdo das demais entrevistas, percebi que as informações vinham se cruzando e se repetindo, por isso, considerei que era suficiente o material que tinha coletado.

Na trajetória da Adrian passaram pessoas que foram, e ainda são, muito importantes para o desenvolvimento da modalidade no estado do Rio Grande do Sul. Por isso, através da produção de registros, busco dar visibilidade a esses indivíduos através do depoimento de pessoas envolvidas com a GA. Esses depoimentos serão disponibilizados no Repositório Digital da UFRGS – LUME e, posteriormente, poderão ser acessados por outros pesquisadores que desejarem investigar sobre a modalidade, contribuindo assim em futuras pesquisas.

3.2. ACERVO PESSOAL

Terminado o processo das entrevistas, iniciei um trabalho de organização do material do acervo da ginasta. Todo esse processo durante a minha pesquisa de mestrado se mescla com a minha experiência enquanto bolsista de iniciação científica, pois, a experiência que tive com acervos documentais durante a graduação foi fundamental para a construção deste trabalho. Inicialmente, separei o material de acordo com a categoria: fotos, reportagens, certificados, crachás/credenciais dos eventos e competições que participou, medalhas, etc.

Em um primeiro momento, Vera Gomes, a mãe da atleta, que guardava o acervo em sua casa, apresentou resistência em emprestar o material, visto que anteriormente parte desse acervo havia se perdido. No início da trajetória da Adrian, sua mãe havia emprestado os certificados de competições para uma pessoa que quis ajudá-la com patrocínio e nesse processo o material foi perdido.

A parte do material que ela me emprestou pude levar para realizar os procedimentos necessários de higienização, bem como a sua organização e classificação. As condições de armazenamento dos objetos não eram apropriadas para a sua conservação, inclusive algumas fotos estavam manchadas. O pouco cuidado com os objetos que remetem às vivências na ginástica artística, ilustra episódios da memória que devem ser esquecidos.

Após a higienização e a digitalização do acervo da atleta, busquei dividir todo esse material em etapas para facilitar a análise. A primeira delas diz respeito ao período inicial de sua trajetória como atleta, de 1997 a 2008. O segundo momento compreende a segunda fase de sua trajetória, de 2009 a 2014, quando a atleta parou de competir.

O material digitalizado será disponibilizado futuramente no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte.

QUADRO 4: Materiais do acervo da atleta Adrian Gomes

Tipo	Quantidade
Crachás de identificação e credenciais de competições	28
Certificados	20
Medalhas	80
Pasta com montagem de fotos e reportagens	1
Revistas	2
Receita médica	1
Autorização para viagem	1

Fonte: A autora, baseada no material analisado.

3.3. PERIÓDICO

Escolhi o jornal Zero Hora pela centralidade que tem no estado do Rio Grande do Sul, e me detive a pesquisar informações nesse periódico durante o período de realização dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Busquei no jornal reportagens desde um mês antes do início da competição e, assim, pude compreender o imaginário da preparação e expectativa em relação a participação de atletas gaúchos/as nos Jogos Olímpicos.

No período analisado, foram encontradas oito reportagens que tematizavam a ginástica, sendo que duas estavam relacionadas a Adrian Gomes. A primeira delas apresenta ao leitor os/as atletas gaúchos/as selecionados/as para a competição, e a segunda diz sobre a lesão que tirou a ginasta da disputa dos Jogos Olímpicos.

Durante a consulta a esse periódico, pude perceber a ênfase dada ao futebol masculino enquanto as demais modalidades são praticamente esquecidas, sendo reservado a elas apenas um espaço muito pequeno no jornal. Até mesmo no mês de junho, que antecedia a realização dos Jogos Olímpicos de Londres – o evento esportivo de maior repercussão no mundo – o número de reportagens relacionadas ao futebol era muito maior. No mês de julho, os acontecimentos relacionados aos Jogos Olímpicos tinham uma sessão reservada a eles, mas, ainda assim, o futebol masculino continuava tendo um destaque muito grande em relação a participação dos atletas brasileiros das demais modalidades dos Jogos Olímpicos.

Com base nas fontes orais e documentais utilizadas na dissertação, pude elaborar o quadro abaixo que mostra algumas das competições que a ginasta participou:

QUADRO 5: Algumas das competições que a atleta participou

Competição	Ano	Local
Campeonato Brasileiro de GA e II Etapa do Circuito Caixa de GA e GR	2011	Guarulhos
I Artistic Gymnastics Meeting Brazil	2011	Natal
Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica 1ª divisão	2002	Sogipa Porto Alegre
Campeonato Estadual Pré-infantil e juvenil 1ª divisão	2003	Sogipa Porto Alegre
Campeonato Brasileiro Juvenil e pré-infantil de Ginástica Olímpica	2004	Pomerode-SC
Copa Pan-Americana de Clubes	2002	Brasília
Campeonato brasileiro de Ginástica Olímpica Feminina	2002	Curitiba
VIII Jogos da Juventude	2004	
Campeonato brasileiro de Ginástica Artística	2010	Vitória-ES
VI Jogos da Juventude	2002	Goiás
Etapa Final do Circuito Caixa de GR e GA	2010	Natal-RN
Campeonato brasileiro de Ginástica Olímpica Enrique Rapesta	2003	Campo Grande –RJ
Pan-Americano Interclubes	2000	Monterrey – México
Fisher Cup – Copa de Seleções Estaduais de Ginástica Olímpica Feminina	2001	Sogipa- Porto Alegre

Campeonato Brasileiro Infantil de Ginástica Olímpica	2001	São Paulo
X Copa Internacional Spieth-Sogipa de Ginástica Olímpica	2003	Porto Alegre
Campeonato Brasileiro Adulto	2004	Porto Alegre
Copa do Mundo de Ginástica Olímpica	2005	São Paulo
Campeonato Brasileiro Caixa de Ginástica Artística	2006	

Fonte: A autora, baseada no material analisado.

A partir das fontes coletadas em jornais e no acervo da atleta, juntamente com as fontes orais que foram produzidas durante o processo da pesquisa, pude reuni-las e construir, assim, a narrativa da trajetória esportiva da Adrian Gomes, que é apresentada nos estudos a seguir.

4 A PARTICIPAÇÃO DE GINASTAS DO RIO GRANDE DO SUL NOS JOGOS OLÍMPICOS: TRAJETÓRIAS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS¹¹

Resumo: Fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral, este texto tematiza a participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos Jogos Olímpicos, tendo como foco suas narrativas. Como fontes foram utilizadas entrevistas realizadas com os/as sete ginastas gaúchos/as participantes desse megaevento e outras narrativas cujo conteúdo se relaciona com o tema. As entrevistas foram cotejadas com outras fontes como reportagens, livros, artigos acadêmicos e atlas esportivos. A análise de conteúdo foi utilizada como ferramenta analítica, considerando as etapas de pré-análise, exploração do material empírico e tratamento dos dados. Do entrecruzamento entre as fontes, identificamos que os/as ginastas iniciaram sua trajetória esportiva na escola e posteriormente se transferiram para clubes, onde tiveram formação básica na ginástica, e para aprimorar suas performances migraram para outros estados. A participação nos Jogos Olímpicos foi representada como um momento ímpar em suas trajetórias, inscrevendo a ginástica em suas memórias, histórias e corpos.

Palavras-chave: Ginástica; Jogos olímpicos; Memória

A realização dos Jogos Olímpicos de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, possibilitou que várias modalidades esportivas adquirissem visibilidade em um país cuja cobertura midiática está focada no futebol espetacular praticado pelos homens. Possibilitou também a exibição de diferentes atletas, cujas conquistas foram representadas como feitos heroicos diante de um território pleno de competitividade, desafio e superação.

Considerando esse contexto, este artigo tematiza a participação de ginastas do Rio Grande do Sul nesse megaevento esportivo¹², tendo como foco suas próprias narrativas. Entendemos que o registro de suas trajetórias cumpre uma função pedagógica e política de visibilizar quem fez e faz o esporte acontecer e, assim, valorizar suas memórias e histórias.

¹¹ O presente estudo está adaptado às normas da revista *Motrivivência*, para a qual fora encaminhado.

¹² Este artigo decorre do projeto *Gaúchos Olímpicos: reconstruindo memórias e produzindo histórias* que contou com o financiamento de Edital Universal do CNPq.

A escolha pela ginástica tem profunda relação com a história do esporte no Rio Grande do Sul, visto que essa prática corporal se estruturou no final do século XIX, tornando-se pioneira em relação a outros esportes no cenário regional e a outras manifestações ginásticas no contexto nacional. A fundação da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (Sogipa), em 1867, a criação da Liga de Ginástica do Rio Grande do Sul, em 1885, e a realização da primeira competição de ginástica do Brasil que aconteceu na cidade de Hamburgo Velho, em 1951, são alguns dos indicadores do caráter pioneiro do esporte cuja disseminação é atribuída à imigração alemã (PUBLIO, 2004; NUNOMURA; PICCOLO, 2008; SCHIAVON *et al.*, 2013).

Dentre as modalidades reconhecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), apenas a Ginástica Artística (GA), a Ginástica Rítmica (GR) e a Ginástica de Trampolim (GT) integram o programa olímpico, e destas somente a última não contou com a presença de atletas do Rio Grande do Sul. Ao longo da história dos Jogos Olímpicos, identificamos sete atletas nascidos em solo gaúcho, sendo duas na Ginástica Rítmica e cinco na Ginástica Artística, destes, dois na função de treinadores.

Gérson Klippel Gnoatto inaugurou essa participação sendo o único ginasta brasileiro que disputou os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984. Passaram-se oito anos até que Marta Cristina Schonhorst assegurasse uma vaga individual na Ginástica Rítmica nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. No ano 2000, nos Jogos Olímpicos de Sidney, Natália Scherer Eidt se tornou a segunda gaúcha a integrar a equipe de Ginástica Rítmica e, nessa mesma edição, Daiane dos Santos integrou a equipe da Ginástica Artística ainda que não tenha competido. Nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, a Ginástica Artística contou novamente com a participação de Daiane dos Santos e de outro ginasta gaúcho, Mosiah Rodrigues, além dos treinadores: Adriana Alves, que acompanhou Daiane, e Leonardo Finco da equipe masculina. Daiane dos Santos ainda participou de mais duas edições dos Jogos Olímpicos: em Pequim no ano de 2008, e em Londres em 2012. Nesta última edição, a equipe brasileira contou ainda com a treinadora Adriana Alves e com a ginasta Adrian Gomes que não competiu em função de uma lesão ocorrida dias antes da sua prova.

Considerando esses registros e justificado pela escassez de publicações que visibilizam a história de atletas do Rio Grande do Sul nos Jogos Olímpicos, este artigo analisa essa presença a partir da narrativa daqueles/as que protagonizaram

essa história. Nesse sentido, partilhamos a afirmação de Katia Rúbio ao apontar que o esporte olímpico apresenta:

[...] as marcas de um fato que se configura como social e se perpetua no atleta como o narrador de eventos que colaboram para a formação de um imaginário esportivo. Isso porque na condição de protagonista de espetáculo ele tanto é o herói de seu tempo como o anônimo em um futuro chamado pós-carreira (RÚBIO, 2016, p. 14).

Para tanto, fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica da História Oral¹³ (ALBERTI, 2005; MEIHY, 1998), entendendo que as narrativas advindas das entrevistas não representam a verdade do acontecido, mas o modo como os/as ginastas perceberam sua participação neste megaevento esportivo. Acessar suas memórias, sentimentos e significados que atribuem às suas trajetórias significa entender a “presença do passado no presente imediato das pessoas” (MEIHY, 1998, p. 13), levando em conta o modo como os/as narradores/as rememoram o acontecido. Afinal, ao recorrermos à memória de pessoas, acessamos experiências que são individuais e coletivas, pois, ainda que a memória seja guardada por um indivíduo tendo como referência suas experiências e vivências, ela está marcada pelo grupo social com o qual conviveu e se socializou, e essa sociabilidade se configura como um elemento essencial da formação de sua identidade, da percepção que tem de si mesmo e dos outros (ALBERTI, 1989; FERREIRA; AMADO, 1996).

Para este artigo foram realizadas entrevistas com Daiane dos Santos, Mosiah Rodrigues, Natália Eidt, Adrian Gomes, Adriana Alves e Leonardo Finco. Também foi utilizada uma entrevista anteriormente concedida por Gérson Klippel Gnoatto, além de outras produzidas pelo Projeto Garimpando Memórias¹⁴, em especial aquelas que tematizam a presença de atletas em megaeventos esportivos e as que versam sobre as modalidades ginásticas. Essas entrevistas foram cotejadas com outras fontes, como reportagens publicadas em jornais, livros e artigos acadêmicos, além de três obras referenciais: Atlas do Esporte no Brasil (DACOSTA, 2004), Atlas do Esporte

¹³ As entrevistas foram produzidas em gravador digital e, posteriormente, processadas seguindo as etapas de transcrição, conferência de fidelidade, copidesque, assinatura da carta de cessão de direitos autorais ao Centro de Memória do Esporte (ESEFID-UFRGS) e publicação no LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Projeto vinculado ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710.

no Rio Grande do Sul (MAZO; REPOLLID FILHO, 2005) e Enciclopédia Olímpica Brasileira (RUBIO, 2015). Todas as fontes foram analisadas com a mesma importância e significação, visto que “a relação história oral e pesquisa documental é bidirecional e complementar. Ambas fornecem simultaneamente subsídios e informações à outra, tornando o processo de construção de fontes orais extremamente desafiante e rico” (DELGADO, 2006, p. 25).

Como ferramenta metodológica foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2000) a partir de três fases distintas: a pré-análise, a exploração do material empírico e o tratamento dos dados. Do entrecruzamento entre as entrevistas e os diferentes documentos que compõem o corpus empírico da pesquisa, destacamos dois temas que foram recorrentes nas narrativas dos sujeitos que compõem este estudo: a inserção na ginástica e a participação nos Jogos Olímpicos.

4.1 A INICIAÇÃO EM SOLO GAÚCHO E A MIGRAÇÃO PARA APERFEIÇOAMENTO

O primeiro contato com a ginástica parece ser comum aos/às atletas entrevistados/as e se deu a partir de duas instituições: a escola e o clube esportivo. Ainda que em contextos diferentes e em temporalidades distintas, esses locais promoveram modos de praticar a ginástica que marcaram o corpo e a subjetividade das crianças que posteriormente dedicaram-se ao esporte transformando-se em atletas ou treinadores/as olímpicos/as.

Com exceção de Gerson, todos os/as ginastas iniciaram na modalidade no contexto escolar, local onde suas habilidades e potencialidades foram observadas. Mosiah narra que teve sua iniciação com seis para sete anos em uma escola municipal de Porto Alegre, onde participava de um projeto de capoeira. Relembra que seu professor identificou seu potencial de atleta e “fez uma autorização à próprio punho, levou isso até a minha mãe, para ter autorização para me levar até o clube, ele me levou até o Grêmio Náutico União, fiz um teste lá e enfim, troquei a capoeira pela ginástica artística” (RODRIGUES, 2013, p. 1). Adrian aponta que iniciou nessa mesma faixa etária: “com seis anos, comecei na Educação Física porque tinha ginástica. Fazia duas vezes na semana e a professora me viu, perguntou se eu queria participar dos treinos (GOMES, 2014, p. 1). O mesmo aconteceu com Daiane, porém de modo mais tardio.

Ao contrário de muitas meninas que iniciam cedo na ginástica, em média aos seis anos, Daiane descobriu seu talento tarde, já aos 11. Ela brincava com uma amiga numa praça quando foi vista pela professora Cleusa de Paula, que logo a levou para treinar na Associação dos Amigos do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (ESPORTE ESSENCIAL, 2014, s/p.).

Marta e Natália também conheceram a Ginástica Rítmica no contexto escolar. A primeira nasceu na cidade de Passo Fundo, mas frequentou o colégio na capital, onde praticava as modalidades de voleibol, ginástica e atletismo. “Aos sete anos optou pela Ginástica Rítmica e passou a treinar na Sogipa” (RÚBIO, 2015, p. 356). Natália fez a sua formação inicial na cidade onde nasceu, Santa Cruz do Sul, lá frequentou o Colégio Mauá e nele se aproximou da ginástica: “Eu comecei a praticar ginástica com cinco anos de idade, no colégio, em uma demonstração feita na escola, porque na minha escola a modalidade era demonstrada e eu me interessei e comecei a praticar, foi assim que começou” (EIDT, 2014, p. 1).

Gérson trilhou um caminho diferente: foi induzido no esporte por força da trajetória esportiva de seus pais. Dante Gnoatto integrou a equipe brasileira que participou do I Campeonato Mundial de Ginástica disputado em Roma no ano de 1954. Cabe destacar que dos seis atletas da equipe, três eram no Rio Grande do Sul, fato que tem forte relação com a história da modalidade. Afinal, “o início de sua prática institucionalizada ocorreu na região Sul e as primeiras Federações no país foram fundadas na região Sudeste (RS, SP e RJ), fatos que colaboraram para o desenvolvimento privilegiado da ginástica” (SCHIAVON *et al.*, 2013, p. 4). Sua mãe também era ginasta e estava grávida dele quando participou dos Jogos Pan-Americanos realizados em São Paulo em 1963. O grande envolvimento e a paixão pelo esporte fizeram com que Dante levasse seus três filhos para o Grêmio Náutico União, no entanto, conforme registra em sua entrevista: “só o que ficou foi o Gerson. Foi campeoníssimo” (GNOATTO, 2005, p. 3).

Merece destaque na formação dos/as ginastas sul-rio-grandenses um espaço de gestão pública: o Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), criado em 1963 sob gestão do governo estadual. Exceto Marta e Natália, as atletas da Ginástica Rítmica e os/as demais atletas tiveram passagem neste centro, inclusive Leonardo Finco e Adriana Alves que fizeram carreira como treinadores. Vejamos:

Eu comecei tarde na modalidade que eu atuo que é a ginástica. Eu nasci no interior e na cidade em que eu nasci não existia. Vim morar em Porto Alegre quando eu tinha doze anos, queria praticar um esporte aqui, me indicaram o CETE, na época eu vim conhecer o que tinha de esporte, que eram vários. Olhei para a ginástica, me apaixonei e a partir daí fui atleta, pouco, dos doze aos dezoito (FINCO, 2013, p. 1).

Na verdade comecei na escola estadual, em Porto Alegre mesmo e eu comecei fazendo a parte de dança e de ginástica rítmica na escola, a professora da escola me encaminhou para o CETE, que é o Centro de Treinamento [...] ali eu comecei com a ginástica artística em 1981 (ALVES, 2013, p. 1).

O trabalho com a ginástica tem início no CETE no ano de 1976, e para “que as ginastas pudessem participar das competições, foram filiadas através da Associação dos Servidores da Secretaria de Educação e Cultura (SANTOS; NEGAMINE; BERNARDI, 2005, p. 30). O Centro possuía estrutura adequada e satisfatória para a iniciação esportiva, conforme podemos identificar no relato de Daiane ao se referir ao período no qual treinou nesse local: “Então, em relação à estrutura física de onde eu comecei, para a iniciação era boa. Tinha tablado, tinha fosso, paralela, solo. Era bem legal assim. O espaço era grande e era público! Nesse lugar tinham vários tipos de esporte” (SANTOS *apud* SCHIAVON, 2009, p. 189).

Zelira Eichenberg, uma das pioneiras no trabalho com a Ginástica Rítmica no Rio grande do Sul, indica em sua entrevista como se dava a transição de ginastas das dependências do CETE para os clubes esportivos:

Dentro do CETE, se fez uma associação desportiva para poder trabalhar. Então, essas crianças que eram escolhidas ou descobertas, eram levadas para essas associações desportivas que assim poderiam competir. No momento que os clubes começaram a abrir [...] as escolinhas eram a massificação. As escolinhas do CETE sempre foram a porta para entrar dentro da GR. Depois dali os técnicos escolhiam as ginastas (EICHENBERG, 2010, p. 4).

Daiane, Adrian e Mosiah são exemplares dessa afirmação e tão logo seus talentos foram detectados, migraram para o Grêmio Náutico União cujo foco era a competição. “Mas eu acho que a diferença de quando eu fui para o União acho que era a intensidade de treinamento. Que era uma coisa mais séria, e era mais no nível competitivo mesmo. Mais forte. No União tinha uma organização mais completa do

que tinha no CETE” (SANTOS *apud* SCHIAVON, 2009, p. 215). Daiane está se referindo ao ano de 1995 quando chegou ao clube e passou a ser treinada por Adriana Alves que, mesmo depois da atleta migrar para o Centro de Treinamento de Ginástica em Curitiba, no ano de 2002, continuou sendo sua treinadora, inclusive acompanhando a ginasta nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e de Pequim (2008). Adrian Gomes também faz essa análise quando rememora sua transferência do CETE para o União:

Na verdade, assim, no CETE era mais recreio, mais brincadeira e tal; claro tinha as competições que a gente achava muito legal, na verdade não valia quase nada, mas para a gente que era pequenininha valia muito... Depois quando eu fui fazer esse teste no União eu vi as pequeninhas lá, da minha idade, treinando, mas treinando muito assim, bem forte (GOMES, 2017, p. 3).

Mosiah fez um percurso um pouco diferente e da escola migrou diretamente para um clube: o Grêmio Náutico União, instituição que historicamente investiu na formação de ginastas de alto nível. Em sua entrevista relata: “Mas quem realmente faz ginástica artística no nosso estado é o Grêmio Náutico União; a Sogipa trabalha mais de forma de lazer mesmo, mais de atividade física, de proporcionar isso para as crianças, mas falando em esporte é só o Grêmio Náutico União” (RODRIGUES, 2013, p. 2). Diferente de suas colegas de modalidade, foi o único atleta que permaneceu no Rio Grande do Sul durante toda a sua carreira.

Eu entendi que eu podia, dentro do Grêmio Náutico União, chegar aos Jogos Olímpicos, enfim, de conseguir desenvolver o meu potencial. E por isso também eu não quis deixar o nosso estado. Tive convites de São Paulo, do Rio de Janeiro, mas aquela coisa, sem ter muita perspectiva de futuro, então, preferi ficar aqui onde seria o meu porto seguro, digamos assim, ter tranquilidade para poder treinar e me desenvolver tecnicamente (RODRIGUES, 2013, p. 3).

Sua classificação para os Jogos Olímpicos aconteceu em 2003 no torneio pré-olímpico realizado nos Estados Unidos. Nas suas palavras: “A nossa equipe não conseguiu nenhuma vaga, mas eu individualmente, pela minha competição, conquistei uma vaga, não para o Brasil, mas conquistei a minha vaga” (RODRIGUES, 2013, p. 3). A trajetória esportiva de Leonardo e de Adriana também se estruturou e se consolidou em solo gaúcho que, em grande medida, foi

responsável pela preparação de Mosiah e Daiane, cuja base foi formada no Grêmio Náutico União.

Em que pese as narrativas favoráveis dos atletas sobre a estrutura da ginástica no Rio Grande do Sul, vale registrar que, exceto Mosiah, todos migraram para outros estados visando o aprimoramento de sua formação. Segundo Gomes, Cros e Anjos (2016), a atratividade de outras cidades “acontece principalmente pelo amplo número de instituições esportivas que oferecem a prática de modalidades diversas, pelo maior número de competições e pela maior atenção midiática, que se converte em maiores possibilidades de patrocínios” (p. 14).

Gerson mudou-se para Belo Horizonte em agosto de 1980, então com 17 anos, visando qualificar-se para competir em campeonatos internacionais. Em função desse aprimoramento, no ano de 1983, participou do Campeonato Mundial, em Budapeste, onde obteve a classificação para participar dos Jogos Olímpicos de 1984. Em sua entrevista relembra: “eu fui classificado para ir para os Jogos Olímpicos nesse campeonato. Então, praticamente um ano depois, um pouco menos de um ano, a preparação que eu tive foi dentro do Minas Tênis Clube” (GNOATTO, 2014). Acontecimento este que não passou despercebido pela imprensa esportiva. Em junho de 1984 a Revista Placar destaca a presença do gaúcho em Minas Gerais:

No próximo sábado, dia 30, o público de Belo Horizonte poderá ver, com exclusividade de mundial, uma prova de ginástica de nível olímpico: Gerson Klippel Gnoatto, 20 anos, único ginasta brasileiro convocado para os Jogos de Los Angeles, apresenta na I Copa dos Campeões de Ginástica, marcada para o ginásio do Minas Tênis Clube, a série com que vai disputar uma modalidade olímpica (REVISTA PLACAR, 1984, p. 53).

As atletas da Ginástica Rítmica também deixaram o Rio Grande do Sul, seja por motivos pessoais, seja em busca de aperfeiçoamento. Marta viveu no Rio Grande do Sul apenas na infância. Aos 7 anos iniciou na ginástica, na Sogipa, e dois anos mais tarde participou de sua primeira competição. No entanto, foi em São Paulo e na Alemanha que fez sua formação, em função de transferências da sua família. A chance de participar de treinamentos no exterior fez com que melhorasse sua performance. Em 1989, participou do Campeonato Mundial na Iugoslávia e no ano seguinte conquistou a vaga individual para os Jogos Olímpicos de Barcelona, disputados em 1992, competição na qual conquistou a 41ª posição dentre as 43

atletas participantes. Natália vivenciou sua formação de base no estado, mais especificamente no Colégio Mauá na cidade de Santa Cruz do Sul, onde iniciou sua prática esportiva. Várias de suas vitórias aconteceram quando estava nessa instituição, com destaque para o Campeonato Sul-Americano realizado na Venezuela em 1999, quando ganhou três medalhas de ouro. Em 2000, a atleta “conquistou vaga na Seleção Brasileira Permanente de Conjunto em Londrina – PR, permanecendo nesta cidade até 2003” (SANTOS; NEGAMINE; BERNARDI, 2005, p. 31). Nesse mesmo ano, com apenas 14 anos de idade, participou dos Jogos Olímpicos de Sidney, se classificando com o 8º lugar no computador geral. Em sua entrevista rememora: “E foi assim a caminhada até a convocação, foi bem difícil porque eu sempre tive lesão e isso me desgastou muito, também foi difícil por ser do interior, daí competir e, às vezes achar injusto, porque tem toda essa questão de ser do interior e de um colégio” (EIDT, 2014, p. 5).

Um acontecimento foi determinante para a migração de Daiane, Adrian e Natália: a criação de centros de treinamentos das modalidades ginásticas. Em 2001, a Confederação Brasileira de Ginástica criou uma estrutura para a Ginástica Artística Feminina na qual “as melhores ginastas do Brasil passaram a treinar juntas em regime de concentração no Centro de Treinamento da modalidade em Curitiba¹⁵. Apenas as meninas que residiam com suas famílias na cidade voltavam para os seus respectivos lares após a longa jornada no ginásio que durava, em média, sete horas diárias, de segunda a sábado” (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012, p. 380). De maneira semelhante, foi criado um Centro de Treinamento para a Ginástica Rítmica junto a Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR), na cidade de Londrina, que também abrigou uma seleção permanente. Voltados para o alto rendimento, esses centros de excelência capturaram as ginastas gaúchas que, uma vez convocadas para a seleção nacional, passaram a neles treinar.

O processo de transferência, apesar de trazer projeção para as gaúchas, provocou desconfortos e desestabilizações. Adriana, técnica de Daiane, assim se refere a criação da seleção permanente:

A Daiane era nossa mídia dentro do espaço, então, as crianças vinham para ver a Daiane. [...] Então qualquer coisa que se fazia era

¹⁵ A preparação da equipe brasileira para os Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e de Pequim (2008) se deu na cidade de Curitiba em instalações mantidas pela Confederação Brasileira de Ginástica sob o regime de “seleção permanente”.

em função dela, e a saída dela para uma seleção permanente, para nós seria muito ruim, porque o clube teria ela em poucos momentos. [...] A seleção permanente, que eram os russos e a Confederação, não queria mais que nós treinadores nacionais, que não estivéssemos inseridos no sistema, estivéssemos muito próximos, porque eles diziam que cada vez que o ginasta vinha para seu clube ele engordava, ou ele treinava mal, entendeu? Eles começaram a colocar isso na cabeça das meninas, então, claro, elas não queriam mais voltar e lá elas tinham um ginásio de primeiro mundo, no clube elas não tinham um ginásio de primeiro mundo. Só que quem pagava o salário era o clube, quem tinha formado era o clube (ALVES, 2013, p. 6-7).

Se a condição, imposta pela CBG, para estar na seleção era morar nos Centros de Treinamento, a estadia longe da família também representava novos desafios para as ginastas. Natália relembra:

Eu acho que a ginástica me fez amadurecer muito mais cedo, até porque eu fui embora de casa com treze anos [...] Era muito diferente. Começando por uma treinadora russa, que tinha lá e era uma ex-atleta olímpica da ginástica que na Olimpíada de Atlanta em 1996 tinha conquistado o pódio pela Rússia [...] então, eu tive muita dificuldade porque era outro ritmo de treinamento (EIDT, 2014, p. 6).

Adrian também deixou seu clube para servir à seleção e, aos 14 anos, transferiu-se para São Paulo, experiência que a desestabilizou. “Foi uma época bem sofrida para mim, porque era uma coisa muito regrada e eu não estava preparada psicologicamente; fisicamente eu estava, mas psicologicamente não, eu acho que eu era muito pequena [...]” (GOMES, 2014, p. 2). O desajuste de Adrian fez com que fosse dispensada da equipe, a qual voltou a integrar apenas em 2009 quando fez sua preparação para participar dos Jogos Olímpicos de Londres, competição na qual foi acompanhada pela treinadora Adriana.

Enfim, tomando como referência as narrativas destes/as ginastas, podemos entender que ao expressarem aspectos relacionados a sua trajetória individual tornam visíveis questões afetas ao que Katia Rúbio denomina como a “cultura da modalidade”, cuja sedimentação e transformação é “influenciada pela tradição que envolve suas origens e continuidade, pelo momento histórico em que ela se realiza e também pelas políticas institucionais que regem a modalidade” (RUBIO, 2006, p. 19). Ou seja, as trajetórias esportivas só foram possíveis porque no Rio Grande do Sul as modalidades ginásticas integraram o rol de práticas corporais ofertadas nas instituições escolares e clubísticas. Foi na escola que os/as atletas tiveram os

primeiros contatos com a modalidade (exceto Gérson) e foi no clube que se transformaram em atletas. Chegar aos Jogos Olímpicos resultou de uma série de fatores incluindo os individuais e os afetos à cultura da modalidade. Essa junção possibilitou que alçassem aquilo que faz parte do desejo e do imaginário de grande parte de quem se dedica ao esporte de alto rendimento: integrar o “sonho olímpico”.

4.2. OS JOGOS OLÍMPICOS DE PERTO E POR DENTRO: A NARRATIVA DOS/AS GINASTAS

A oportunidade de fazer parte dos Jogos Olímpicos é comumente representado como o ápice da carreira de atletas. Fazer parte da maior competição esportiva do mundo é um sonho e um desafio: “uma coisa realmente muito grande para o atleta, é o máximo que ele pode chegar” (EIDT, 2014, p. 9). Os esforços empreendidos para alcançar esse sonho parecem ser recompensados só pelo fato de estarem nos Jogos, mesmo que nenhuma medalha seja conquistada. Ao analisar o significado que os/as atletas e treinadores/as do Rio Grande do Sul atribuem a esse evento, Macedo e Bernardi (2016) apontam que o destaque acontece não apenas pela participação na competição, mas por todo o ambiente que a circunda: “a organização da Vila Olímpica, a participação na cerimônia de abertura, a convivência com ídolos do esporte de várias nacionalidades, a estrutura das competições, a segurança, a torcida, a mídia e as lembranças que essa participação gerou” (p. 129).

Para Daiane “a Olimpíada é muito especial, todo mundo que participa, independente do resultado, eu acho que já é privilegiado, porque pouquíssimas pessoas conseguem chegar assim (SANTOS, 2014, p. 6). Adriana, sua treinadora, afirma: “é muito legal a experiência de tu participar dos Jogos e tu estar dentro da Vila Olímpica sabe? Tu estás vivendo com aquelas pessoas que tu olhas, que também são ídolos [...]. Então é um somatório de conhecimento, de troca de experiência que é fantástico (ALVES, 2013, p. 9). Mosiah assim percebe sua presença:

Foi o ano que eu tive que largar a faculdade, que eu tive que, enfim, direcionar todas as minhas atenções e energias para aquele evento e de fato deu certo assim, porque a minha competição foi a competição da vida, digamos assim. Foi super boa, o evento é feito todo para os

atletas que estão lá, então, não é só uma competição: a cidade, o país, tudo respira aquilo, então, em qualquer lugar que a gente vá, metrô, o centro da cidade, a vila olímpica, enfim, tudo é Olimpíada (RODRIGUES, 2013, p. 8).

Ter a oportunidade de competir com atletas de vários países, vivenciar o glamour que circula em torno da competição, ter visibilidade na mídia e partilhar o ambiente olímpico são apontados como uma oportunidade ímpar em suas trajetórias. No entanto, para chegar lá muito esforço foi empreendido. A preparação exige uma dedicação cuja performance resulta de treinos desgastantes, restrições alimentares, afastamento da vida social, resistência a dor e resiliência. O treinamento é marcado pelo stress sobre o corpo, visando que ele responda às exigências e assim supere seus próprios limites. “Não por casualidade, os atletas aprendem a conviver com a dor como se ela fosse não apenas ‘natural’, mas, em certos casos, até mesmo desejável (VAZ, 2016, p. 92). Ou seja, a dor não é ocasional. Ela integra a trajetória de quem se dedica ao esporte. Para Daiane: “Às vezes uma lesão normal de treino, cansaço, por estresse, alguma coisa. Mas tem vários tipos de lesão. Agora, eu quando lido com uma lesão... tem gente que diz: ‘você não se abala?’ E eu falo: ‘Se eu me abalasse não tinha que ser atleta, porque todo atleta vai passar por isso’” (SANTOS *apud* SCHIAVON, 2009, p. 265).

Natália vivenciou essa realidade, visto que durante sua trajetória sofreu muitas lesões e mesmo assim persistiu. “Eu continuei treinando e isso desencadeou vários outros problemas, hoje inclusive três médicos me acompanham porque eu vou ter que operar a coluna, porque não tem mais jeito assim, por causa da ginástica, eu consegui destruir a minha coluna” (EIDT, 2014, p. 10).

Adrian, por sua vez, levou seu desejo ao extremo: Convocada para os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, sofreu uma lesão quarenta e oito horas antes da sua competição. “Ela machucou porque ela tem uma hérnia de lombar e a hérnia travou de uma tal forma que ela acabou sendo retirada vinte e quatro horas antes do evento” (ALVES, 2013, p. 8).

Apesar do desconforto e da dor, a ginasta propôs à equipe médica que a mantivesse na competição:

Me desesperei muito. Perguntei se fosse qualquer outra menina da Seleção, eles também não deixariam. Questionei o porquê de não poder competir sendo que eu tinha aguentado até lá. Minhas dores

nas costas já vinham desde o início do ano. Perguntei várias vezes e só diziam que não dava. Comprometi-me a assinar um termo de responsabilidade e só falavam: “Não, pode ser pior quando tu tiveres lá saltando”. Porque na verdade eu estava travada, não conseguia puxar a perna, perdi a sensibilidade da perna esquerda. Falaram que nem assinando, nem fazendo nada, me desesperei mais ainda, chorei um mês (GOMES, 2014, p. 6).

Para além da dor física, a pressão sentida ao realizar as provas é algo que os/as ginastas referem em suas entrevistas. Vejamos:

[...] a gente tem aquele um minuto e meio, no caso o conjunto dois minutos e meio, para mostrar o que você treinou a vida inteira e se você errar põe tudo a perder, então é uma pressão muito grande antes de você entrar na quadra. Você não tem direito, não é que nem o jogo de futebol tem noventa minutos, tu deu o passe errado, você tem mais oitenta e nove minutos para consertar, fizeram outro gol, não, mas você pode fazer, tem tempo para... Na ginástica não existe isso, ou você acerta ou você acerta (EIDT, 2014, p. 8).

Essa pressão não recai somente na exibição de uma boa performance, mas envolve outras circunstâncias, como descreve Gerson:

Eu senti um peso muito grande, sabe? É um peso que ninguém põe em ninguém, mas tu sente que tu está no maior evento do mundo e tem cobranças subliminares, vamos dizer assim. Toda hora tu dando entrevista, perguntando em jornal, em rádio, em televisão, se tu vai bem [...]. Quer dizer, então, de certa forma tem essa cobrança indireta que vai te colocando um peso nos ombros (GNOATTO, 2014, p. 10).

Daiane vivenciou esse sentimento: considerada uma das favoritas à conquista da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, frustrou essa expectativa ao cometer erros em sua prova de solo, conquistando a quinta colocação.

É difícil de você saber lidar com a pressão, é difícil de você saber lidar, tudo ali na mão. Porque naquele momento eu tinha tudo na mão. Era aquela coisa, se você não errar você vai ser campeã olímpica. E foi um passinho a mais que não deu. Não foi nem a força que faltou, foi a força que foi demais! (SANTOS *apud* SCHIAVON, 2009, p. 248).

Afora essas situações que demandam enfrentamentos plenos de esforço e dedicação, a oportunidade de vivenciar os Jogos Olímpicos é ressignificada, e figura

nas narrativas dos/as ginastas como um momento único que marca suas trajetórias esportivas ampliando-se também para outras dimensões de suas vidas. “O foco é tão grande em cima do trabalho que a gente passa o tempo inteiro trabalhando e não consegue aproveitar muito, mas igual a emoção de estar lá [...] é a melhor do mundo assim, para uma carreira profissional (FINCO, 2013, p. 5). Adriana considera sua presença nos Jogos como “o ponto final de um ciclo” (ALVES, 2013, p. 9). Ciclo esse que se estende para além do evento, visto que se manter no esporte prescinde também de muito esforço e dedicação.

Gerson, apesar de ser o único que não tem a formação em Educação Física, ainda ocupa um cargo administrativo na Sogipa. Os/as demais entrevistados/as se mantiveram no esporte ocupando outros espaços no universo cultural da ginástica. Em suas narrativas, expressam que participar dos Jogos Olímpicos demarcou um diferencial em suas trajetórias. Vejamos:

Apesar de fazer muito tempo, eu vejo que essa experiência que eu tive, ainda mais para a área que eu escolhi que é a educação física, ela tem um peso enorme para conseguir reconhecimento (EIDT, 2014, p. 10).

Mas por ser um atleta olímpico a gente tem solicitações em diversos outros pontos, por exemplo, a questão de comentar eventos internacionais, de ter parcerias com o Ministério do Esporte, por exemplo, que atua no âmbito nacional, a própria Confederação Brasileira, ginásios que abrem pelo país e que gostariam de ter referências dentro daquela modalidade, a gente tem essa oportunidade de ir lá, de conhecer, de tentar auxiliar de alguma maneira ou de servir de espelho para aquela molecada que está começando (RODRIGUES, 2013, p. 7).

Ela foi bastante importante, às vezes eu sinto que na ginástica não foi tanto quanto se gostaria, mas igual eu sou muito grato a isso e foi o que me motivou também para continuar o trabalho [...] a repercussão na Olimpíada, sem a medalha é muito momentânea, ela acontece, ela repercute, sem a medalha quase nada financeiramente, que é um retorno que sempre se espera também, porém houve o reconhecimento e eu sou grato a isso também (FINCO, 2013, p. 6).

Transformar os conceitos vividos no esporte de alta performance em grandes oportunidades de desenvolvimento e desempenho humano dentro e fora das quadras. Esta é minha tônica de atuação e estudos. A Ginástica Rítmica foi minha primeira escola e como atleta por mais de uma década representei a seleção brasileira em muitas competições conquistando a sonhada vaga olímpica para Barcelona 1992. Treinar minhas primeiras equipes foi à sequência e multiplicação deste sonho e em 2004 assumi a coordenação das

Seleções Olímpicas Permanentes de Ginástica Rítmica para o ciclo olímpico 2004-2008. Hoje minha atuação está diretamente voltada para a gestão estratégica de pessoas, formação de times e gestão de mudanças. Coach de desenvolvimento e docente dos cursos de graduação e pós-graduação no esporte e recursos humanos¹⁶ (SCHONHORST, 2014, s.p.).

Ter sido campeã mundial, ter ido para a Olimpíada, ter feito Ginástica Olímpica, ter sido campeã mundial, olímpica. As pessoas dizem: “Eu paro para ver você!”, é legal isso mas te causa aquela coisa assim... nossa! [...] Mas você tem aquela coisa na cabeça: “Nossa! Eu sou exemplo para milhares e milhares de pessoas” (SANTOS *apud* SCHIAVON, 2009, p. 251).

É uma coisa que eu vou levar para sempre na vida [...] Então essa passagem pelos Jogos Olímpicos me deu isso: de assumir as tuas limitações, sabe? E isso eu acho que é importante na vida geral, não só na vida esportiva. Tu tem as tuas limitações e se tu conhece elas, tu vai muito mais (GNOATTO, 2014, p. 14).

Adrian registra uma história diferente dos outros gaúchos/as: foi a única atleta que não competiu. Foi aos Jogos Olímpicos, mas não atuou. Em sua entrevista, aponta os aspectos mais marcantes na sua experiência olímpica: o fato de não competir, a frustração pela extenuante preparação e o infortúnio da lesão. “Bom, na verdade eu pensei muito em desistir quando sai da Vila. Quando passei da Vila pensei muito em parar de treinar. Achei que não teria forças para continuar, mas depois vi que dava, mas só depois que já estava aqui” (GOMES, 2014, p. 12).

Em que se pesem as diferenças nas trajetórias e nos sentidos atribuídos por cada atleta sobre sua presença nos Jogos Olímpicos, é recorrente a sensação de ter conseguido chegar ao topo, assim como o entendimento de que apesar de todos os percalços encontrados nesse caminhar, estar lá foi muito gratificante.

Ginástica é uma coisa que não tem como fazer se você não gosta. Se você não tem prazer, não tem como você levar, sete horas todos os dias treinando, sem você gostar. Então, para as pessoas, eu abdiquei tantos anos da minha vida, 13 anos da minha vida para Ginástica, abdiquei de ficar com a minha família, de ter namorado, de casar, de ter filho [...]. Então é aquela coisa: tudo na vida você tem que abdicar de alguma coisa para ganhar outra. Se tivesse que fazer tudo de novo faria. Faria! Numa boa. Porque não me arrependo de ter treinado tudo que treinei, de abrir mão (SANTOS, 2014, p. 16).

¹⁶ Apresentação da ginasta publicada em seu Currículo Lattes. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4139581J6>>. Acesso em 14 jun. 2018.

A persistência e a resiliência marcam as trajetórias dos sujeitos desta pesquisa. As lesões e a performance além da esperada não os afastou do esporte, e voltar aos treinos e competições sublinhou o desejo de quem alcançou o sonho olímpico.

Depois de participar dos Jogos Olímpicos de 2000, Natália abandonou a ginástica em função da rotina de treinos, da dor física e das lesões frequentes. “Acabou a Olimpíada eu falei: Eu não quero mais ver esse esporte na minha frente. Foi muito, muito maçante (EIDT, 2014, p. 10). No entanto, em 2001, foi convidada pela sua técnica para retornar a competir e assim fez: “Daí eu... Agora já descansei, já engordei... Tá bom, vou voltar. E eu voltei para a seleção” (EIDT, 2014, p. 12).

Adrian procedeu do mesmo modo. Recuperada da lesão de 2012, voltou a treinar no Grêmio Náutico União por mais dois anos, quando decidiu abandonar a ginástica. No entanto, em 2016, decidiu retomar os treinos e, dessa vez, junto a seleção brasileira de esqui aéreo, modalidade integrante do programa dos Jogos Olímpicos de Inverno. Durante um treinamento realizado nos Estados Unidos, sofreu um acidente no qual ficou desacordada por alguns instantes, acontecimento que a fez desistir da ginástica de competição.

Esses exemplos indicam o quanto suas trajetórias esportivas são marcadas por continuidades e descontinuidades. A rotina de treinos, o afastamento da família, as lesões, a distância dos centros esportivos do país, a pressão psicológica, a pouca visibilidade e a falta de uma política esportiva estruturada da modalidade são alguns dos fatores que poderiam colaborar para que abandonassem a ginástica. No entanto, os/as atletas persistiram e de modo particular inscreveram a ginástica em suas memórias, histórias e corpos.

4.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez realizado o sonho olímpico, exceto Gerson, os/as ginastas mantiveram o esporte como uma de suas ocupações. Suas experiências no esporte de alto rendimento, apesar de vivenciadas em períodos diferentes, fomentaram narrativas que dizem de si, do esporte e da cultura das modalidades ginásticas. A iniciação no contexto escolar e a formação de base vivenciadas em associações clubísticas referem aspectos relacionados à Educação Física escolar e à tradição da ginástica no Rio Grande do Sul, cujos clubes fomentadores da modalidade foram

fundados por imigrantes alemães. Migrar para outros estados foi necessário para que buscassem qualificar suas performances e para aprimorar sua formação profissional depois que deixaram de competir. Ainda assim a identificação com o estado do Rio Grande do Sul se fez presente em suas narrativas dado o vínculo não apenas de nascença, mas de pertencimento cultural, cujas memórias remetem a aspectos particulares, sobretudo, de sua infância e formação inicial.

Estar nos Jogos Olímpicos, vivenciá-los de perto e por dentro foi apontado como um momento especial na trajetória destes/as ginastas, embora não tenham conquistado uma medalha olímpica, símbolo máximo do reconhecimento de suas carreiras esportivas. Por essa razão, buscamos visibilizar as trajetórias destes homens e destas mulheres, cujas histórias são ressignificadas considerando sua participação em um evento da magnitude dos Jogos Olímpicos. Ainda assim, um fato merece ser destacado: em todos os registros oficiais, Adrian Gomes não aparece como uma atleta olímpica. O fato de não ter competido não a qualifica como tal. Tal ausência de registro nos leva a afirmar que conquistar uma vaga para participar dos Jogos Olímpicos, vivenciá-los de perto e por dentro parece não ser o suficiente. Há que competir e, preferencialmente, ganhar!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Manual de História Oral**. 3ª edição. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2005.

ALVES, Adriana. **Depoimento de Adriana Rita Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2000.

DACOSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil**. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

EIDT, Natália. **Depoimento de Natália Scherer Eidt**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

EICHENBERG, Zelira Mendes. **Depoimento de Zelira Mendes Eichenberg II**. Pro Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2010.

ESPORTE ESSENCIAL. Samba, graça e técnica: a primeira campeã mundial da ginástica brasileira. Memória Olímpica. **Esporte Essencial**. 2014. Disponível em: <<http://www.esporteessencial.com.br/memoria-olimpica/lendas-do-esporte/daiane-dos-santos>>.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FINCO, Leonardo. **Depoimento de Leonardo Finco**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

GNOATTO, Dante. **Depoimento de Dante Gnoatto**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2005.

GNOATTO, Gerson. **Depoimento de Gerson Klippes Gnoatto**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

GOMES, Adrian. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

_____. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes (2)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017.

GOMES, William Charles Osório; CROS, Juliana Prado; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Ser atleta no Rio Grande do Sul: as dificuldades de estar fora do eixo Rio-São Paulo. In: Christiane Garcia Macedo, Silvana Vilodre Goellner (Orgs.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias.** Coleção Grecco. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016.

MACEDO, Christiane Garcia; BERNARDI, Gustavo Henrique Ribas. Mais que um sonho. In: Christiane Garcia Macedo, Silvana Vilodre Goellner (Orgs.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias.** Coleção Grecco. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016.

MAZO, Janice Zarpellon; REPOLLID FILHO, Alberto Reinaldo (Org.) **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** UFRGS – CREF. 2005

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 2ª Edição. São Paulo: Loyola, 1998.

NUNOMURA, Myrian, NISTA-PICCOLO, Vilma Lení (Orgs.) **Compreendendo a Ginástica Artística.** Editora Phorte, São Paulo, 2005.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 378-392, abril/junho, 2012.

PUBLIO, Nestor Soares. **Ginástica Artística.** In: DACOSTA, Lamartine. Atlas do Esporte no Brasil. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2004.

REVISTA PLACAR. Aperitivo Olímpico. **Revista Placar.** nº 736, 29/06/1984.

RODRIGUES, Mosiah Brentano. **Depoimento de Mosiah Brentano Rodrigues.** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

RUBIO, Katia. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, história e imaginário.** São Paulo: Casa do psicólogo; FAPESP, 2006.

_____. **Enciclopédia Olímpica Brasileira.** São Paulo: Editora Mp Brasil, 2015.

_____. (Org.) **Narrativas Biográficas: da busca à construção de um método.** São Paulo: Editora Laços, 2016.

SANTOS, Cláudia Lima dos; NEGAMINE, Milena Threni; BERNARDI, Patrícia Silveira Fontana. Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul. In: Janice Zarpellon Mazo, Alberto Reinaldo Reppold Filho (Orgs.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS – CREF, 2005.

SANTOS, Daiane Garcia dos. **Depoimento de Daiane Garcia dos Santos.** Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)**. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues; TOLEDO, Eliana; DEUTSCH, Silvia. Panorama da Ginástica Artística Feminina Brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, 2013.

SCHONHORST, Marta. **Marta Schonhorst: inspiração e performance coaching**. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/marta-schonhorst-27866815>> Acesso em 24 jun. 2018.

VAZ, Alexandre Fernandez. Encontro entre corpo, técnica e tecnologia. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 88-96, setembro, 2016.

THE PARTICIPATION OF GYMNASTS FROM RIO GRANDE DO SUL IN THE OLYMPIC GAMES: CAREERS, NARRATIVES AND MEMORIES

Abstract: Founded on Oral History's theoretical and methodological contribution, this essay talks about the participation of gymnasts from Rio Grande do Sul in the Olympic Games, focusing on their own narratives. The sources used are the interviews made with the seven gymnasts and other narratives that are related to the subject matter. The interviews were compared with other sources such as reports, books, academic articles and sports atlas. Content analysis was used as analytical tool, taking into consideration the stages of pre-analysis, exploration of empirical material and data processing. Using source crossing, we identified that the gymnasts started their sports careers in the school and were transferred to teams afterwards, where they had basic teaching of gymnastics, and to improve their performance, they migrated to other States. The participation in the Olympic Games was marked as a lifetime period in their careers, inscribing the gymnastics in their memories, histories and bodies.

Keywords: Gymnastics; Olympic games; Memory

LA PARTICIPACIÓN DE GIMNASTAS DE RIO GRANDE DO SUL EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS: TRAYECTORIAS, NARRATIVAS Y MEMORIAS

Resumen: Fundado en el aporte teórico-metodológico de la Historia Oral, este texto tematiza la participación de gimnastas de Rio Grande do Sul en los Juegos Olímpicos, teniendo como foco sus narrativas. Como fuentes se utilizaron entrevistas realizadas con las siete gimnastas y otras narrativas cuyo contenido se relaciona con el tema. Las entrevistas fueron cotejadas con otras fuentes como reportajes, libros, artículos académicos y atlas deportivos. El análisis de contenido fue utilizado como herramienta analítica, considerando las etapas de pre-análisis, exploración del material empírico y tratamiento de los datos. De entrecruzamiento entre las fuentes, identificamos que los/las gimnastas iniciaron su trayectoria deportiva en la escuela y posteriormente se trasladaron a clubes, donde tuvieron formación básica en la gimnasia, y para perfeccionar sus performances emigraron a otros estados. La

participación en los Juegos Olímpicos fue representada como un momento impar en sus trayectorias, inscribiendo la gimnasia en sus memorias, historias y cuerpos.

Palabras-clave: Gimnasia; Juegos olímpicos; Memoria.

5 ADRIAN GOMES: OS PRIMEIROS SALTOS DE UMA GINASTA GAÚCHA¹⁷

Resumo: Fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral, este texto tematiza os primeiros passos da trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes da Ginástica Artística. Como fontes foram utilizadas entrevistas realizadas com a atleta, seus familiares e técnicos/as. As entrevistas foram cotejadas com outras fontes como reportagens, livros, artigos acadêmicos e atlas esportivos, bem como o acervo documental disponibilizado pela atleta. Sobre os primeiros passos da ginasta, vale ressaltar que teve o primeiro contato com a modalidade na escola. Na sua trajetória, merece destaque a iniciação no Centro de Treinamento Esportivo, a migração para o clube Grêmio Náutico União onde buscou se especializar, a passagem pelo Núcleo de Esporte de Base da Ginástica Artística e a convocação para integrar a seleção brasileira de ginástica artística.

Palavras-chave: Ginástica Artística, Trajetória Esportiva, Ginasta.

Adrian Geovana Nunes Gomes, nascida em Porto Alegre em 5 de abril de 1990, foi atleta da seleção brasileira de Ginástica Artística. A ginasta representou o país nas principais competições da modalidade, como os Campeonatos Mundiais, Copas do Mundo, Jogos Pan-Americanos e foi convocada para os Jogos Olímpicos. Diante da relevância de sua trajetória, este texto tematiza a primeira etapa de sua carreira esportiva.

A trajetória de Adrian Gomes se assemelha em diversos aspectos às trajetórias de inúmeros atletas brasileiros. Os caminhos percorridos pela ginasta integram a realidade do esporte em nosso país, e ao visibilizar sua história, entendo estar disponibilizando fontes para que possamos refletir sobre esse cenário. Os desafios enfrentados pela atleta são muito semelhantes aos que milhares de outros enfrentam no cotidiano quando escolhem se dedicar ao esporte de alto rendimento. Observar esse contexto, portanto, pode refletir a análise de sua trajetória, mas também da cultura da modalidade¹⁸.

¹⁷ Após a defesa, o presente estudo será adaptado as regras de revistas nacionais e será imediatamente encaminhado para publicação.

¹⁸ Termo aqui utilizado a partir da definição de Rúbio (2006) ao afirmar que “Cada modalidade surge e desenvolve-se uma dinâmica particular a qual denominamos de cultura da modalidade. Essa cultura se sedimenta e se transforma influenciada pela tradição que envolve suas origens e continuidade,

Ao consultarmos as biografias e histórias de vida de atletas, em grande medida, nos deparamos apenas com quem foi destaque no cenário esportivo ou em uma modalidade específica. Além disso, considerando o lugar que o futebol ocupa no universo cultural do esporte no Brasil, há muita produção biográfica centrada em seus jogadores. Vale dizer ainda que o recorte de gênero se expressa nessa produção, visto que ainda não há nenhuma biografia publicada sobre uma futebolista brasileira, assim como são poucas as biografias sobre atletas mulheres¹⁹.

O gênero biográfico já não retrata mais somente pessoas que apresentam distinção ou que são representadas como à beira da perfeição (AVELAR; SCHMIDT, 2018). No entanto, no esporte essa ainda parece ser uma de suas marcas. Nesse sentido, torna-se necessário olhar para as trajetórias de atletas que não ocupam a centralidade da mídia, atletas que não alçaram a fama, atletas que vivem nas zonas de sombra. Ao analisar a contribuição dos estudos biográficos para a pesquisa em estudos históricos sobre a Educação Física e esporte, Goellner e Macedo (2013) apontam que ao

Visibilizar trajetórias de sujeitos e grupos que estão à margem daquilo que é identificado como oficial ou representativo de determinado contexto social, político, econômico e cultural, tal atitude poderá promover a construção de outras histórias evidenciando assim a pluralidade de discursos, práticas e representações que circulam no entorno destas áreas específicas (p. 163).

Ao compartilhar suas histórias e memórias, as pessoas revivem emoções e sentimentos que marcaram suas trajetórias esportivas; sentimentos estes que nem sempre são positivos, por isso, reviver e lembrar certos fatos não é uma tarefa fácil para quem concede uma entrevista.

Segundo Patai (2010), há muita responsabilidade em quem conduz a entrevista e produz conhecimento a partir dela. Em relação às pessoas que elegemos para entrevistas, a autora alerta: “Nós temos obrigações especiais com elas porque estamos convocando-lhes a fazer revelações e exposições que elas não poderiam fazer, de outro modo, por suas próprias vozes” (p. 29). Quem pesquisa a vida de sujeitos tem acesso a ferramentas que possibilitam escrever e visibilizar as

pelo momento histórico em que ela se realiza e também pelas políticas institucionais que regem a modalidade” (p.19).

¹⁹ Dentre as poucas atletas brasileiras que tiveram suas vidas biografadas está Poliana Okimoto, considerada a maior nadadora da história do Brasil; Magic Paula, jogadora de basquete da seleção brasileira; Jacqueline Silva atleta do voleibol de praia.

narrativas de quem concede seu depoimento. Por essa razão, a relação entre entrevistador/a e entrevistado/a deve ser pensada e construída sobre uma base sólida, inclusive porque dependemos fundamentalmente dos sujeitos que elegemos para pesquisar, pois sem eles não temos acesso às suas memórias e histórias. É necessário, portanto, que se sintam à vontade para que possam compartilhar suas emoções mais profundas.

Ao utilizar as entrevistas como fonte de pesquisa, “alguém repensa os acontecimentos da vida de alguém de modo que eles façam sentido” (PATAI, 2010, p. 42-43). Munida dessas percepções, busquei reconstruir a trajetória esportiva de Adrian Gomes, tendo muito cuidado e respeito, seja com sua própria história, seja com suas memórias e narrativas. Analisei seu percurso considerando seus depoimentos que, por vezes, registram falhas de memória no tocante a datas e episódios específicos. Registram também silenciamentos e oclusões. Nesse sentido, quero ressaltar que mesmo que essa organização feita por mim se aproxime muito da realidade, ela não dá conta da totalidade de uma vida (AVELAR; SCHMIDT, 2018). São contemplados fragmentos de uma história e vestígios, mais do que verdades. Segundo Rúbio (2016), a trajetória esportiva de um atleta é marcada por alguns aspectos específicos do mundo esportivo, isso porque:

O esporte olímpico, assim como outros fenômenos humanos, apresenta marcas de um fato que se configura como social e se perpetua no atleta como o narrador de eventos que colaboram para a formação de um imaginário esportivo. Isso porque na condição de protagonista de espetáculo ele é, tanto o herói de seu tempo, como o anônimo em um futuro chamado pós-carreira (p. 14).

Conforme a autora supracitada, o/a atleta enquanto está no seu auge é representado/a como um/a herói/heroína e, passado esse tempo, torna-se anônimo/a. No caso da Adrian Gomes, que trilha toda sua trajetória e chega até os Jogos Olímpicos, a não participação na competição em função da lesão acabou fazendo com que fosse pouco visibilizada pela história esportiva brasileira. Inclusive não figura como atleta olímpica nem no site do Comitê Olímpico Brasileiro, nem na Enciclopédia Olímpica Brasileira (RÚBIO, 2015).

Considerando esse contexto, este estudo tem como objetivo descrever a trajetória esportiva da ginasta Adrian Gomes, desde seus primeiros passos na modalidade, até o momento em que a atleta decide abandonar a prática da

Ginástica Artística. Diversos fatores contribuíram para essa decisão e alguns deles serão aqui expostos e analisados.

5.1. DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA AO ABANDONO DO ESPORTE

Adrian Geovana Nunes Gomes nasceu no dia 05 de abril de 1990, na cidade de Porto Alegre. É a mais velha entre os três filhos de Vera Lúcia Nunes Gomes, que é empregada doméstica, e Geovane Gomes, que é chefe de expedição do jornal Zero Hora.

Bom, eu nasci aqui mesmo em Porto Alegre, mais precisamente na Santa Casa, eu morei no bairro Santa Tereza lá, muitos anos, acho que vinte e dois anos por aí, tive uma infância meio conturbadinha, meu pai não era muito presente, mas ele estava com a minha mãe sempre, eu ia para escola, estudava no CETE (GOMES, 2017, p. 1).

O bairro Santa Tereza está localizado na região sul da cidade, região na qual estudou durante boa parte de sua infância, mais especificamente, na Escola Estadual Mané Garrincha, sediada no bairro Menino Deus. Esta escola situa-se junto ao Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE)²⁰, local onde deu os primeiros passos em direção a sua carreira como atleta da Ginástica Artística.

Desde pequena o seu talento não passava despercebido aos olhares de sua família e amigos. Como seu pai fora jogador de futebol, todos já imaginavam que ela seguiria os seus passos e se tornaria uma atleta. O sonho de sua mãe era que ela fizesse *ballet*, mas Adrian se envolveu com a Ginástica Artística em função da oportunidade que teve na escola onde estudava. Segundo a entrevista concedida pela sua mãe:

Quando ela tinha três anos a gente dizia “Essa menina pula muito”, porque ela era muito sapeca, ela foi bem, ela foi precoce desde cedo... Com nove meses começou a caminhar e falar, então muito muito cedo. E aí ali dos três anos ela começava a pular pra lá e pra cá, e virar cambalhota, de um sofá para o outro. Aí eu pensei, ai, quem sabe né, mas nem dei bola, deixei (GOMES, 2018, p. 1-2).

²⁰ O Centro Estadual de Treinamento Esportivo – CETE.

As próprias experiências dos pais com os esportes influenciaram sua inserção e permanência no esporte. Ao descrever a reação da sua família no momento em que foi convidada a fazer parte da equipe de ginástica do CETE, Adrian relata:

O meu pai gostou, até por que ele foi jogador, mas teve que parar quando eu nasci, foi um sonho frustrado. Foram outras épocas, mais difícil. Mas ele sempre quis ter uma filha atleta, tanto que minha irmã fez GR²¹ e não tentou fazer GA. Os biotipos são muito diferentes, acabou que fez GR até os dezessete, dezoito anos, cansou e parou (GOMES, 2013, p. 2).

Desde a iniciação da atleta no esporte os seus pais se fizeram presentes, deixando que a Adrian escolhesse a modalidade que iria praticar e, posteriormente, guiaram seus passos quando ela escolheu seguir no alto rendimento. Nunomura e Oliveira (2014) consideram que a participação dos pais em diferentes níveis de envolvimento pode contribuir ou prejudicar o desempenho dos seus filhos no esporte. Se os pais se envolvem demais, podem acabar gerando estresse no atleta e também criar conflito com os técnicos. Quando não se envolvem e não demonstram interesse, também podem causar uma desmotivação, atrapalhando assim o desenvolvimento esportivo de seus filhos.

Os pais da Adrian não tinham uma posição neutra: apoiavam a filha, a levavam e buscavam nos treinos e, mesmo não tendo uma situação financeira confortável, ofereciam condições para que ela se mantivesse na ginástica. Buscavam não interferir demasiadamente a ponto de criar conflito com os técnicos e os locais onde a atleta treinava. Deixavam a Adrian ter sua autonomia e intervinham quando julgavam necessário, o que corrobora os estudos das autoras supracitados, que sugerem um equilíbrio nessa relação com os pais. Nas palavras de sua mãe:

Quando pequena eu sempre acompanhei. Sempre eu né, porque o pai ele trabalhava e não tinha como. [...] Então eu sempre acompanhei ela em tudo, tudo era pagava para levar, quando eu não pagava eu levava, eu buscava, eu esperava no treino (GOMES, 2018, p. 8).

A relação entre técnicos/as, ginastas e os pais exige confiança. A boa convivência entre todas as partes faz com que o/a atleta se sinta seguro/a, podendo assim obter melhores resultados. Em pesquisa realizada com jogadoras de

²¹ Ginástica Rítmica.

handebol, Suelen Andres (2014) identifica a importância da família na vida dessas atletas. Isto é, o modo como a família encara a escolha pela carreira esportiva e o incentivo que dão para as atletas é muito importante para que enfrentem os desafios que surgem no decorrer dessa trajetória, principalmente, quando se faz necessário mudar-se para outra cidade para evoluir na carreira esportiva:

A escolha de investir na carreira dependia do aceite e apoio da família, na qual em um primeiro momento fica claro certa resistência, marcada, sobretudo, pela saída das filhas de casa para jogar em outra localidade (ANDRES, 2014, p. 87).

Vera menciona a relação que a ginasta estabeleceu com Cleusa de Paula e Leda Sallete Ferri Nascimento:

[...] sempre legal com a professora Cleusa que foi a primeira professora dela, muito querida ela, depois com a Leda né, também, a Leda foi uma pessoa que nos ajudou muito, ela sempre, quando não tinha passagem ela ajudou muito, a Adrian dormia na casa dela, ela levava para o treino, ela trazia assim, a Leda²² eu não tenho do que me queixar, eu me emociono porque ela foi uma pessoa muito legal com a gente e com a Adrian também (GOMES, 2018, p. 8).

Essas treinadoras acompanharam Adrian no período em que estava no CETE, no ano de 1997. Em relação aos treinadores do Grêmio Náutico União, Adriana Alves e Eliseu Burtet, sua mãe relata:

A relação também foi tranquila até o momento esse de... eu não tive mais contato com ninguém até o momento dela se lesionar²³ e ninguém nunca me procurou para falar “A Adrian tem isso, a Adrian tem aquilo”, eu sei tudo por ela, não sei por médico de União, nunca nos chamaram lá em uma reunião. Eu ia lá, levava ela, fazia fisioterapia, mas nunca nos chamaram, “A Adrian tem lesão tal, tal, tal”, “Olha, isso, isso, e isso”, nunca. Aí nessa fase acho que dos vinte, dos vinte aos vinte e quatro, foi o tempo que ela começou, a gente não tinha muito contato com eles, nem médico assim. Depois era tudo via seleção né (GOMES, 2018, p. 6).

À medida que a Adrian foi crescendo, seus pais concederam maior autonomia para que ela mesma cuidasse de sua carreira esportiva. Ainda assim, a atenção dos

²² Leda Sallete Ferri Nascimento.

²³ Vera se refere a lesão na coluna que impossibilitou a participação de Adrian nos Jogos Olímpicos.

familiares, sobretudo da sua mãe, foi importante para que Adrian seguisse na ginástica. “Minha mãe sempre ia nas competições, meu pai não, ele trabalhava de madrugada. Minha mãe sempre ia, mas ela não gostava muito de ir porque ela se sentia muito nervosa” (GOMES, 2017, p. 11).

Vera acompanhou os primeiros passos da filha e viveu de perto o momento no qual sua professora de Educação Física, Cleusa de Paula, percebeu as habilidades da aluna e a convidou para entrar para a equipe de Ginástica Olímpica que era mantida pelo CETE. Seus pais autorizaram que ela começasse a praticar a ginástica e desde então sempre incentivaram a prática de esportes, procurando dar suporte emocional e, dentro de suas possibilidades, ajudaram a custear parte das despesas relacionadas às competições e rotina de treinos, visando a sua permanência no esporte.

A escola já tinha o projeto de colocar os aluninhos em um esporte no turno inverso, em um esporte, os pais que queriam, os alunos que queriam também, aí iam para o turno inverso da tarde. Então ela ia para a escola de manhã, vinha para casa, almoçava, e eu pagava alguém para levar ela ali para o CETE porque é um pouquinho longe de casa, é no Menino Deus (GOMES, 2018, p. 2).

Nas aulas de Educação Física na escola onde estudou boa parte de sua infância, Adrian teve oportunidade de conhecer a Ginástica Artística. A localização da escola junto ao CETE contribuiu para que se aproximasse da ginástica. Além disso, o formato em que as aulas de Educação Física eram conduzidas pelos professores interferiram na opção por algumas práticas esportivas em detrimento de outras:

Na minha época era super boa a escola, tinha esse turno de esporte, de coisas para os alunos, de manhã tinha estudo, de tarde eu lembro que também tinha estudo, mas era tudo muito bem organizado... Tinha esse incentivo de começar a praticar (esportes) desde muito cedo... A ginástica fazia parte da prática de Educação Física, tinha outros esportes também, mas me convidaram para fazer ginástica, e eu acabei ficando (GOMES, 2017, p. 2).

Dentre alguns dos fatores que influenciam na inserção de crianças e adolescentes nas modalidades esportivas, estão as aulas de Educação Física, os/as professores/as, o incentivo por parte da família e o espaço adequado para a prática. Fatores esses que também são determinantes na formação de atletas.

Por ser considerada uma modalidade complexa, os professores de Educação Física nem sempre exploram as possibilidades e alternativas que poderiam ser utilizadas para proporcionar aos alunos uma experimentação da ginástica (TSUKAMOTO; NUNOMURA, 2005). No caso de Adrian, esse trabalho foi lapidado nas escolinhas esportivas do CETE e, posteriormente, nos clubes nos quais treinou.

Depois de um ano treinando no CETE, Adrian participou da Copa Escolar do clube Grêmio Náutico União, que aconteceu no ano de 1998. Em função de sua performance, foi convidada para realizar um teste no clube: “Depois da competição me convidaram para fazer um teste, fiz e fiquei até 2005” (GOMES, 2013, p. 1). A partir daí sua trajetória alçou outros voos. No entanto, a escola e as primeiras professoras marcaram suas memórias, assim como a concordância de seus pais para que praticasse essa modalidade.

Bom, iniciei no CETE, com seis anos, comecei na Educação Física porque tinha ginástica. Fazia duas vezes na semana e a professora me viu, perguntou se eu queria participar dos treinos. Então disse que não sabia porque tinha que perguntar para os meus pais. Conversei com meus pais e eles foram conversar com a professora. Gostaram, até porque eu não iria ficar em casa (GOMES, 2013, p. 1).

Uma vez integrando a escolinha de ginástica do Grêmio Náutico União, foi nesse clube que Adrian fez boa parte de sua formação como atleta, clube que mantinha certa tradição no trabalho com a Ginástica Artística. Foi nessa mesma instituição clubística que foram revelados Daiane dos Santos e Mosiah Rodrigues, atletas que alcançaram destaque na ginástica em nível nacional e internacional.

Vale ressaltar que o Grêmio Náutico União é uma referência na formação de atletas de rendimento no Rio Grande do Sul. Localizado na cidade de Porto Alegre, o clube foi fundado em 1906 por jovens de origem alemã que praticavam o remo. Inicialmente se chamava Ruder Verein-Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade), no entanto, no ano de 1917 passou a se chamar Grêmio Náutico União. Desde a iniciação esportiva até o alto rendimento, o clube tem centralidade no cenário esportivo da capital gaúcha e por lá já passaram inúmeros atletas de diferentes modalidades, como Graciele Hermann da natação, Guilherme Toldo da esgrima, além de Daiane dos Santos e Mosiah Rodrigues da Ginástica Artística.

Seu deslocamento para o clube desencadeou alguns desafios: inicialmente sua família precisou custear as despesas das competições e tinha a

responsabilidade de levar Adrian aos treinos. A medida em que foi se destacando e alcançando resultados nas competições, Adrian passou a ganhar uma ajuda de custo e o clube bancou o seu transporte para os treinos, além de custear seus estudos em uma escola particular²⁴. Conforme o relato de Vera, mãe da ginasta:

Então eu sempre acompanhei ela em tudo, tudo era pagava para levar, quando eu não pagava eu levava, eu buscava, eu esperava no treino [...]. A Adriana ajudou lá dentro do clube a obter passagem para ir para o clube, que até então eles não davam, quando ela começou a ganhar mesmo, daí eles começaram, deram escola particular, ela estudou em escola particular a partir do quinto ano... (GOMES, 2018, p. 5-6).

Após sete anos treinando no clube, a ginasta foi convocada pela primeira vez para treinar com a seleção brasileira de Ginástica Artística em Curitiba, no ano de 2005, quando tinha apenas 14 anos. Esse período é lembrado por Adrian como de muitas dificuldades, inclusive por estar longe de sua família, visto que a ginasta ficava hospedada em hotel, ao passo que muitas de suas colegas voltavam para a casa ao final de um dia de treino. Acrescenta-se a isso o fato de que, na época, a comunicação era mais difícil, visto que as ligações telefônicas eram caras e sua família não tinha condições de falar com ela diariamente. Nas suas palavras:

Foi uma época bem sofrida para mim, porque era uma coisa muito regrada e eu não estava preparada psicologicamente, fisicamente eu estava, mas psicologicamente não, eu acho que eu era muito pequena. Eu acho que eu tinha uns quatorze quase quinze. E aí, eu me lembro que a gente não podia comer muito, a gente tomava bastante laxante. Eu lembro que se a gente engordava um pouquinho tinha que fazer força dobrado. A gente treinava muito, de verdade, a gente não podia sair da casa que a gente tinha. E só assim. Ao mesmo tempo em que era sofrido, eu gostava, de treinar lá, o professor até gostava bastante de mim, o Oleg²⁵ (GOMES, 2018, p. 3).

Adrian refere-se ao período que passou junto ao Centro de Excelência estabelecido na cidade de Curitiba, o qual visa qualificar atletas para campeonatos internacionais. Essa iniciativa é apontada como responsável por boa parte dos avanços recentes da Ginástica Artística do país (MARCO, 2010; OLIVEIRA, 2007, SCHIAVON, 2009).

²⁴ Instituto São Francisco – Santa Família.

²⁵ Oleg Ostapenko: treinador ucraniano da seleção brasileira no período de 2001 a 2008.

Durante dois ciclos olímpicos, até 2008, a comissão técnica brasileira foi formada por três técnicos ucranianos: Oleg Ostapenko, Iryna Ilyashenko e Nadia Ostapenko. A CBG os trouxe, com o apoio do Comitê Olímpico Brasileiro e do Comitê Olímpico Internacional, para trabalharem diretamente com a seleção brasileira [...]. Este trabalho foi iniciado no ano de 1999 com a chegada da primeira técnica ucraniana e teve como foco principal os JO de 2008. Este período de trabalho no Brasil propiciou uma impressionante repercussão nacional e internacional para a GA brasileira (SCHIAVON *et al.*, 2013, p. 430).

As atletas se deslocavam até a cidade de Curitiba, onde treinavam em regime de seleção permanente. Esse formato já era usado antes em outros países, no entanto, o sistema não foi adaptado à realidade brasileira da ginástica (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012).

Teoricamente, as atletas teriam a sua disposição toda estrutura física com equipamentos oficiais, além de uma equipe multidisciplinar preparada para dar a assistência que as atletas necessitassem. Entretanto, o Centro de Excelência acabou sendo utilizado apenas por uma parcela pequena de atletas do alto rendimento. O fato de se localizar em apenas um lugar num país com a dimensão do Brasil, fez com que a prática da Ginástica Artística acabasse ficando ainda mais restrita a algumas regiões específicas do território nacional (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012). De certo modo, esse Centro cumpriu sua função apenas durante os ciclos olímpicos (2004 a 2008). Adrian assim rememora sua passagem por Curitiba e, conseqüentemente, pela seleção:

Na verdade assim: a gente ficava mais aqui em Porto Alegre do que, eu no caso, e elas lá. Daí quando estava perto de um evento, alguma coisa assim a gente se juntava, um mês antes, dois meses antes, para competir ou enfim, e aí era mais eu que ficava indo e vindo, indo e vindo [...] É ruim, é ruim, porquê? Porque eu estava sempre longe da minha família, elas não. Então meu psicológico estava sempre um ponto a menos e elas iam para casa, elas dormiam com os pais. Eu não, eu ia para o hotel dormir sozinha, e aí então eu estava sempre um passo atrás, se tu for pensar (GOMES, 2018, p. 8).

A chegada dos técnicos ucranianos e russos a partir de 1999 foi implementada como uma estratégia para melhorar o desenvolvimento da Ginástica Artística de alto rendimento no país. Todavia, esse foi um investimento datado até os Jogos Olímpicos de Pequim, realizados em 2008, e o conhecimento desses técnicos

poderia ter sido melhor compartilhado com os outros treinadores brasileiros, com objetivo de formar um número maior de atletas que pudessem futuramente integrar a seleção brasileira. (SCHIAVON, 2009).

O trabalho realizado junto a seleção permanente surtiu resultados e as primeiras conquistas começaram a acontecer a partir de 2003, quando:

O Brasil conquistou a inédita classificação de uma equipe completa, isto é, classificou-se em oitavo lugar entre as 12 equipes (países) que conquistaram o direito de levar uma equipe para os Jogos Olímpicos (SCHIAVON, 2009, p. 38).

Na esteira dessa conquista vieram várias outras, sendo exigido da equipe de ginástica um treinamento rigoroso e dedicado. Adrian não deu conta dessas exigências e em 2005, alguns meses depois de convocada, foi dispensada da seleção. Em entrevista concedida para a UOL Esportes em 2010, a ginasta novamente convocada²⁶ assim se refere a sua primeira passagem por Curitiba:

Eu saí da seleção por infantilidade, imaturidade e um pouco de indisciplina também. Tinha 14 anos, era muito maria-vai-com-as-outras, aí acabei saindo, até pelo peso também, que eu sempre tive problema para controlar [...]. Agora eu sempre penso no lado profissional. Antes fazia tudo muito na brincadeira. Hoje aprendi que sempre tenho que fazer meu máximo e nunca deixar para depois²⁷.

Estar na seleção certamente é o desejo de muitas ginastas. Considerando que são pouquíssimas as que ascendem a este posto, a competição entre elas parece ser algo presente em suas carreiras. Em sua narrativa, Adrian evidencia que o bom relacionamento entre as atletas, bem como com os membros da equipe técnica, seria fundamental para que ela pudesse ficar longe de sua família. Na sua visão, existiam atritos com os quais não soube lidar:

Eu nunca consegui, eu nunca soube disfarçar: “Ah, se eu não gosto de ti eu não gosto de ti”. Eu não vou falar o básico, o necessário e deu, não vou te tratar mal, óbvio, mas tinha gente lá que não conseguia fazer isso. E dos técnicos é a mesma coisa, sempre foi

²⁶ Adrian havia se aposentado da ginástica e voltou em 2009 a convite da treinadora Adriana Alves, do Grêmio Náutico União. Em 2010, voltou a integrar a seleção visando o Pré Pan-Americano do México e em 2011 conquistou o terceiro lugar no salto sobre a mesa no Ghent Challenge Cup, disputado na Bélgica. Disponível em <http://wagymnastics.wikia.com/wiki/Adrian_Nunes_Gomes>. Acesso em 29 jun. 2018.

²⁷ Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2010/08/16/adrian-gomes-supera-indisciplina-peso-e-idade-avancada-brilha-e-volta-a-selecao.jhtm>> Acesso em: 29 jun. 2018.

assim, sempre foi e aí e as gurias, a gente se dava bem assim, nunca ninguém [...] Eu lembro que tinha uma que não gostava de mim, que era a Irina²⁸, lá em 2005. Ela não gostava de mim. Em 2010 eu já não sei se ela gostava ou se ela me aturava, mas depois eu lembro que ela veio e falou para mim que ela gostava de mim, que eu tinha mudado muito, que eu era outra pessoa, que eu não era a mesma pessoa de 2005... (GOMES, 2018, p. 7).

Segundo as fontes consultadas, um dos principais motivos para a dispensa, além de indisciplina, foi o aumento de seu peso corporal. Esse tema figura nas entrevistas realizadas para este estudo e também em algumas reportagens que circularam na mídia²⁹. Ter o índice de massa corporal acima do que se espera para atletas da ginástica foi um problema para a Adrian desde que passou a se destacar na modalidade. Em que pese seu caso particular, esse é um fantasma que assombra a ginástica. Segundo João Carlos Oliva, presidente da Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul:

Isso é geral a todas tá, não é só ela. Minha filha sofre com isso também e tem treze anos. Com quarenta e cinco quilos ela está ali no limite do limite, então, ela não pode nem acima nem a baixo, tem que ficar ali, porque abaixo ela perde rendimento, e acima ela perde rendimento, então tem até aquelas faixinhas que ela tem que se manter. Isso é comum a todos os portes (OLIVA, 2017, p. 6).

Em seu estudo sobre a formação desportiva das ginastas participantes do Jogos Olímpicos no período de 1980 a 2004, Schiavon (2009) destaca que a preocupação com o índice de massa corporal das atletas de GA se justifica porque “Quanto mais a ginasta aumenta seu peso, relativamente ela fica mais fraca, pois está realizando o mesmo movimento com o mesmo condicionamento de antes, porém, mais pesada. As ginastas precisam ser fortes e leves, características de ginastas do mundo todo” (SCHIAVON, 2009, p. 86).

Durante a fase de treinamento com a seleção permanente, a Adrian aumentou o seu índice de massa corporal e esse foi um dos motivos pelos quais aconteceu a saída da seleção, apenas cinco meses depois de convocada. Vera, sua mãe, narra a versão que Adrian lhe contou, à qual estão agregadas algumas reclamações. Vejamos:

²⁸ Irina Ilyaschenko.

²⁹ “Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção”. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2010/08/16/adrian-gomes-supera-indisciplina-peso-e-idade-avancada-brilha-e-volta-a-selecao.jhtm>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Quando ela tinha os seus quatorze ou quinze, que ela foi para a seleção, ela teve um período que ela começou a engordar. E aí ela queria comer as coisas e não podia; quando ela foi para lá, lá era muito controlado, alimentação e horário de treino também. Foi bem pesado para ela e quando resolveram mandar ela embora em função de peso. Que daí ela comia escondido, com as colegas, mas como ela também recém estava chegando lá, tudo cai no mais fraco né, por mais... Elas comiam escondido e aí quando achavam era sempre a Adrian a culpada. Isso foi ela que me falou, porque eu não estava lá, não cheguei a ir até lá (GOMES, 2017, p. 3).

Quando foi suspensa da seleção, Adrian tentou começar a treinar em um clube na cidade de Guarulhos/SP, do qual não recorda o nome. No entanto, segundo narra em sua entrevista, o clube Grêmio Náutico União, com o qual a atleta tinha contrato, não permitiu. A ginasta voltou para o Rio Grande do Sul, mas naquele momento estava desmotivada e não quis permanecer no esporte, nem retornar ao Grêmio Náutico União. Essa mesma situação foi identificada por Nunomura e Oliveira (2012, p. 338): “Muitas atletas que não se adaptaram ao sistema de treinamento imposto no CT em Curitiba abandonaram a modalidade ao retornarem aos seus clubes de origem”.

Além da questão corporal, nas entrevistas que realizei, foram mencionados outros fatores que possivelmente contribuíram para sua saída da seleção no ano de 2005. Lisiane Bergue, que colaborou no treinamento de Adrian quando integrou o Núcleo de Ginástica da UFRGS, menciona como determinante a questão emocional: “Eu sei que ela era muito jovem, as meninas elas iam muito novinhas para lá, então não tinham uma estrutura psicológica muito boa, não tinham um apoio psicológico muito bom e ela acabou não dando certo lá” (BERGUE, 2017, p. 4).

Vera, a mãe, acrescenta outra situação:

E quando um belo dia nos ligaram e disseram, para os pais, ligaram para nós: “Oh, estamos mandando a Adrian embora em função de peso e de outras coisas”, que eu não me lembro agora o que aconteceu por lá. Ela usava telefone também, acho que ela tinha um namoradinho também, não me recordo. E foi isso então, essa parte foi a mais chata para nós (GOMES, 2018, p. 4).

Ainda que não saibamos tudo o que aconteceu na sua primeira convocação, interessa referir que o curto período no qual Adrian integrou a seleção pode ser considerado como um divisor na sua trajetória esportiva, visto que marcou

profundamente a relação dela com a ginástica. Além do seu desestímulo, surgiram dificuldades que a fizeram pensar em desistir e abandonar a ginástica, inclusive as lesões.

Além de superar a imaturidade e os problemas com o peso, Adrian ainda teve de encarar uma grave lesão, justamente a responsável por sua breve aposentadoria. “Operei o pé no fim de 2007, quando rompi o tendão. Tentei voltar, mas rompi de novo no começo de 2008. Fiz todo o tratamento de novo. Aí em 2009, tentei fazer seletiva para a seleção, mas chegando lá disseram que não valia a pena, porque eu ainda não conseguia fazer tudo. Então desisti, achei que não dava mais, até porque o pé doía muito e eu achava que o esforço não seria recompensado”³⁰.

Mesmo percebendo a desmotivação da filha, seu pai, Giovane Nunes, insistiu para que ela continuasse na ginástica. Tomou a iniciativa e buscou alternativas para que ela voltasse a treinar. Ainda em 2005, depois da atleta retornar de São Paulo, procurou o Núcleo de Esporte de Base Ginástica Olímpica, situado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde conversou com o técnico da equipe, Sérgio Stringhini, solicitando que aceitassem que Adrian treinasse junto com a equipe. Conhecendo a capacidade da atleta, o treinador a acolheu junto ao grupo e nesse local Adrian treinou por aproximadamente três anos, quando largou tudo para trabalhar em uma cafeteria. No entanto, em 2009 retornou para a ginástica. Não mais no Núcleo de Base, mas no Grêmio Náutico União a convite de Adriana Alves. “Eu precisava completar a equipe do clube para o Campeonato Brasileiro, aí eu a convidei para voltar. O intuito era só competir no Brasileiro, mas ela acabou ficando, foi melhorando, e as perspectivas mudaram” (ALMEIDA³¹ *apud* UOL, 2010).

Junto ao clube, Adrian retomou o treinamento e foi acompanhada por um psicólogo e uma nutricionista. Em função desse apoio e de sua dedicação, voltou a ter um bom desempenho e no início de 2010 fez um estágio na seleção permanente, em Curitiba. Em maio atuou no Troféu Brasil, porém, seu desempenho não foi satisfatório conquistando a quinta colocação no salto. Em julho teve uma nova oportunidade “resistiu aos cansativos treinamentos e ficou em terceiro lugar entre as

³⁰ Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2010/08/16/adrian-gomes-supera-indisciplina-peso-e-idade-avancada-brilha-e-volta-a-selecao.jhtm>> Acesso em: 29 jun. 2018.

³¹ Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2010/08/16/adrian-gomes-supera-indisciplina-peso-e-idade-avancada-brilha-e-volta-a-selecao.jhtm>> Acesso em: 29 jun. 2018.

atletas”. Voltou à seleção e iniciou sua preparação para os Jogos Pan-Americanos de 2011 e os Jogos Olímpicos de 2012, temas que serão abordados no terceiro estudo desta dissertação.

5.2 NÚCLEO DE ESPORTE DE BASE DA GINÁSTICA OLÍMPICA – O REMANSO ENTRE AS CONVOCAÇÕES

O Núcleo de Esporte de Base de Ginástica Artística (NEB-GO) foi implantado na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 2006, por meio de uma parceria com o Ministério do Esporte. Os equipamentos de treinamento e de competição eram da mesma qualidade daqueles utilizados em competições internacionais, possuindo inclusive o selo de Certificação da Federação Internacional de Ginástica (FIG). A criação do Núcleo se deu a partir da iniciativa do Diretor da ESEF (Escola de Educação Física da UFRGS), Ricardo Petersen, que enviou um projeto a Secretaria Nacional de Alto Rendimento assim que tomou conhecimento sobre o interesse da entidade em financiar a implementação de núcleos de desenvolvimento do esporte de base de diferentes modalidades esportivas. Esses núcleos foram criados para “oferecer uma estrutura qualificada para a prática e para o treinamento esportivo nas comunidades. Com o propósito de funcionar como um berçário de novos talentos, os núcleos buscariam apoiar as atividades esportivas realizadas nas escolas e nos clubes”³².

Sob a coordenação do professor João Oliva, o Núcleo contou com o trabalho de Sérgio Stringhini, enquanto técnico, e Lisiane Bergue como sua auxiliar. Em agosto de 2007, em uma reportagem publicada no jornal Correio do Povo, o então Ministro do Esporte, Orlando Silva Júnior, ao visitar as dependências da ESEF assim se referiu ao Núcleo de Ginástica Olímpica: “São centros que buscam a qualidade e espaços referenciais para nossos professores, alunos e também a comunidade”³³.

João Oliva destaca a qualidade dos equipamentos: “Na época claro, nós tínhamos um ginásio top de linha vamos dizer assim, porque ele não é mais top de linha? Os equipamentos foram se perdendo com o tempo, mas está ainda hoje um ginásio bom para uma vida acadêmica” (OLIVA, 2017, p. 4).

³² Disponível em: <<http://esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/39976-nucleos-de-esporte-de-base-alimentam-a-esperanca-de-novos-atletas-da-ginastica-olimpica>>. Acesso em: 31 jun. 2018.

³³ Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Jornal/A1111/N321/HTML/80ESEF9R.htm>>. Acesso em: 31 jun. 2018.

Ao sediar alguns dos mais importantes eventos esportivos, o Brasil realizou esforços a fim de se tornar uma potência esportiva. Os Jogos Pan-Americanos de 2007, os Jogos Mundiais Militares de 2011, a Copa do Mundo de Futebol em 2014, e os Jogos Olímpicos em 2016 foram pensados considerando esse desejo. Desse modo, houve um maior investimento público a fim de promover o esporte de alto rendimento, iniciativa que estava em grande medida circunscrita aos clubes, escolinhas e associações esportivas. O incremento de ações desse porte, no entanto, não significou a criação de uma política consistente para o desenvolvimento das modalidades esportivas, visto que a gestão dessas instalações não foi unificada (MAZZEI *et al.*, 2012). Além disso, passados os megaeventos, o que se vê é a contingência de recursos afetando muitas atividades fomentadas até os Jogos Olímpicos de 2016. O Núcleo de Base da Ginástica, como vimos, sofreu esse impacto e hoje já deixou de existir.

Adrian Gomes chegou ao Núcleo em um momento delicado de sua trajetória esportiva: havia sido dispensada da seleção, teve um atrito com o Grêmio Náutico União, estava acima do peso, e sem vontade de treinar. O trabalho junto às ginastas do Núcleo, que eram mais jovens que ela, colaborou para que retomasse sua condição física e seu interesse e disponibilidade para continuar na ginástica:

Então, na verdade foi assim: eu tinha parado de treinar, que nem eu te falei, e eu não queria mais treinar, não queria mesmo. E aí o meu pai fez de tudo para eu entrar lá. E eu fui falar com o Sérgio, na verdade não fui eu que fui falar, foi o meu pai. E ele falou com o Sérgio e o Sérgio disse que eu poderia ficar lá, que ele me dava treino, sem problema nenhum. E aí ele me ajudou um monte, fiquei lá eu nem sei quanto tempo, acho que de 2005 a 2008 ou 2009, por aí. Foi bem legal, foi uma experiência bem legal apesar de eu não querer mais treinar (GOMES, 2018, p. 2).

Junto à equipe da UFRGS, a atleta chegou a participar de seletivas para a seleção, mas por estar acima do peso e em função dos acontecimentos que a levaram a ser dispensada anteriormente, Adrian não foi convocada para a seleção brasileira. Para Sérgio, seu treinador:

Ela tinha um pouco de problema de peso e isso aí foi uma coisa que atrapalhou um pouquinho a carreira, porque ela não conseguia se controlar muito, e aí... Não que ela fosse muito pesada, mas não entrava nos os padrões brasileiros de quem comandava a ginástica no Brasil. Então quando eu ia levar ela para uma seletiva o pessoal que

comandava a seleção brasileira sempre reclamava, e olhava para ela meio torto (STRINGHINI, 2017, p. 5).

Tanto o treinador, como sua auxiliar, Lisiane, afirmam em suas entrevistas que a ginasta era uma pessoa de fácil comunicação e com muita técnica. O que lhe faltava era o cuidado com o peso.

Eu posso dizer que ela sempre foi uma ótima atleta, eu gostei muito de ser treinador dela, de dar treinamento para ela, eu gostei muito mesmo. Ela era uma guria boa de dar treino, ela era muito forte, muito explosiva, muito flexível, tinha uma postura muito boa, uma coordenação motora muito boa, ela fazia as coisas que eu pedia [...] ela treinava muito bem, e aprendia muita coisa, ela treinou eu acho que uns três ou quatro anos comigo e ela aprendeu muita coisa e mesmo o pessoal da comissão técnica do Brasil ficando meio assim, quando eu levava ela para campeonato nacional, normalmente ela ficava entre as seis primeiras no Brasil, na categoria adulta. Entre as seis primeiras, só que aí para pegar seleção brasileira ela não era convocada por questões de peso. Então, mas em relação à parte técnica dela, a parte assim, o treinamento dela, sempre foi muito boa de dar treino (STRINGHINI, 2017, p. 5).

Lisiane assim rememora o período no qual trabalhou junto de Adrian:

Ela era ótima assim, uma guria muito boa de treino, eu não entendia como que não tinha dado certo né, o que podia ter dado errado, acho que só pela imaturidade mesmo, porque ela era muito boa de dar treino assim, tudo que a gente propôs para ela, tudo ela fazia [...] ela era fantástica, fantástica para trabalhar [...] ela era mais velha, ela era a líder né, então super bem, as gurias respeitavam muito ela, não tinha grandes problemas, ela ajudava bastante (BERGUE, 2017, p. 4-6).

Apesar de ter ótimos equipamentos, uma das queixas de quem vivenciava o Núcleo de Base era a falta de apoio financeiro para as atletas, seja para conseguir se manter no esporte, seja para participar das competições. O Núcleo oferecia uma boa estrutura física de treinamento, com equipamentos da Gymnova, considerados os melhores do estado na época, mas isso não era o suficiente para manter atletas de alto rendimento.

Só que é aquela coisa assim, como não tem um planejamento de esporte de alto rendimento a gente foi conseguindo aquilo que estava dentro dos projetos, mas nada naquela época a gente precisaria. “Bah, agora está bom assim”. Levava muito tempo (OLIVA, 2017, p. 4).

Para manter e aprimorar o desempenho das ginastas era necessário conseguir patrocínios, visto que o projeto não custeava gastos além da manutenção da estrutura física. Além disso, o treinador e sua auxiliar não recebiam salário, trabalhavam pelo amor e pela paixão que nutriam pela Ginástica Artística. Além do trabalho gratuito, Sérgio e Lisiane buscavam meios de conseguir ajuda para custear as viagens e até as roupas das atletas. Adrian relembra a de dedicação ambos para além do treinamento qualificado:

Quando eu entrei, os equipamentos eram muito ruins, mas muito ruins mesmo. Daí nesse ano que eu lembro chegaram os outros e aí ficou bem melhor. Que na época eram os tops, que agora já não são mais, que já vieram outros bem melhores... a gente não pagava nada, o Sérgio e a mulher dele sempre correram atrás dos patrocínios, das coisas, os colans (GOMES, 2018, p. 4).

A falta de estrutura do Núcleo foi vivenciada por Adrian em diferentes situações. A pior delas diz respeito às graves lesões que sofreu no período em que esteve treinando no Núcleo de Base. Por duas vezes rompeu o tendão de Aquiles e se submeteu a duas cirurgias. Por sorte ela tinha plano de saúde na época, o que ajudou a cobrir os gastos com os procedimentos cirúrgicos. Sérgio, em sua entrevista relembra as dificuldades enfrentadas pela atleta:

Ela reclamava um pouquinho do tendão de Aquiles, porque ela tinha o tendão um pouquinho curto, e ela treinava, fazia exercícios de alto grau de dificuldade. Teve uma época que ela foi fazer um Tsukahara³⁴ no solo, que é um duplo mortal de costas com pirueta, um tsukarrara carpado e ela foi fazer e quando ela picou no solo depois do Flick³⁵, deu um estouro. Eu achei que tivesse quebrado a chapa de madeira e não: ela tinha rompido o tendão de Aquiles. Aí foi um problema, tivemos que levar no médico, tudo, foi aquela coisa, ai teve que fazer cirurgia para religar o tendão, só que ocorreu até um certo problema porque, na verdade, foi uma cirurgia que não foi bem executada, porque fizeram a cirurgia e quando fizeram ali, religaram, fizeram ali o reforço no tendão de Aquiles não fizeram um reforço suficiente para aquilo que ela precisava, simplesmente costuraram e acharam que aquilo ali ia aguentar [...] e quando ela voltou a treinar não teve dúvida, rompeu de novo. [...] Aí ele fez um enxerto, ele pegou um pedaço, se eu não me engano da panturrilha, um pedaço do músculo, e botou como um reforço no tendão de

³⁴ Salto realizado na modalidade da Ginástica Artística.

³⁵ Movimento realizado na modalidade da Ginástica Artística.

Aquiles e fez a cirurgia. E aí fizemos a fisioterapia, tudo né (STRINGHINI, 2017, p. 5).

Em uma conversa com o seu técnico, a ginasta viu que o Núcleo não oferecia as condições necessárias para que ela avançasse na ginástica. Já desmotivada pelas lesões consecutivas e com a falta de perspectivas em relação a sua trajetória esportiva, Adrian decidiu abandonar o esporte:

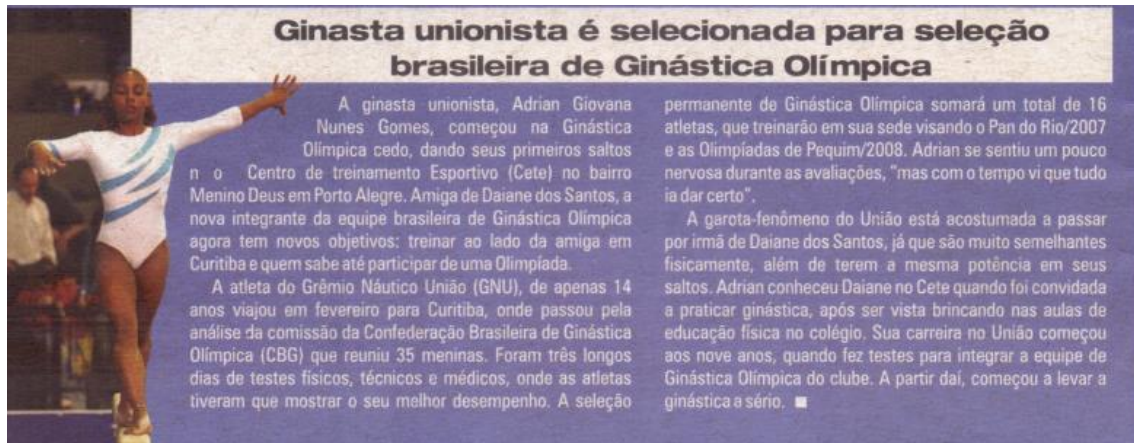
Operei o pé no fim de 2007, quando rompi o tendão. Tentei voltar, mas rompi de novo no começo de 2008. Fiz todo o tratamento de novo. Aí em 2009, tentei fazer seletiva para a seleção, mas chegando lá disseram que não valia a pena, porque eu ainda não conseguia fazer tudo. Então desisti, achei que não dava mais, até porque o pé doía muito e eu achava que o esforço não seria recompensado (ALMEIDA, 2010).

Após parar de treinar e competir, a Adrian, que já estava com 18 anos na época, decidiu seguir os estudos: terminou o ensino médio e começou a trabalhar em uma cafeteria localizada no bairro Bella Vista, próximo ao antigo clube em que treinava, o Grêmio Náutico União.

Sobre sua passagem no Núcleo de Base, João Oliva assim se refere:

Então ela teve o acolhimento aqui, não tinha muito vínculo, não tinha muita cobrança, não tinha exigência de resultados nem nada, então ela estava no grupo, pronto, fechou. Retomou a condição técnica dela, aí ela mesmo acho que em consenso com o Sérgio: “Ó, aqui tu vai ter isso, isso e isso, mas tu vai ficar limitada aquilo, aquilo, aquilo outro”. Assim que ela retornou e voltou para o União (OLIVA, 2017, p. 3).

Ou seja, sua experiência junto ao Núcleo de Base aconteceu em um tempo intermediário entre suas duas convocações para integrar a seleção nacional. A primeira, aconteceu em 2005 e foi amplamente comemorada: pela atleta, pelos familiares e pelo clube que a formou, conforme podemos identificar a referência à atleta em um material de divulgação publicado pelo Grêmio Náutico União em 2005.

FIGURA 2: Reportagem convocação para a seleção

Fonte: Grêmio Náutico União, 2005. (Acervo pessoal da Atleta)

Sua segunda convocação aconteceu em 2010, depois de retomar os treinos no Grêmio Náutico União e perder peso. Em uma de suas entrevistas, assim rememora esse período:

Na verdade, é tudo uma questão política. A seleção é uma questão política, às vezes tu não precisa, tu pode ser boa, mas se tu for gorda tu não entra, no padrão deles né. E eu sempre fui mais cheinha, e na época que eu treinava com o Sérgio eu era mais cheinha do que eu sou, aliás, do que eu sou não, do que eu era, no caso. Normal. E quando eu fui para o União, eu não sei dizer o que realmente aconteceu, mas, nesse um ano, de 2009 a 2010, eu emagreci muito, ganhei muita massa muscular e melhorei bastante também. O Sérgio, óbvio me ensinou muitas coisas que eu em quinze anos treinando não consegui. Quinze não, dez. Eu não consegui. Em três anos ele fez praticamente um milagre, só que eu não me ajudava, que nem eu te falei, eu não queria mais e aí depois, 2009 daí eu emagreci, a gente tinha um apoio nutricional no União que na ESEF a gente não tinha (GOMES, 2018, p. 5).

O Núcleo de Base não tardou a se desestruturar. Segundo o relato de Sérgio:

A outra professora parou e eu continuei mais um tempo com elas, só que não tinha estrutura, tinha só o ginásio disponível, os materiais e eu e os atletas e mais nada. E não tinha dinheiro para competição,

não tinha dinheiro para mim, não tinha dinheiro para nada, as atletas sem dinheiro também então a estrutura estava muito complicada. E eu, já estava complicado para mim, a minha vida pessoal já estava ficando complicada porque eu não tinha nada, eu com quarenta e poucos anos de idade, não tinha nada. [...] Eu já não estava mais aguentando a situação (STRINGHINI, 2017, p. 7).

O empenho da equipe do Núcleo de Base da UFRGS não garantiu a continuidade do projeto, assim, tanto Lisiane quanto Sérgio se desestimularam frente às adversidades. Adrian, que já estava desiludida com a ginástica, também desistiu.

E aí foi uma época que ela já estava um pouco desmotivada por causa disso também, e eu também estava começando a me desmotivar pela situação, e nessa época ela não quis mais fazer ginástica. Aí ela parou um tempo com isso aí e eu acho que foi nessa época que o pessoal do União convidou ela, para ela treinar, voltar para lá, e eu estava meio que largando nessa época. [...] Porque lá eles tinham mais estrutura nessa época, eles sempre tiveram assim, tinham dinheiro para competição, tinham mais técnicos, tinham coordenador, diretor, equipe de professores, não era uma pessoa só trabalhando sozinha, então... (STRINGHINI, 2017, p. 8).

Adrian desistiu! Foi trabalhar em uma cafeteria, no entanto, por pouco tempo.

Foi uma coisa meio difícil assim, porque eu fiquei nessa cafeteria três meses só, o resto do tempo eu fiquei... 2008 inteiro e um pouco de 2009 eu fiquei... Não sei, apaguei eu acho, da memória. Tá, eu fiquei me recuperando da lesão que eu tive, mas é só o que eu lembro, não lembro de mais nada. Só lembro depois da cafeteria. Mas eu ia trabalhar na cafeteria eu fui porque tinha que fazer alguma coisa da vida, eu não podia ficar parada em casa... (GOMES, 2018, p. 5).

Sobre esse período, as informações são um pouco desconstruídas. A falta de registros, a dificuldade de lembrar ou de querer lembrar evidenciam que uma trajetória não é apenas individual, mas está permeada por um conjunto de situações sobre as quais, muitas vezes, o esquecimento se faz necessário.

O retorno de Adrian ao Grêmio Náutico União é celebrado e ganha mais peso quando referido como o renascimento de uma atleta depois de ter abandonado as competições. A superação é celebrada e confere glamour ao retorno. Em uma reportagem publicada pelo Jornal Correio do Povo, no dia 22 de setembro de 2010, intitulada “Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes”, tal representação é acionada. Vejamos:

Mais volta por cima, só se daqui dois anos Adrian Gomes voltar de Londres com uma medalha olímpica no peito. Por hora, o que poderia parecer corriqueiro para outros atletas, para a ginasta gaúcha de 20 anos, tem um significado especial. Ao ser convocada para o Mundial da Holanda, a atleta do Grêmio Náutico União (GNU) tem confirmada a condição de que voltou com força às competições. Adrian havia surgido como uma promessa no início da década, mas depois de alguns maus resultados e de problemas de peso, abandonou a carreira em 2008. Foi chamada um ano depois praticamente para compor a equipe do GNU. Aproveitou a chance e foi ganhando destaque nas competições, até que chamou a atenção da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) (CORREA, 2010, p. 23).

A entrevista de Lisiane é emblemática para pensarmos nessa relação, ou seja, naquilo que é possível ou não ser dito, narrado e registrado. Vejamos:

Ela treinou mais um pouco e foi convocada para a Seleção. Para nós foi assim uma alegria muito grande, claro, ela foi uma sensação no Rio Grande do Sul como atleta que iria para a Olimpíada e foram feitas algumas reportagens com ela. E não é uma mágoa porque eu não guardo mágoa de ninguém, mas foi algo assim que foi impactante para mim porque apareceu uma reportagem na TV que ela estava trabalhando em uma confeitaria, hamburgueria, alguma coisa assim. Acho que era a Alice Bastos³⁶ ou era a Duda Streb³⁷ não me lembro bem que estava entrevistando ela e perguntando da trajetória dela e tudo que foi falado na reportagem, não por ela, mas pela repórter é que ela ficou dois anos sem treinar. Enquanto que ela estava aqui e tanta gente aqui ajudou ela, tanta gente, até a senhora que ficava ali embaixo na portaria, ajudava ela. Tinha muita gente que ajudava ela e em nenhum momento ela citou, nem a UFRGS, nem as pessoas que estiveram aqui do lado dela. E aí eu fui cobrar dela, eu disse: “Adrian, como assim tu fica dois anos parada?” Daí ela disse que foi proibida de comentar, então, isso foi uma coisa que me impactou assim, porque não poder dizer, afinal de contas para o Núcleo seria uma coisa muito boa ela ter passado por aqui em termos de divulgação, de mostrar que o Núcleo estava realmente sendo útil, sendo utilizado e ela não pôde dizer (BERGUE, 2017, p 7).

Silenciada ou não, a passagem de Adrian pelo Núcleo de Base de Esporte foi um entreato, uma ponte que tanto uniu quanto afastou dois períodos distintos, mas fundamentais para a trajetória esportiva de uma atleta do alto rendimento: integrar o

³⁶ Referência a repórter Alice Bastos Neves apresentadora do programa Globo Esporte da RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação).

³⁷ Referência a repórter Eduarda Streb que integra equipe do programa Sala de Redação da Rádio Gaúcha.

seleto grupo da seleção brasileira de Ginástica Artística e disputar uma edição dos Jogos Olímpicos.

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que na primeira fase de sua trajetória esportiva a atleta Adrian Gomes não tenha obtido as conquistas mais expressivas, nem tivesse ocupado lugar de centralidade na mídia, é imprescindível narrar os acontecimentos que permeiam a sua trajetória.

A ginasta, que teve o primeiro contato com a modalidade na escola, pôde contar com o apoio da família, seja para questões financeiras, seja para o suporte emocional fornecido por eles nos momentos difíceis que enfrentou, como no momento em que foi dispensada da seleção e quando se lesionou.

Assim como a convocação para integrar a seleção brasileira de ginástica analisada neste artigo, a retomada de sua trajetória esportiva e em especial a participação de Adrian nos Jogos Olímpicos merecem ser tematizados em um outro estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paula. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção. UOL Esporte. **UOL**. 16/08/2010. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2010/08/16/adrian-gomes-supera-indisciplina-peso-e-idade-avancada-brilha-e-volta-a-selecao.jhtm>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

ANDRES, Suelen de Souza. **Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul:** narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. **O que pode a biografia**. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2018.

BERGUE, Lisiane Lewis Xerxenevsky. **Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte –ESEFID UFRGS, 2017.

BRASIL. Núcleos de esporte de base alimentam a esperança de novos atletas da ginástica olímpica. **Ministério do Esporte**. 04/09/2007.

CORREA, Carlos. Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 22/09/2010.

CORREIO DO POVO. ESEF recebe ministro do Esporte. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 17/08/2006.

GOMES, Adrian Geovana Nunes. **Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2013.

_____. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes (2)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017.

_____. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes (3)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2018.

GOMES, Vera Lúcia Nunes. **Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2018.

GNU. Ginasta Unionista é selecionada para seleção brasileira de Ginástica Olímpica. **GNU**. 2005.

GYMNASTICS WIKI. Adrian Nunes Gomes. **Gymnastics Wiki**. 2013.

MACEDO, Christiane Garcia. GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2013.

MARCO, Ademir. Ginástica e Pesquisa: Considerações científicas e metodológicas. In: GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas Batista (Orgs.). **A Ginástica em questão: Corpo e Movimento**. São Paulo: Editora Phorte, 2010.

MAZZEI, Leandro Carlos; BASTOS, Flávia da Cunha; FERREIRA, Raimundo Luiz; BOHME, Maria Tereza Silveira. Centros de Treinamento Esportivo para o esporte de alto rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 1 (Esp.), n. 7, p. 1575-1584, 2012.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. A participação dos pais na carreira de atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, janeiro-março 2014, 28 (1), 125-134.

OLIVA, João Carlos. **Depoimento de João Carlos Oliva**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2017.

OLIVEIRA, Maurício Santos. **Evolução da Ginástica Artística Masculina nos últimos 20 anos (1987 – 2007)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Campinas: Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago (Tradução). São Paulo: Editora Letra e Voz, 2010.

RÚBIO, Kátia. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, história e imaginário**. São Paulo: Casa do psicólogo; FAPESP, 2006

_____. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo, SESI-SP Editora, 2015.

_____. **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo, Editora Laços, 2016.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)**. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues; TOLEDO, Eliana de; DEUTSCH, Silvia. Panorama da Ginástica Artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2013 jul-set 27 (3) 423-36.

STRINGHINI, Sérgio. **Depoimento de Sérgio Stringhini**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2017.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; NUNOMURA, Myrian. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n.3, p.159-176, maio 2005.

6 ADRIAN GOMES: A “DISCÍPULA DE DAIANE DOS SANTOS” EXECUTA OUTROS SALTOS³⁸

Resumo: Fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral, este texto tematiza as particularidades da trajetória esportiva da ginasta Adrian Gomes diante da constante associação por parte da mídia entre as trajetórias de Adrian e Daiane dos Santos. Como fontes, foram utilizadas entrevistas realizadas com a atleta Adrian Gomes. As entrevistas foram cotejadas com outras fontes como reportagens, livros, artigos acadêmicos e atlas esportivos, bem como o acervo documental disponibilizado pela atleta. Apesar de serem atletas negras, gaúchas e que tiveram semelhanças durante seus percursos enquanto atletas, é necessário tirar a sombra de Daiane da trajetória da Adrian. Sua história é única e precisa ser reconhecida e visibilizada.

Palavras-chave: Ginástica Artística, Ginasta, Trajetória esportiva.

Adrian Gomes, ginasta porto alegreense da seleção brasileira, se destacou na modalidade da Ginástica Artística ao participar de competições como Campeonatos Mundiais, Sulamericanos, Copas do Mundo, Jogos Pan-Americanos e também com a convocação para os Jogos Olímpicos.

A trajetória esportiva de Adrian Gomes se assemelha em alguns aspectos a de Daiane dos Santos³⁹, sobretudo no que se refere aos caminhos percorridos até alçarem um lugar na seleção brasileira. Negras e oriundas de famílias humildes que residiam em bairros periféricos da cidade de Porto Alegre, a iniciação esportiva de ambas se deu na escola, cujo talento para a ginástica foi identificado pela mesma professora: Cleusa de Paula. As duas começaram a treinar no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE) e de lá prosseguiram para o Grêmio Náutico União, no intuito de qualificar sua performance, resultando na convocação para integrarem a seleção brasileira de Ginástica Artística. A mídia gaúcha não se eximiu de assinar essas proximidades, cabendo à Adrian a honra e a responsabilidade de ser “a

³⁸ O presente estudo, após a defesa de mestrado, será adaptado as regras de revistas nacionais e será imediatamente encaminhado para publicação.

³⁹ Ginasta nascida em Porto Alegre em 10 de fevereiro de 1983, que participou das principais competições da modalidade como edições dos Jogos Olímpicos onde ficou muito próxima de obter uma medalha. Além disso, Daiane foi a primeira ginasta brasileira a conquistar uma medalha de ouro em um Campeonato Mundial de Ginástica Artística, consagrando-se como campeã mundial.

discípula de Daiane”, alcunha produzida pelo jornal Zero Hora no dia 20 de fevereiro de 2005 ao anunciar a convocação da ginasta então com 14 anos de idade.

FIGURA 3: A discípula de Daiane

GINÁSTICA Adrian Nunes Gomes, do União, foi selecionada para a seleção brasileira

A discípula de Daiane

TAMARA HAUCK

Ela é ginasta, negra e de origem humilde. Deu os primeiros saltos na escolinha do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (Cete) e é atleta do Grêmio Náutico União. Não, não se trata de um resumo da trajetória de Daiane dos Santos, mas sim da vida de Adrian Giovana Nunes Gomes, escolhida no último fim de semana para integrar a seleção brasileira, em Curitiba.

Aos 14 anos, a ginasta passou pela análise da comissão da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), que reuniu 35 meninas em sua sede. Foram necessários três dias de testes técnicos, médicos e físicos até se chegar aos 10 novos nomes. Com isso, a seleção permanente contará com 16 atletas, que treinarão na capital paranaense de olho no Pan do Rio 2007 e na Olimpíada de Pequim 2008.

Foi um pouquinho mais difícil do que pensa. Estava bastante nervosa, mas com o tempo vi que ia dar certo – contou Adrian.

A gincha e as demais selecionadas têm até o próximo sábado para se apresentar em Curitiba. O grupo vai morar na casa montada pela CBG e a uma quadra do ginásio de treinos. A mesma residência que já abrigou Daiane dos Santos, que hoje mora em um apartamento. A experiência não preocupa a adolescente, que vai cursar a primeira série do Ensino Médio.

– Não nos iludamos direto por causa das campeonatos, somos amigas e temos praticamente a mesma idade.

A mais nova promessa do União já está acostumada a passar por cima de Daiane devido às semelhanças físicas – além de negra, tem a mesma potência nas pernas de campeã mundial. As coincidências não param por aí. Moradora do Merro Santa Fereza, em Porto Alegre, Adrian também se acostumou a praticar ginástica no Cete, após de ser vista brincando na aula de educação física. Aos nove anos, fez testes no União. Foi lá que conheceu Daiane e resolveu a levar a ginástica a sério.

– Estou muito feliz porque fazer parte da seleção era o que eu sempre quis – comemorou a atleta.

tamara.hauck@zerohora.com.br



Adrian Giovana Nunes Gomes

Nascimento: 4/5/1990 Peso: 49kg
 Altura: 1m48cm Melhores aparelhos: solo e salto

A seleção brasileira

Quem fica	Juliana Santos*	Biãbeira Elkjeiro*
Daiane dos Santos,	Silo Paulo	Paraná
Camilla Comin	Roberta Monari	Ana Claudia Silva
Lais Souza	Maira Silva	Ethem Franco
Daniene Hipólito	Yulia Xavier*	Rhuan Dias
Ana Paula Rodrigues		Caroline Oliveira*
Mery de Jesus	Rio de Janeiro	Bruta da Costa
Novas integrantes	Thais D'Almeida	(Estado não informado)
Rio Grande do Sul	Thamires Araújo	
Adrian Gomes	Jacki Barbosa	

*Reservas – permanecerão em seus clubes e se apresentarão à seleção daqui a dois meses. A ideia é que sejam incorporadas ao grupo quando alcançarem os requisitos que faltaram nesta avaliação.

Fonte: Zero Hora, 2005 (Acervo Pessoal Adrian Gomes)

Daiane já era celebrada em função de suas conquistas para o esporte nacional: em 1999, conquistou três medalhas Jogos Pan-Americanos de Winnipeg (Canadá) (prata no salto e bronze no solo e por equipes). Na Universíade de 2001, realizada em Pequim, foi medalhista de prata no salto, aparelho que a projetou internacionalmente, quando venceu o Campeonato Mundial de Ginástica Artística no ano de 2003, na cidade de Anaheim nos Estados Unidos: competição na qual executou pela primeira vez o *duplo twist carpado*, salto que recebeu o seu nome: Dos Santos. O ineditismo dessa conquista foi amplamente reverenciado pela mídia local. Daiane foi exaltada como “a maior ginasta de todos os tempos”, “Pérola Negra”, “sapecadora menina”, “heroína”, “gauchinha de ouro”, entre outras designações que enalteceram sua carreira e conquistas (MELLO, 2007).

Daiane é o exemplo: só com determinação e persistência um atleta realiza tal sonho, este de ser o melhor do mundo, estar no topo. Sei

que terá recepção de heroína. A ginástica brasileira se divide entre antes e depois de Daiane: Quem mais? (p. 77).

A comparação se tornou inevitável e à Adrian resultou a esperança de continuidade a uma trajetória vitoriosa. “Adrian é o futuro”.

FIGURA 4: Reportagem Daiane dos Santos e Adrian Gomes

28 O SUL Porto Alegre, Domingo, 24 de abril de 2005

Daiane dos Santos leva público ao delírio no Estadual de Ginástica.

Boa parte do público presente ao Estadual de Ginástica, ontem, no ginásio principal do GNU (Grêmio Náutico União), levantou e foi embora logo depois de Daiane dos Santos cravar os dois pés no chão ao final de sua apresentação na prova de solo. Já tinham visto o que queriam. Estavam todos satisfeitos, felizes da vida por terem presenciado, ao vivo e a cores, a melhor ginasta brasileira de todos os tempos.

Daiane levou à euforia as cerca de 1,5 mil pessoas que compareceram ao evento. Antes de partir para o solo, a gaúcha participou do salto sobre o cavalo. Com nota 8,800, teve o segundo melhor desempenho, atrás da colega de GNU Juliana Santos, que fez 8,975 pontos. Depois, foi a vez das barras assimétricas. Mesmo cometendo um erro na passagem de barra, foi a melhor do aparelho, com nota 8,100. Para

não competir com as demais atletas pelo título individual da competição, a gaúcha decidiu não participar da trave.

APOTEOSE – O show estava reservado para a apresentação de Daiane no solo. Já no aquecimento, a cada pulo que a campeã mundial dava, a torcida comemorava como se fosse um gol. Cenário preparado. Daiane brindou a todos com o Brasilzinho, performance que consagrou a ginasta ao redor do mundo. Foi aplaudida de pé. Em termos técnicos, os árbitros não gostaram tanto assim da apresentação. Deram nota 8,875 à atleta – suficiente para lhe garantir a vitória no solo.

HOMENS – Mosiah Rodrigues, outro unionista, foi o melhor entre os homens, com 51,200 pontos. O União também levou o título masculino por equipes. (Alexandre Alliani)

PLACAR MUNDIAL
HOJE: Brasileiro Série A – Inter x Botafogo, Corinthians x Juventude, Fortaleza x Cortina, Fluminense x São Paulo, Brasileiro Série B – Atlético-PR x Ponte Preta e Santos x Paysandu. Brasileiro Série B – Barbanense x Náutico e Santa Cruz x Parnaíba. Espanhol – Betis x Real Sociedad, La Coruña x Racing Santander, Espanhol x Zaragoza, Valencia x Albacete, Getafe x Levante, Numancia x Mallorca, Málaga x Barcelona e Bilbao x Sevilla. Inglês – Portsmouth x Southampton e Portsmouth x Newcastle. Italiano – Verona x Cagliari, Bologna x Fiorentina, Messina x Internazionale, Livorno x Lecce, Atalanta x Palermo, Brescia x Reggina, Sampdoria x Roma e Lazio x Juventus. Português – União de Leiria x Nacional da Ilha da Madeira, Marítimo x Vitória de Setúbal, Rio Ave x Gil Vicente, Estrela x Benfica e Beira Mar x Porto. **ONTEM:** Brasileiro Série A – Paraná 0x2 Goiás, Atlético-MG 4x1 Figueirense, São Caetano 0x2 Palmeiras e Flamengo 1x1 Cruzeiro. Brasileiro Série B – Gama 2x1 Grêmio, Cascas 3x1 Cruzma, Vila Nova-GO 4x3 Ituano, Marília 2x2 Vitória, Avai 2x0 Ceará, Bahia 3x1 Anápolis, São Raimundo 1x1 Sport, Portuguesa 2x1 Guarani e CRB 0x3 Santo André. Espanhol – Osasuna 1x0 Atlético de Madrid e Real Madrid 2x1 Villarreal. Inglês – Chelsea 3x1 Fulham, Everton 1x1 Birmingham, Aston Villa 1x1 Bolton, Blackburn 0x0 Manchester City, Crystal Palace 1x0 Liverpool, Middlesbrough 4x0 Bromwich e Norwich 1x0 Charlton. Italiano – Milan 0x0 Parma e Siena 2x3 Udinese. Português – Boavista 1x1 Moreirense e Sporting 0x0 Académica.

PUBLICO lotou o ginásio do Grêmio Náutico União para ver a gaúcha (foto).



DAIANE emocionou a platéia na tarde de ontem.

Adrian é o futuro da ginástica.

Ao que tudo indica, o caminho de sucesso trilhado por Daiane dos Santos será seguido por outra atleta do Grêmio Náutico União. Adrian Gomes, de 14 anos, chamou a atenção na tarde de ontem. A menina foi a grande vencedora do torneio, com 129,550 pontos no total. Se não bastasse, teve a melhor nota individual entre todas as participantes – 9,000 na prova da trave. O desempenho de Adrian ajudou o União a conquistar o Estadual feminino por equipes, com 129,550 pontos. A Sogipa, em segundo, fez 70,325. (Alexandre Alliani)



ADRIAN (foto) é a sucessora da campeã mundial.

Fonte: O Sul, 2005 (Acervo pessoal Adrian)

FIGURA 5: Reportagem “O grande salto da ginástica nacional”



Fonte: Correio do Povo, 2003 (Recorte de jornal Acervo pessoal Adrian)

Apesar das similaridades amplamente divulgadas pela mídia local, importa destacar que cada atleta apresenta suas particularidades em termos de histórias de vida, trajetórias esportivas e experiências vivenciadas no universo cultural da ginástica. O fato de serem gaúchas, negras e pobres não lhes confere homogeneidade, muito menos uma espécie de linha sucessória do esporte vivenciado no Rio Grande do Sul.

Considerando essas questões, este estudo busca visibilizar a trajetória esportiva de Adrian Gomes descolando-a da associação com Daiane dos Santos visto que, apesar de algumas proximidades, suas histórias são bem distintas. Indubitavelmente, o protagonismo de Daiane merece ser referenciado. No entanto, quando uma identidade é tomada como referente, as outras estarão à margem, nas zonas sombras cuja existência parece existir somente em função da primeira (HALL, 2006).

A vida e a trajetória de Adrian prescindem de outros adjetivos que não o de “discípula de Daiane”. Nesse sentido, considero fundamental reconstruir alguns fragmentos dessa história a partir de sua própria narrativa visto que “[...] narrar é contar o vivido, é colocá-lo em uma temporalidade e, assim, humanizar o tempo, alinhar os personagens, tecer uma intriga; é, ainda, transgredir o discurso oficial em

busca da criação; é, sobretudo, aliar o tempo vivido ao tempo ficcionado” (COSTA, 2014, p. 49).

Adrian iniciou a prática ginástica no Centro Estadual de Treinamento Esportivo, em 1997, onde treinou durante um ano. Foi convidada para fazer um teste no clube Grêmio Náutico União, onde permaneceu de 1998 até 2005. Nesse período, foi convocada para integrar a seleção brasileira e não se adaptou a rotina de treinos no Centro de Treinamento em Curitiba. Foi dispensada da seleção e quando retornou para Porto Alegre passou a treinar no Núcleo de Base de Esportes – Ginástica Olímpica⁴⁰, onde permaneceu até 2008. Nesse período, Adrian teve duas lesões graves no tendão de Aquiles o que, somado a outros aspectos como o sobrepeso e a rotina de treinos, fez com que desistisse do esporte e buscasse outro modo de ganhar seu sustento. No caso, trabalhando em uma cafeteria, localizada nas proximidades do Grêmio Náutico União, clube no qual desenvolveu boa parte de sua trajetória esportiva⁴¹.

Foi justamente enquanto trabalhava na cafeteria, que Adriana Alves, treinadora da modalidade no clube, a convidou para voltar a treinar, pois precisava completar sua equipe para disputar a etapa do Campeonato Brasileiro de Ginástica, realizado na cidade de Porto Alegre, no ano de 2009. Esse pedido revela um aspecto comum da Ginástica Artística brasileira: o baixo número de ginastas capacitadas para o alto rendimento, situação que reflete a deficiência na formação de profissionais qualificados para formar ginastas (SCHIAVON, 2009).

Ainda assim, o Rio Grande do Sul é um dos estados que concentra um número maior de ginastas, visto que, segundo Nunomura e Oliveira (2012), a ginástica não se desenvolveu de forma proporcional no Brasil, pois as regiões sul e sudeste concentram o maior número de clubes esportivos que ofertam a modalidade.

Adrian aceitou o convite para retornar ao Clube e a partir de então construiu uma nova história dentro da Ginástica Artística, renovando as esperanças de vir a se destacar e figurar nas principais competições da modalidade. Nas suas palavras:

Foi assim, tinha uma amiga minha que estava treinando lá ainda, desde que eu era pequeninha, ela ainda estava lá, e na época eles

⁴⁰ Localizado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Implementado por meio de uma parceria com o Ministério do Esporte (BRASIL, 2007).

⁴¹ Esse período foi detalhado no segundo estudo desta dissertação.

estavam sem ninguém para completar para o campeonato brasileiro que ia ter em Porto Alegre. E aí essa minha amiga tinha me encontrado lá, viu que eu estava trabalhando lá, daí falou para a técnica lá do clube: “Ah, encontrei a Adrian, não sei o que, não sei o que...”. Daí ela falou: “Vê se ela não quer voltar a treinar”. Atirou né, e aí: “Tá, tudo bem, volto!” E aí voltei (GOMES, 2018, p. 8).

Quando retomou os treinos, no ano de 2009, Adrian estava em ótima condição física se destacando desde as primeiras competições que esteve presente⁴². Em agosto de 2010, participou da II Etapa Circuito Caixa de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica do Campeonato Brasileiro, realizada na cidade de Vitória/ES e, em função de seu desempenho, no mês de setembro foi convocada para integrar a seleção brasileira, a qual representou em três eventos internacionais. O primeiro deles foi o Campeonato Pan-Americano de Ginástica Artística Adulto, realizado em Guadalajara-México, onde conquistou a medalha de bronze por equipes (GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO, 2010).

Vale destacar que reconstruir seu percurso desde o retorno ao GNU até o final de sua carreira só foi possível quando teve acesso ao acervo pessoal da atleta, visto que na mídia e no próprio clube quase não há registros sobre as competições que disputou e os resultados alcançados⁴³.

Em que pese a possibilidade de não registrar alguns eventos, importa mencionar que em 2010, logo após retornar da competição no México, Adrian viajou para Ghent, na Bélgica, onde disputou uma etapa do Copa do Mundo de Ginástica. Participou também do World Artistic Championships, em Rotterdam (Holanda), e da Etapa Final Circuito Caixa, realizada no mês de novembro em Natal/RN.

O ano seguinte foi fundamental para confirmar os bons resultados, começando pela conquista medalha de ouro na categoria individual geral no I Meeting Internacional de Ginástica Artística realizado em Natal/RN. Na mesma competição, Adrian também conquistou a medalha de prata na competição por equipes, na trave, e foi campeã por aparelho no salto. Participou também dos Jogos Pan-Americanos em Guadalajara no México, do Campeonato Sulamericano de

⁴² Os resultados e as competições aqui descritas foram constatados a partir de certificados, credenciais de competições e as medalhas pertencentes ao acervo pessoal da atleta.

⁴³ Na enciclopédia livre Wikipédia encontrei apenas uma pequena referência à atleta apenas na língua inglesa. Não há nenhuma referência em português. “**Adrian Geovana Nunes Gomes** (born 5 April 1990) is a Brazilian female artistic gymnast and part of the national team. She participated at the 2010 World Artistic Gymnastics Championships in Rotterdam, the Netherlands”. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Adrian_Gomes>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Ginástica Artística no Chile, da Copa do Mundo em Tokyo e da etapa da “Challenger Cup” realizada na Bélgica. Além disso, em nível nacional, participou das três etapas do Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica.

A presença nesses eventos e sua boa fase reacenderam o desejo de se dedicar aos treinos para integrar a equipe que disputaria os Jogos Olímpicos de 2012, realizados em Londres. Meses antes dessa competição, Adrian teve conquistas significativas para a ginástica brasileira: no Campeonato Sulamericano, realizado em Rosário (Argentina), conquistou seis medalhas (quatro de ouro, uma de prata e uma de bronze) e no Pan-Americano de Ginástica realizado em Medellín (Colômbia), conquistou uma medalha de prata e uma de bronze.

Diante dos resultados apresentados desde seu retorno às competições, Adrian foi selecionada para compor a equipe olímpica:

Então, toda vez que tinha competição brasileira ou Copa do Mundo, tinha uma comissão que pegava e guardava os resultados. Esses resultados serviam para comparar quando tinha uma fila grande de meninas. Sei que eu já estava convocada antes de sair os treinos no Rio de Janeiro, isso se não me engano aconteceu dois três meses antes dos Jogos. Certa para os Jogos era eu e outra menina, o resto era dúvida (GOMES, 2013, p. 4-5).

6.1 OUTRA GAÚCHA OLÍMPICA: A PROJEÇÃO DO SONHO E A FRUSTRAÇÃO DA SUA NÃO REALIZAÇÃO

A participação nos Jogos Olímpicos é indubitavelmente o sonho de muitos atletas que se dedicam ao esporte de alto rendimento (ANDRES; BENDER, 2016). Para tanto, são longos os anos de preparação, os quais exigem demandas rigorosas que circunscrevem a rotina dos atletas quase que majoritariamente ao ambiente esportivo. Com a Adrian não foi diferente: nos três anos que antecederam os Jogos Olímpicos de Londres, a ginasta direcionou seu foco para o treinamento e para as competições. Em sua entrevista ressalta: “E quando eu fui para o União, eu não sei dizer o que realmente aconteceu, mas nesse um ano, de 2009 a 2010, eu emagreci muito, ganhei muita massa muscular e melhorei bastante também” (GOMES, 2018, p. 7).

Adrian viajou junto com a equipe para a Inglaterra e a chegada foi digna de alimentar o sonho heroico, conforme registrado em matéria publicada no site Terra no dia 11 de julho de 2012:

Seleção Brasileira feminina de ginástica artística foi recepcionada com uma grande surpresa nesta quarta-feira, em Londres, pouco depois de desembarcarem no Aeroporto de Heathrow. Na saída do local, ao invés do tradicional micro-ônibus, as meninas encontraram nada menos que duas limusines cor-de-rosa, carregadas com champanhe e equipadas com uma bandeira do Brasil, prontas para levá-las a Ipswich, onde a equipe fará a aclimação antes da Olimpíada de 2012⁴⁴ (PAIVA; MIRANDA, 2012).

Foi nessa cidade que a equipe treinou, buscando também se adaptar ao clima da região. Já em Londres, três dias antes das competições iniciarem, Adrian sentiu fortes dores na região lombar e depois de examinada, foi diagnosticada uma lesão na vértebra L3, o que a impediu de disputar a prova para a qual estava inscrita, sendo substituída pela ginasta paranaense Harumi de Freitas.

O dia 27 de junho de 2012 ficou fortemente marcado na sua trajetória e na história de sua família, pela não realização de um grande sonho. Segundo a narrativa da ginasta e de seus familiares, ela vinha sentindo dores na região lombar por cerca de um ano, mas o desconforto não havia sido investigado com profundidade. Afinal, dores e lesões eram recorrentes na vida da ginasta em função dos treinamentos e das exigências da modalidade. No entanto, um exame realizado já na cidade olímpica revelou que dessa vez seria diferente:

Me desesperei muito. Perguntei se fosse qualquer outra menina da Seleção (que tivesse se lesionado), eles também não deixariam (continuar na competição). Questionei o porquê de não poder competir sendo que eu tinha aguentado até lá. Minhas dores nas costas já vinham desde o início do ano. Perguntei várias vezes e só diziam que não dava. Comprometi-me a assinar um termo de responsabilidade e só falavam: “Não, pode ser pior quando tu estiveres lá saltando”. Porque na verdade eu estava travada, não conseguia puxar a perna, perdi a sensibilidade da perna esquerda. Falaram que nem assinando, nem fazendo nada, me desesperei mais ainda, chorei um mês (GOMES, 2013, p. 6).

A desconfiança em relação a comissão técnica da seleção fica evidente na fala acima e se dá em função dos conflitos que Adrian teve na primeira vez em que foi convocada para a seleção, no ano de 2005, sendo dispensada por indisciplina e

⁴⁴ Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/ginastica/meninas-da-ginastica-sao-recebidas-em-londres-com-limusine-rosa,b7283aabb23ba310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

sobrepeso⁴⁵. Seu marido, Lucas Barreto Neves, questiona o corte de Adrian dias antes de começar as competições, sendo que ela vinha sentindo dor há bastante tempo.

Bah, foi bem complicado porque foi uma surpresa para nós, porque eu acho que foi na época que ela estava melhor... No tempo que ela estava melhor preparada fisicamente, mentalmente para ir, tanto que na época ela era considerada uma das melhores do Brasil para ir, e chegar lá. Acho que, pelo que eu me lembro, foi um dia ou dois dias antes da estreia, ser cortada e sofrer um boicote. Que para mim não passa disso, para mim foi um boicote que fizeram com ela na realidade. Porque se tu tá há um ano com dor nas costas e está treinando e tu te qualifica, com um ano com dor nas costas, aí descobriram a lesão, dois dias, um dia antes (NEVES, 2018, p. 2).

Em nota oficial, o Grêmio Náutico União assim se manifestou sobre o ocorrido:

O Grêmio Náutico União recebeu a triste notícia nesta quinta-feira (26/07) que sua atleta da ginástica artística, Adrian Gomes, que representaria o Rio Grande do Sul e o Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres neste mês, foi cortada da seleção brasileira por conta de uma lesão. Adrian era a terceira competidora do Clube presente na capital inglesa, junto da nadadora Graciele Herrmann e do esgrimista Guilherme Toldo.

De acordo com contato do chefe-médico do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) José Padilha com o departamento médico do GNU, a atleta foi submetida a uma ressonância magnética e tomografia computadorizada da coluna lombar. O diagnóstico apontou lesão em uma das vértebras. Adrian deverá ficar em repouso e sem exercícios de impacto de seis a oito semanas, o que a tira da Olimpíada.

O médico do União, Ivan Pacheco, foi o intermediador das conversas com o médico da seleção brasileira e salienta que a lesão pode ter surgido de uma fratura por estresse, rechaçando a possibilidade da atleta ter viajado para o evento esportivo com essa lesão. “Acreditamos que tenha ocorrido uma fratura por estresse. Temos a informação que ela reclamou bastante do piso duro no local de treinamento da seleção, o que provavelmente fez desenvolver esta lesão. A Adrian realmente queixava-se de dores lombares, mas em todos os exames feitos - inclusive um há menos de dois meses - jamais apontaram qualquer problema em sua parte óssea. A última lesão da Adrian foi no joelho, no qual tivemos que fazer uma artroscopia em janeiro deste ano”, contextualiza e depois conclui: “a fratura por estresse pode não se manifestar em um primeiro momento, o que explica ela ter acentuado essa dor nos últimos dias”.

A coordenadora do departamento de ginástica artística e técnica de Adrian Gomes, Adriana Alves, que está presente na comissão brasileira para os Jogos, ressalta que a saúde da atleta deve ser priorizada no momento. “Claro que não esperávamos isso. É um

⁴⁵ Tema já abordado no segundo estudo intitulado “A primeira fase da trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes”

trabalho que fazemos com ela desde quando era criança e entrou no clube. A Adrian estava no auge da forma física e técnica, tanto que iria competir em todas as provas da modalidade. Infelizmente foi uma fatalidade; o preço que se paga pela busca incessante da alta performance dos competidores é muito grande. A partir do momento que sua saúde fica em perigo, devemos priorizá-la, continuar trabalhando e contar com o suporte médico e psicológico em sua volta para Porto Alegre”, avalia Adriana.

É importante pincelar que lesões para atletas de alto rendimento são absolutamente comuns e podem ser observados inclusive nesta edição dos Jogos Olímpicos. Na própria ginástica artística, por exemplo, o caso da Adrian Gomes é o segundo. No período de aclimatação na cidade de Ipswich, Laís Souza fraturou a mão direita e também foi cortada. Outro exemplo é o cavaleiro Renan Gerreiro, da equipe do Concurso Completo de Equitação (CCE), que também foi cortado do evento esportivo pela lesão no ligamento de seu cavalo Kenny. Por fim, o goleiro da seleção brasileira de futebol, Rafael Cabral, tornou-se outra baixa por uma lesão no seu cotovelo.⁴⁶

A desconfiança de Adrian e de seus familiares resulta do seu histórico junto à seleção e também pelo fato da ginasta Jade Barbosa ter sido cortada da seleção dias antes da viagem para Londres sob a alegação de indisciplina, como noticiado pelo jornal Zero Hora em 27 de junho de 2012. Esses foram alguns dos fatores que favoreceram a percepção de que o seu corte possa ter sido motivado por outros fatores que não apenas a lesão.

Importa registrar que o fato de não ter disputado a prova acarretou vários prejuízos em sua trajetória. Além de ter que lidar com a sensação de impotência e de fracasso, havia uma expectativa propalada pela mídia gaúcha visto que era “a discípula de Daiane”. Quem sabe a reparadora do feito não alcançado por ela em 2004, quando era a favorita à medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas e fracassou diante de um país que “parou para ver sua performance”.

Na reportagem do jornal Zero Hora do dia 27 de julho de 2012, que fala sobre a lesão que tirou Adrian da competição, a atleta Harumi de Freitas foi apontada como sua substituta.

Tão logo foi substituída, outras dores se fizeram presentes. Simbólicas, mas não menos pungentes. Assim que saiu da entrevista coletiva concedida na Vila Olímpica após o anúncio do seu corte, já deixou de ser “olímpica” conforme descrito na reportagem “Cortada ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir à Olimpíada”, publicada no site da ESPN no dia 26 de julho de 2012. Após referir-se a

⁴⁶ Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/07/com-lesao-na-coluna-ginasta-gaucha-adrian-gomes-esta-fora-da-olimpiada-3833156.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

tristeza da atleta que compareceu à entrevista de óculos escuros depois de tanto chorar, noticia: “Quando saiu da entrevista, a ginasta tentou voltar ao quarto para pegar as suas coisas, mas o crachá não passou pela catraca. Ela já estava oficialmente fora da competição, e precisou acionar o COB para resolver a situação” (BYDLOWSKI, 2012, s.p.)⁴⁷.

Adriana Alves, sua treinadora, a acompanhou nesse processo e junto com ela deixou a Vila Olímpica, conforme narra em sua entrevista:

Quando chegou na véspera que foi o treinamento oficial que era quarenta e oito horas antes dos Jogos realmente da competição dela, ela machucou, porque ela tem uma hérnia de lombar e a hérnia travou de uma tal forma que ela acabou sendo retirada vinte e quatro horas antes do evento, mas aí nós estávamos lá com tudo, aí eu acabei só assistindo junto com ela. Ficamos no Cristal Palace que era o que estava reservado para a delegação (ALVES, 2013, p. 8-9).

O fato de sua atleta não competir também perpassa sua representação como participante dos Jogos Olímpicos. Quando perguntada sobre sua presença nesse evento responde: “Eu acabei indo, mas não entrei como treinadora exatamente” (ALVES, 2013, p. 9). Ou seja, todo o período que antecedeu a prova foi jogado no esquecimento como se não fizesse parte do que poderíamos nomear de “memória olímpica”.

A anulação de sua presença se faz sentir em outras instâncias que registram memórias e histórias de atletas participantes dos Jogos Olímpicos. Adrian Gomes não figura entre o rol de atletas olímpicos nominados na Confederação Brasileira de Ginástica e no Comitê Olímpico Brasileiro. Essa mesma ausência acontece com uma obra referencial produzida por Kátia Rúbio intitulada “Atletas Olímpicos Brasileiros” (2015), na qual foram registradas pequenas biografias de atletas que participaram dos Jogos Olímpicos desde 1920, quando o Brasil inaugurou sua participação nesse evento, até os Jogos de Londres (2012), totalizando 1816 atletas entre modalidades coletivas e individuais. Ainda que o critério para a identificação dos sujeitos a serem nomeados como “olímpico” tenha sido “todos os atletas brasileiros que foram a Jogos Olímpicos desde a primeira participação brasileira em 1920” (RUBIO, 2014, p. 95), a dificuldade de encontrar fontes, e as disparidades

⁴⁷ Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/271137_cortada-ginasta-adrian-gomes-chora-e-cogita-nao-assistir-olimpiada>. Acesso em: 05 jul. 2018.

entre as encontradas, foi um dos fatores que contribuiu para precisar quem efetivamente representou o país nesse megaevento.

Interessa registrar que a não identificação de Adrian como atleta olímpica em várias fontes, inclusive oficiais, não significa que sua trajetória seja menos relevante para a atleta, para seu clube e para seu país. Nesse sentido, quero reafirmar sua identidade olímpica, pois a impossibilidade de competir não diminui o esforço que empreendeu durante anos de preparação visando estar lá e representar o Brasil.

Schiavon (2009), ao pesquisar a formação desportiva de ginastas brasileiras que participaram dos Jogos Olímpicos, utilizou como critério de seleção das atletas entrevistadas a convocação para a competição. Por essa razão, aparece em sua pesquisa a ginasta Soraya Carvalho que, tanto quanto Adrian, apesar de ter sido convocada para os Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, sofreu uma lesão que a tirou da disputa.

Afora a experiência e o sentimento, as memórias de Adrian sobre os Jogos Olímpicos de Londres materializam-se em objetos. Em um de nossos encontros, mostrou-me a medalha de participação: objeto que atesta sua presença e tem grande significação no contexto esportivo, um símbolo que integra o ritual de premiação de quem são os melhores. Enfim, um símbolo que ritualiza o lema olímpico “*Citius, Altius e Fortius*” (Mais rápido, mais alto e mais forte). Como fonte histórica, os objetos são canais pelos quais as marcas pouco evidentes se manifestam do passado para o presente. Eles são ativadores da memória” (GOMES; BRAGHINI, 2013, p. 86).

FIGURA 6: Medalha de participação Jogos Olímpicos de Londres 2012



Fonte: Acervo Adrian Gomes

Ao guardar esse artefato cultural Adrian preserva sua história e ao exibi-la ou apreciá-lo, reacende sua memória coletando vestígios dessa experiência. Ao descrever a importância que atribui aos Jogos Olímpicos afirma:

Por mais que tu tenha experiência em competições, tu nunca vai sentir a mesma sensação em todas. Então ter ido e não ter competido, essa experiência nem todo mundo passa, são poucas as pessoas que acabam indo até lá e não competem, tem que ter psicológico muito forte (GOMES, 2013, p. 5).

O fator psicológico, que ela mesma identificou como um dos motivos de sua dispensa da seleção em 2005, agora estava fortalecido, seja porque estava mais madura, seja porque tinha acompanhamento no clube no qual treinava. Ainda assim, o infortúnio da lesão fez com que novamente decidisse abandonar a ginástica. Esse episódio é balizador da sua trajetória esportiva. Depois dele, desistir passou a ser um pensamento recorrente.

6.2 O FUTURO DA GINÁSTICA GAÚCHA SUCUMBE DIANTE DE UMA LESÃO

A repercussão do corte de Adrian às vésperas da sua mais importante competição não passou despercebida da imprensa nacional. No dia 26 de julho de 2012, o acontecimento foi noticiado no site UOL, no Globo Esporte e no Zero Hora.

Depois de Laís Souza, mais uma atleta da ginástica artística feminina foi cortada por questões médicas. Adrian Gomes está fora das Olimpíadas de Londres devido a uma lesão na coluna. Em seu lugar, Harumi de Freitas vai competir - a atleta irá para a Vila Olímpica ainda nesta quinta-feira (GLOBO ESPORTE, 2012).

Na entrevista coletiva que concedeu aos principais jornais e canais de televisão, entre lágrimas, expressou:

“É a entrevista mais triste da minha vida. Desejo muita sorte para ela (Harumi)... Ela vai representar bem o Brasil. Não sei se vou ter coragem, se vou conseguir ver as competições. Acho que vou ficar chorando... Senti uma dor que nunca tinha sentido” (GOMES *apud* UOL, 2012).

A equipe de ginástica já computava três baixas: Jade Barbosa foi suspensa por indisciplina e Laís Souza sofreu uma fratura no quarto metatarso da mão direita. O fato de duas ginastas se lesionarem durante o período de treinamento indica o quanto as lesões estão presentes no cotidiano de atletas alto rendimento. O processo de treinamento e preparação para uma competição é árduo, muitos excessos são cometidos nesse período visando o resultado. Além disso, esse fato revela que muitas vezes os técnicos ignoram os relatos de dores de suas ginastas.

Conforme Stringhini (2010), as lesões também são fatores que fazem com que as atletas desistam da carreira e até mesmo se questionem se o sofrimento é válido ou não. Com Adrian não foi diferente. Por várias vezes pensou em parar, e esse episódio traumático potencializou esse desejo:

Bom, na verdade eu pensei muito em desistir quando saí da Vila Olímpica. Quando passei da Vila pensei muito em parar de treinar. Achei que não teria forças para continuar, mas depois vi que dava, mas só depois que já estava aqui. De lá, conhecer pessoas, o lugar, passar por situações que não é todo mundo que passa, então isso é o que fica de bom, legal. E o hotel lá era muito bom (GOMES, 2013, p. 7).

Ao longo de sua trajetória esportiva, colecionou muitas lesões e aprendeu a conviver com a dor e com a sua superação. Vejamos:

Eu, deixa eu lembrar aqui. Eu operei o ombro direito, lesão de slep, eu teria que operar o esquerdo também, porque eu também tenho essa lesão, mas, não rolou. Deixa eu ver, eu tenho umas hérnias de discos, tenho essa artrose que eu te falei, tenho... Ah, fraturei o pé, pé esquerdo se eu não me engano, mas isso eu era bem nova, eu tinha dez anos. O punho também eu fraturei. O cotovelo também... (GOMES, 2018, p. 10).

Essa descrição se assemelha a várias outras. Soraya Carvalho relembra:

Sobre minhas lesões, eu tive uma fratura no cotovelo, coloquei um pino e daí três meses eu tirei. Tendinite nem conta: punho, cotovelo, ombro, muito no ombro. E aliviava o treino um pouco. Continuava treinando sempre. Nunca parava. Entorse no pé muito também. De quebrar mesmo, eu quebrei o cotovelo, a canela, o tornozelo, um ossinho do dedinho do pé, só isso. Acho que os pés em uns quatro lugares (CARVALHO *apud* SCHIAVON 2009, p. 264).

A dor integra a cultura da modalidade (RUBIO, 2006) ao ponto das atletas não desistirem de competir mesmo machucadas ou em condições distantes das ideais. Ao analisar a fala de ginastas participantes dos Jogos Olímpicos acerca desse tema, Schiavon (2009) afirma:

É importante notar que, independente de geração e da evolução da ciência e de apoio, as ginastas continuam convivendo com a dor e competindo ou treinando machucadas. Um fato relevante que deve ser considerado, principalmente pela maioria estar ainda em fases importantes de desenvolvimento. E, além disso, muitas vezes, lidam com isso com naturalidade, considerando como atitudes corretas, ou seja, faz parte do contexto em que foram formadas e isso dificulta o afastamento ou a luta contra esse tipo de situação, sendo possivelmente condição de continuar pertencendo à elite da modalidade (p. 265).

O desejo de sair da arena competitiva permeou a trajetória de Adrian, mais especificamente, quando teve as lesões mais graves. No entanto, declinou do desejo e uma vez recuperada voltou aos treinos. Sua primeira lesão grave aconteceu em 2009, quando treinava junto ao Núcleo de Esporte de Base e rompeu por duas vezes o tendão de Aquiles. Abandonou o esporte e por três meses e trabalhou numa cafeteria. Diante do convite para voltar ao Grêmio Náutico União, retomou os treinos e cumpriu um ciclo, cujo ápice foi a participação nos Jogos Olímpicos. Sobre a lesão, relembra:

foi um momento bem difícil, complicado. Na Olimpíada, ter ido até lá e não competir. O pós Olímpico, voltar sem ter competido, recuperação. Depois que tive a lesão na coluna, foi chato, mas a recuperação foi muito rápida, nem esperava que fosse tão rápida. Logo em seguida, na primeira competição pós-lesão fui Campeã Sul-Americana⁴⁸, então foi bem importante (GOMES, 2013, p. 3).

A resiliência, a determinação e a cultura da modalidade inscreveu a ginástica em seu corpo, cujas marcas se fazem sentir mesmo passados mais de quatro anos do definitivo abandono.

Sim, eu sinto até hoje, inclusive ontem eu fui fazer um exame, eu estou quase travando as costas, eu tenho esses picos. Não é sempre, não é a cada mês, é por período, eu não sei o período certinho, mas vira e mexe eu dou uma travadinha [...]. No início eu

⁴⁸ Competição realizada em Rosário na Argentina no ano de 2012.

nem dava bola, acho que até os meus vinte e... vinte e dois, eu não dava bola para lesão. “Ah, não dá nada, a gente vai ali e faz de novo”, vai recuperar, vai ali, eu tento de novo. Porque eu via muitas pessoas se recuperando de lesão e voltando a treinar numa boa e tal, e eu pensava, “Se a pessoa pode, porque eu não posso também?” (GOMES, 2018 p.10).

Nova desistência e adeus à ginástica artística. Assim aconteceu em 2014 quando Adrian percebeu que seu corpo já não tinha condições de suportar tantas dores, fraturas e lesões. No entanto, um novo desafio se fez presente em sua história. Foi convidada para integrar a seleção brasileira de sky aéreo e no ano de 2016 foi para os Estados Unidos treinar com a equipe. Durante essa temporada, sofreu uma queda, bateu a cabeça e por alguns minutos ficou desacordada. Esse acontecimento selou sua carreira no esporte competitivo diante da seguinte percepção: “Depois desse período eu fiquei pensando assim: Mas, o corpo é meu, se eu me lesionar eu vou ficar com sequela, eu vou ficar com dor, eu vou ficar com cicatriz e vai ser para o resto da minha vida, né!” (GOMES, 2018, p. 10).

Essa percepção expressa as condições que os/as atletas enfrentam no contexto do esporte de alto rendimento no Brasil, cujas condições precárias demandam dos atletas, além de toda a dedicação inerente à manutenção da alta performance, outros investimentos para se manter competindo como, por exemplo, plano de saúde, assistência médica, fisioterápica e psicológica, suplementação alimentar, etc. Afinal, nem todos os clubes oferecem uma equipe multidisciplinar e muitos sequer realizam uma preparação física como forma de prevenir possíveis contusões que possam prejudicar o rendimento das pessoas que representam o país nas competições.

Questões como essas apontam para outro tema que repercutiu na trajetória esportiva de Adrian: financiamento, patrocínio e salário.

Considerando que o esporte não se configura como uma profissão, a maioria dos/das atletas em nosso país vivem de “ajuda de custo”, que podem ser bolsas de estudo, algum subsídio público ou alguma verba fornecida pelo clube. Segundo a ginasta, durante a maior parte de sua trajetória não houve aporte financeiro que garantisse sua subsistência. Em suas entrevistas, não é muito precisa sobre esse tema, mas aponta que buscou ajuda com um político gaúcho que inclusive perdeu vários de seus certificados e documentos comprobatórios de algumas vitórias.

Menciona ter recebido o Bolsa Atleta⁴⁹ em algumas etapas de sua carreira e que o valor recebido foi fundamental para se manter no esporte. Segundo as fontes consultadas, Adrian recebeu Bolsa Atleta no ano de 2006 enquanto treinava na equipe do Núcleo de Base do Esporte da UFRGS. Depois que retomou a carreira, recebeu Bolsa Atleta nos anos de 2012, 2013 e 2014 na modalidade de atleta internacional. No ano de 2012, quando estava se preparando para os Jogos Olímpicos, em função de sua não participação na prova para a qual estava inscrita, a ginasta declara que foi cortada da seleção e, portanto, não recebeu o auxílio do Bolsa Atleta na categoria de atleta olímpica, mas sim de atleta internacional:

Não, não peguei, eles não quiseram me dar, porque... na verdade eu não sei porque eles não queriam me dar. É que assim, como eu cheguei até a Olimpíada e me machuquei, acabei não competindo, eles tiraram meu nome da lista, e aí eu não recebi como atleta olímpica. Esse ano acho até que eu não recebi... Não, eu recebi referente aos resultados do mesmo ano, eu achei até um pouco injusto, porque eu recebi medalha de participação, recebi certificado e a guria que já estava no aeroporto e só me substituiu ali, nem fez todos os aparelhos. Ela ganhou (GOMES, 2017, p. 9).

Oliveira (2010), ao investigar a situação financeira da ginástica artística brasileira, compara os valores que a Confederação Brasileira de Ginástica recebe de seus patrocinadores com outras confederações esportivas e destaca que a quantia é bem menor do que em outras modalidades, como o voleibol e o atletismo. Ainda assim, os/as ginastas brasileiros/as vêm alcançando bons resultados, mesmo com o pouco investimento.

Cortada da seleção e destituída da nominata de atletas contemplados com o Bolsa Atleta, Adrian retorna ao Rio Grande do Sul visando recuperar-se da lesão na coluna. E mesmo tendo pensado em desistir, continuou treinando no Grêmio Náutico União.

Em 2013, a Adrian voltou a ser selecionada para representar a seleção brasileira de Ginástica Artística e demonstrou bom desempenho ao participar das mais importantes competições internacionais no cenário da Ginástica Artística. Em

⁴⁹ O Bolsa Atleta, programa do governo federal que tem como objetivo melhorar o desempenho dos atletas brasileiros, possibilita melhores condições de treinamento e preparação através do pagamento de bolsas, desde as categorias de base em que o valor mensal é de R\$ 370,00 até a categoria atleta olímpico/paraolímpico cujo valor é de R\$ 3.100,00 reais (Ministério do Esporte) (BRASIL, s/d.).

uma reportagem veiculada através da página do Grêmio Náutico União na rede social Facebook, o clube ressalta que a seletiva representava o início da preparação dos atletas do clube para os Jogos Olímpicos de 2016 (GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO, 2013).

Uma reportagem publicada no site do Jornal Zero Hora, no dia 18 de março de 2013, informa que Adrian foi escolhida para integrar a seleção juntamente com outra atleta gaúcha, Juliana Santos. Além de expressar a expectativa em relação aos Jogos Olímpicos de 2016, a notícia fala sobre a ida das atletas gaúchas acompanhadas pela treinadora Adriana Alves a fim de disputar uma etapa da Copa do Mundo de Ginástica, no Catar. Sobre o seu desempenho na competição, o Gym Blog Brasil destaca em uma publicação do dia 28 de março de 2013:

Adrian Gomes não competiu bem na final de salto. Única brasileira a se classificar para uma final, Adrian caiu no yurchenko⁵⁰ com 1 e 1/2 pirueta. O segundo salto, uma reversão com mortal carpado, foi muito bem executado, mas o valor de dificuldade é bem baixo. Terminou a final sem medalhas, na 7ª colocação (GYM BLOG BRASIL, 2013).

Em 2013, Adrian concedeu uma entrevista ao Projeto Garimpando Memórias e nela está registrada a sua vontade de competir nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro:

Eu quero muito ir para 2016, só que não sei se o meu corpo vai permitir. Minhas costas ainda doem, tenho mais problemas do que em 2012. Então não sei se vou chegar até lá, em função do meu corpo, não do meu psicológico ou não do meu querer. Mas estou treinando para isso (GOMES, 2013, p. 8).

Ainda no mesmo ano, o blog da Rádio Gaúcha, em 19 de junho de 2013, destacou a participação da Adrian e o desempenho da Seleção Brasileira de GA em um torneio internacional realizado na Inglaterra, onde a ginasta conquistou a medalha de prata no individual geral. Após a disputa do Torneio Internacional de Ipswich (Inglaterra), a ginasta ainda seguiu para Portugal, onde conquistou a medalha de bronze na Copa do Mundo de Ginástica Artística.

A trajetória esportiva de um/uma atleta envolve várias etapas desde a sua inserção no esporte até a aposentadoria: as equipes nas quais atuou, a formação

⁵⁰ Salto sobre o cavalo de alta dificuldade.

técnica (treinamentos e competições), a ascensão ao alto nível, ou não, e a suspensão sistemática ou abrupta do esporte (MARQUES; PASKO, 2009).

É exatamente em 2013 que a ginasta começa seu processo de afastamento das competições vislumbrando outras possibilidades para prosseguir a vida quando se tornasse uma “ex-atleta”. Ou, como assinala Rubio (2012), uma pós-atleta, termo que utiliza para se referir ao período da vida em que o/a atleta decide parar de competir.

Enquanto ainda competia pelo Grêmio Náutico União, iniciou o curso de Educação Física no Centro Universitário IPA, em Porto Alegre, subsidiada pelo clube. Porém, cursou apenas quatro semestres. Logo depois que encerrou sua trajetória como atleta abandonou o curso e, conseqüentemente, sua formação acadêmica.

Foi no ano de 2014, aos 24 anos de idade, que Adrian desistiu da Ginástica Artística. Entre tantas idas e vindas, tantos desafios, tantas lesões, tantas conquistas e alegrias, percebeu que não dava mais para continuar no alto rendimento. Sobre sua retirada das arenas competitivas refere:

Ah, foi bem complicadinho para mim, porque eu não tive suporte do clube né. Eu não tive suporte do tipo: “Adrian, não vai largar assim, não larga de uma vez. Não, fica vindo aqui um pouquinho”. Até me disseram isso, só que daí eu ia para o ginásio, eu ia para o clube e as pessoas ficavam me olhando com cara feia, porque eu pedi para parar de treinar. Daí eu resolvi não ir mais (GOMES, 2018, p.11).

O fato de ter parado de treinar não significa sua completa ausência dos ginásios, clubes e espaços nos quais a ginástica se presentifica. Ao se desligar do Grêmio Náutico União, teve uma breve passagem por outro clube com tradição na capital gaúcha, a SOGIPA (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre), onde atuou como professora de ginástica. No entanto, por ter sido atleta do GNU, em função da rivalidade existente entre esses dois clubes, começou a perceber situações de animosidade entre pessoas do novo clube, o que a fez abandonar essa ocupação.

O encerramento da carreira esportiva é um período dramático para quem se dedicou com muito afinco ao esporte de rendimento. Manter-se no esporte de algum outro modo parece ser uma espécie de continuidade para muitos/as atletas.

Adrian sucumbiu a essa vontade e abandonou o curso de Educação Física para seguir outro sonho: o de atuar na área da estética como cabeleireira. Adrian fez

alguns cursos, mas não chegou a atuar na área. No pós-carreira, a duvidade de permanecer ou não no universo cultural da ginástica ainda povoava seus sentimentos. Em 2013, pouco antes de sair do Grêmio Náutico União, esboçava o seguinte pensamento quando ainda estava passando pelo processo de deixar de treinar:

Quero e não quero. Quero porque gosto de dar treino, corrigir as gurias. Às vezes estou no ginásio e vejo elas fazendo errado, vou lá e corrijo, seja as pequenininhas ou as grandes que treinam comigo. Mas vejo pela Adri, que é a minha técnica, e o Kiko⁵¹, eles passam acho que umas doze horas dentro do ginásio e não tem tempo. Claro que eles viajam, conhecem. Só que já fiz isso como atleta, eles não tiveram essa oportunidade de viajar como atleta. Então não sei, ainda estou pensando se realmente quero ficar dentro do ginásio (GOMES, 2013, p. 8-9).

A questão financeira por vezes acaba sendo decisiva para que alguns atletas não deem continuidade as suas trajetórias dentro do esporte. Sérgio Stringhini, que foi seu treinador na equipe no Núcleo de Base do Esporte da UFRGS, mesmo tendo uma boa formação, com pós-graduação e cursos de especialização, abandonou a ginástica pela desvalorização profissional. Na época, trabalhava no Núcleo sem receber salário:

E só não teve continuidade o trabalho porque na verdade a gente conseguiu toda a estrutura de treinamento, mas não tinha o aporte financeiro para os técnicos, então a gente trabalhava sem salário. A gente trabalhava porque a gente sempre gostou muito, e a gente tinha objetivo de levar atleta até o alto rendimento, levar até Olimpíada e quando o técnico tem esse objetivo a gente abre mão de muitas coisas, na vida, até do salário (STRINGHINI, 2017, p. 2).

Seus técnicos a incentivavam para que ela seguisse no esporte enquanto técnica:

Sim, primeiro eu vejo que a Adrian é uma perda. Isso é fato. Perda por quê? Ela poderia muito bem ter encerrado a carreira dela e iniciar ou entrar em uma faculdade de Educação Física. Como profissional da área de Educação Física ela certamente seria uma excelente técnica (OLIVA, 2017, p. 6).

⁵¹ Eliseu Burtet.

Adrian, por sua vez, esboçou outras tentativas: a cafeteria, a estética e as aulas na Sogipa, aulas de dança em uma academia. Em 2016, tentou voltar ao esporte, ao *sky* aéreo, mas o acidente que sofreu a traumatizou. Só contou o ocorrido para sua família, mesmo assim, apenas quando chegou no Brasil.

Sua mãe, Vera Gomes, lembra o caso da ex-ginasta Laís Souza⁵² que também estava treinando na modalidade *sky* aéreo quando sofreu o acidente que a deixou sem movimentos abaixo do pescoço:

Aí tinha acontecido aquilo com a Laís, e a gente ficou meio tenso eu vou te dizer a verdade. A gente ficou muito tenso, meio que assim de primeira a gente disse que não.... Mas depois: ela quer, é o esporte, a vida dela, deixa ir. E foi, mas lá, num belo dia, ela até estava morando por lá nos Estados Unidos, mas num belo dia ela teve uma queda, ela bateu a cabeça, ficou em coma. E eu só soube quando ela voltou. Daí que ela me contou: “Em vez de ter fama mãe, dinheiro eu vou ficar em casa, prefiro caminhar e trabalhar; caminhar e ficar com vocês porque vocês...” Imagina, nós já morávamos aqui onde a gente mora, com escada de quarenta e oito degraus, tu imagina uma filha com problema de locomoção. Como é que nós íamos locomovê-la (GOMES, 2018, p. 12).

No momento em que retornaria aos Estados Unidos para voltar a treinar nessa nova modalidade, Adrian decidiu que não iria mais. O medo de sofrer uma lesão mais grave a impulsionou a permanecer em Porto Alegre e, de uma vez por todas, não mais competir.

A pós-atleta ressignifica sua trajetória esportiva e de vida. Casou-se em 2008 e, mesmo sem ter concluído o curso de Educação física, atualmente ministra aula de dança e de ginástica em uma academia na zona norte de Porto Alegre. Para complementar a renda, concilia essa atividade com a produção de chocolates que faz junto a família na casa onde mora, no bairro Cascata. No final do ano de 2015, a ginasta engravidou e teve seu primeiro filho, o Theo. Lucas Neves, seu marido, comenta sobre a possibilidade do filho virar atleta:

Hoje até as pessoas perguntam, “Ah, teu filho vai ser ginasta?” *Jamais...* Eu não... A não ser que ele seja muito bom, herde o negócio da mãe dele e seja inevitável, mas eu não vou estimular. Eu não estimularia ele a ser ginasta, pelo que eu vivi com ela nesses dez anos (NEVES, 2018, p. 4).

⁵² Laís sofreu um grave acidente no ano de 2014 em Salt Lake nos Estados Unidos, enquanto treinava para competir nos Jogos Olímpicos de Inverno.

A “discípula de Daiane”, conforme projetada pela mídia gaúcha, traçou outro percurso. Ao contrário de quem é tomada como referência, não teve projeção midiática, nem mesmo diante de todas as conquistas que teve para o esporte gaúcho. E não foram poucas.

As semelhanças com a “gauchinha de ouro” (SANFELICE, 2001) se fizeram notar apenas enquanto Adrian estava em ascensão na carreira, mais especificamente, quando foi convocada para a seleção com projeção de conquistar a tão sonhada medalha olímpica: a medalha olímpica da ginástica gaúcha, aquela que Daiane deixou escapar nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. A linha sucessória acaba aqui. A não concretização da competição promoveu um apagamento de sua história. Como último respiro, uma homenagem: em 2012, recebeu do Governo do Rio Grande do Sul a medalha “Mérito Olímpico”, junto de outros atletas gaúchos que participaram dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres naquele ano, como Fernanda Garay, Lucas Saatkamp e Thiago Alves do voleibol, a atleta da natação Graciele Hermann, Mayra Aguiar e Maria Portela do judô, o esgrimista Guilherme Toldo, Ana Luiza Barbachan da vela. Além desses, também receberam a premiação os atletas paralímpicos, como a nadadora Susana Ribeiro, Jovane Silva Guissone da esgrima, André Luiz Garcia de Andrade do atletismo e o atleta-guia Roger Pereira Manarin (BERVANGER, 2012).

Reconhecida ou não pela história oficial do esporte brasileiro, importa registrar que a trajetória esportiva de Adrian Gomes traduz aquilo que parece ser recorrente no cenário nacional: a dedicação, o afinco, as dificuldades, as frustrações e as conquistas são méritos pessoais da maioria dos/as atletas brasileiros/as. No entanto, essa é uma história que não se conta. Visibilizá-la é um ato político e pedagógico. Não para exaltar heróis/heroínas que extrapolam os limites da humanidade, mas exatamente ao contrário: para mostrar que o ser humano é provido de inconsistências, ambiguidades e incompletudes e isto não os faz menor, apenas registra sua individualidade. Por essa razão, afirmamos que Adrian é Adrian e tem seu brilho próprio. Sua trajetória esportiva é singular e indubitavelmente não anda à volta de ninguém. Adrian não orbita. Ela é o centro.

FIGURA 7 – Medalha Mérito Olímpico



Fonte: Acervo Pessoal Adrian Gomes

REFERÊNCIAS

ALLIATTI, Alexandre. Daiane dos Santos leva público ao delírio no Estadual de Ginástica. **O Sul**. 24/04/2005.

_____. Adrian é o futuro da Ginástica. **O Sul**. 24/04/2005.

ALVES, Adriana. **Depoimento de Adriana Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

ANDRES, Suélen de Souza; BENDER, Natália. A ginástica nos Jogos Olímpicos. In: MACEDO, Christiane Garcia Macedo; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150394/001008983.pdf?sequence=>> Acesso em 11 jul. 2017.

BERVANGER, Josias. Prêmio Mérito Olímpico será entregue nesta terça no Teatro Dante Barone. **Assembleia Legislativa Estado do Rio Grande do Sul**. 2012.

Disponível em:

<<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/278444/default.aspx>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

BRASIL. Bolsa atleta – Pré-requisitos. **Ministério do Esporte**, s/d. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/prerequisitos.jsp>> Acesso em: 03 jul. 2018.

_____. Bolsa atleta – Atletas contemplados. **Ministério do Esporte**, s/d. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/listaContemplados.jsp>> Acesso em: 03 jul. 2018.

BYDLOWSKI, Mendel. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir olimpíada. **ESPN**. 26/07/2012. Disponível em:

<http://www.espn.com.br/noticia/271137_cortada-ginasta-adrian-gomes-chora-e-cogita-nao-assistir-olimpiada> Acesso em: 05 jul. 2018

CORREIO DO POVO. Daiane incentiva uma geração. **Correio do Povo**. 31/08/2003.

COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: dilemas da interpretação. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

GAÚCHA. Jade Barbosa e Adrian Gomes são destaques no torneio internacional de Ipswich de Ginástica. **Gaúcha**. Blog Esportes. 19/06/2013. Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/brasillolimpico/2013/06/09/jade-barbosa-e-adrian-gomes-sao-destaques-no-torneio-internacional-de-ipswich-de-ginastica/?topo=52,1,1,,171,e17>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

GLOBO ESPORTE. Nova baixa na ginástica: Adrian Gomes está fora das Olimpíadas. Olimpíadas. **Globo Esporte**. 26/07/2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/nova-baixa-na-ginastica-adrian-gomes-esta-fora-das-olimpiadas.html>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

GOMES, Adrian. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

_____. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes (2)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017.

_____. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes (3)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro; BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFMG. In: LINHALES, Meily Assbu; NASCIMENTO, Adalson (Orgs). **Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória**. Belo Horizonte, MG: Fino Trato, 2013.

GOMES, Vera Lúcia. **Depoimento de Vera Lúcia Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Com Adrian Gomes, Seleção Brasileira de Ginástica Artística Feminina se classifica para o Pan 2011. **Portal Grêmio Náutico União**. 04/09/2010.

_____. Seletiva é com a gente! **Facebook Grêmio Náutico União**. 19/03/2013.

_____. Ela é show! **Facebook Grêmio Náutico União**. 24/06/2013.

GYM BLOG BRASIL. Resultados Copa do Mundo de Ginástica – Etapa de Doha – 1º dia de finais. **Gym Blog Brasil**. 28/03/2013.

HALL, Stuart. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.

HAUCK, Tamara. A discípula de Daiane. **Zero Hora**. 28/02/2005.

MARQUES, Mauricio Pimenta. PASKO, Vanessa Cerqueira. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MELLO, Vanessa Scalei de. **Daiane dos Santos, a gauchinha de ouro: articulações entre jornalismo e identidade gaúcha**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Porto Alegre: Faculdade de biblioteconomia e comunicação – UFRGS, 2007.

NEVES, Lucas Barreto. **Depoimento de Lucas Barreto Neves**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n. 2, p. 378 – 392. 2012.

OLIVA, João Carlos. **Depoimento de João Carlos Oliva**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017.

OLIVEIRA, Maurício dos Santos de. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira**: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Campinas: FEF – Unicamp, 2010.

PAIVA, Celso; MIRANDA, Leandro. Meninas da ginástica são recebidas em Londres com limusine rosa. **Terra**. 11/07/2012. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/ginastica/meninas-da-ginastica-sao-recebidas-em-londres-com-limusine-rosa,b7283aabb23ba310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

RÚBIO, Katia. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, história e imaginário**. São Paulo: Casa do psicólogo; FAPESP, 2006.

_____. **Preservação da memória** – a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos São Paulo, Képos, 2014.

_____. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. SESI-SP Editora, São Paulo, 2015.

SANFELICE, Gustavo. A construção midiática de Daiane dos Santos nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2014. **Revista Educação Física UEM**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 349-359, 2011.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística Feminina e história oral**: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

STRINGHINI, Sérgio. **Razões da desistência da prática da Ginástica Artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

UOL. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir Olimpíada. **UOL**. ESPN. 26/07/2012. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/271137_cortada-ginasta-adrian-gomes-chora-e-cogita-nao-assistir-olimpiada> Acesso em: 17 ago. 2017.

ZERO HORA. Cortados dos Jogos Olímpicos. **Zero Hora**. 27/06/2012.

_____. Com lesão na coluna, ginasta gaúcha Adrian Gomes está fora da Olimpíada. ZH Esportes. **Zero Hora**. 26/07/2012. Disponível em:

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2012/07/com-lesao-na-coluna-ginasta-gaucha-adrian-gomes-esta-fora-da-olimpiada-3833156.html>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

_____. Gaúchas Adrian Gomes e Juliana Santos são convocadas para seleção de ginástica. ZH Esportes. **Zero Hora**. 18/03/2013. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2013/03/gauchas-adrian-gomes-e-juliana-santos-sao-convocadas-para-selecao-de-ginastica-4078855.html>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esportistas que obtiveram feitos históricos e inéditos são lembrados durante muito tempo pela população de seu país. Ainda assim, inúmeras trajetórias de outros atletas caem no esquecimento poucos anos depois de encerrarem suas trajetórias no esporte. Independente do fato de serem ou não esquecidas, essas histórias têm um importante significado para o esporte. Essas histórias revelam particularidades muitas vezes ocultas e que não se tornam conhecidas porque são vivenciadas por quem não ocupa um lugar central na mídia.

A trajetória esportiva da Adrian Gomes fez com que eu pudesse refletir sobre diversos aspectos relacionados ao sistema esportivo brasileiro. O trabalho até aqui feito não se encerra em função de uma trajetória esportiva que foi deixada de lado. A história ainda continua e pode vir a ser contada sobre outros olhares. A trajetória contada nesta dissertação revela não só aspectos do cotidiano de atletas do alto rendimento que chegam próximo de um feito importante, mas também a trajetória de uma mulher negra que enfrenta inúmeros desafios para sobreviver no Brasil.

O mérito da Adrian enquanto atleta é indiscutível. A sua trajetória permite ampliar a visão romântica em torno do/a atleta olímpico/a ou do/a atleta da Ginástica Artística. Observo que o mérito de sua trajetória estava adormecido e o fato de ter uma pesquisa acadêmica produzida sobre ela empodera a Adrian e traz à tona a representatividade que ela tem no cenário da ginástica e do esporte.

Percebo que esta dissertação é apenas o começo e que a partir de então poderá dar origem a novas discussões, como por exemplo, o financiamento da modalidade da ginástica, o conceito de profissionalização de ginastas, bem como a problematização do conceito “atleta olímpico”.

Os três estudos realizados revelam aspectos peculiares da trajetória esportiva de uma ginasta gaúcha que alçou voos para além do Rio Grande do Sul, tornando-se uma expoente da modalidade. Suas conquistas e frustrações indicam os investimentos necessários para ser um/uma atleta de alto rendimento, cujos desafios cotidianos são enfrentados com superação e resiliência. Adrian inscreveu seu nome na ginástica brasileira mediante uma trajetória longa, instável e persistente. Partilhar suas memórias é um ato de generosidade e de resistência. Afinal, por trás das medalhas há uma vida que pulsa. Vida que de certo modo busquei apresentar neste estudo visando que sua divulgação inspire outros trabalhos e, sobretudo,

outras meninas e mulheres que olham para o esporte como algo que desejam vivenciar de perto e por dentro.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro> CPDOC, 2000.

_____. **Manual de História Oral**. 3ª edição. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Da “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **História Oral**, v.15, n.2, p159-166, jul./dez. 2012.

ALLIATTI, Alexandre. Daiane dos Santos leva público ao delírio no Estadual de Ginástica. **O Sul**. 24/04/2005.

_____. Adrian é o futuro da Ginástica. **O Sul**. 24/04/2005.

ALMEIDA, Paula. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção. UOL Esporte. **UOL**. 16/08/2010. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ginastica/ultimas-noticias/2010/08/16/adrian-gomes-supera-indisciplina-peso-e-idade-avancada-brilha-e-volta-a-selecao.jhtm>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

ALVES, Adriana. **Depoimento de Adriana Alves**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

ANDRES, Suelen de Souza. **Mulheres e handebol no Rio Grande do Sul: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2014.

ANDRES, Suélen de Souza; BENDER, Natália. **A ginástica nos Jogos Olímpicos**. In: MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150394/001008983.pdf?sequence=>>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. **O que pode a biografia**. Editora Letra e Voz, São Paulo, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2000.

BERVANGER, Josias. Prêmio Mérito Olímpico será entregue nesta terça no Teatro Dante Barone. **Assembleia Legislativa Estado do Rio Grande do Sul**. 2012. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/278444/default.aspx>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

BERGUE, Lisiane Lewis Xerxenevsky. **Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte –ESEFID UFRGS, 2017.

BRASIL. Núcleos de esporte de base alimentam a esperança de novos atletas da ginástica olímpica. **Ministério do Esporte**. 04/09/2007.

_____. Bolsa atleta – Pré-requisitos. **Ministério do Esporte**, s/d. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/prerequisitos.jsp>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

_____. Bolsa atleta – Atletas contemplados. **Ministério do Esporte**, s/d. Disponível em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/listaContemplados.jsp>>. Acesso em: 03 jul. 2018.

BYDLOWSKI, Mendel. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir olímpiada. **ESPN**. 26/07/2012. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/271137_cortada-ginasta-adrian-gomes-chora-e-cogita-nao-assistir-olimpiada>. Acesso em: 05 jul. 2018.

CEME. **Manual prático do projeto Garimpando Memórias**. 2017.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 2003. 16 (2). pp. 221 – 236

CORREA, Carlos. Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 22/09/2010.

CORREIO DO POVO. Daiane incentiva uma geração. **Correio do Povo** 31/08/2003.

_____. ESEF recebe ministro do Esporte. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 17/08/2006.

COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: dilemas da interpretação. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

DACOSTA, Lamartine. **Atlas do Esporte no Brasil**. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

EICHENBERG, Zelira Mendes. **Depoimento de Zelira Mendes Eichenberg II**. Pro Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2010.

EIDT, Natália. **Depoimento de Natália Scherer Eidt**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

ESPORTE ESSENCIAL. Samba, graça e técnica: a primeira campeã mundial da ginástica brasileira. Memória Olímpica. **Esporte Essencial**. 2014. Disponível em: <<http://www.esporteessencial.com.br/memoria-olimpica/lendas-do-esporte/daiane-dos-santos>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FINCO, Leonardo. **Depoimento de Leonardo Finco**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

GAÚCHA. Jade Barbosa e Adrian Gomes são destaques no torneio internacional de Ipswich de Ginástica. **Gaúcha**. Blog Esportes. 19/06/2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/brasilolimpico/2013/06/09/jade-barbosa-e-adrian-gomes-sao-destaques-no-torneio-internacional-de-ipswich-de-ginastica/?topo=52,1,1,,171,e17>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel *et al.* (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil- UAB - UFRGS e pelo curso de SEAD/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Adrian. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

_____. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes (2)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017.

_____. **Depoimento de Adrian Geovana Gomes (3)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro; BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFMG. In: LINHALES, Meily Assbu; NASCIMENTO, Adalson (Orgs.). **Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória**. Belo Horizonte, MG: Fino Trato, 2013.

GOMES, William Charles Osório; CROS, Juliana Prado; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Ser atleta no Rio Grande do Sul: as dificuldades de estar fora do eixo Rio-São Paulo. In: MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias**. Coleção Grecco. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016.

GOMES, Vera Lúcia. **Depoimento de Vera Lúcia Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018.

GLOBO ESPORTE. Nova baixa na ginástica: Adrian Gomes está fora das Olimpíadas. Olimpíadas. **Globo Esporte**. 26/07/2012. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/nova-baixa-na-ginastica-adrian-gomes-esta-fora-das-olimpiadas.html>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

GNOATTO, Dante. **Depoimento de Dante Gnoatto**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2005.

GNOATTO, Gerson. **Depoimento de Gerson Klippes Gnoatto**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Ginasta Unionista é selecionada para seleção brasileira de Ginástica Olímpica. **GNU**. 2005.

_____.Com Adrian Gomes, Seleção Brasileira de Ginástica Artística Feminina se classifica para o Pan 2011. **Portal Grêmio Náutico União**. 04/09/2010.

_____.Seletiva é com a gente! **Facebook Grêmio Náutico União**. 19/03/2013.

_____.Ela é show! **Facebook Grêmio Náutico União**. 24/06/2013.

GYM BLOG BRASIL. Resultados Copa do Mundo de Ginástica – Etapa de Doha – 1º dia de finais. **Gym Blog Brasil**. 28/03/2013.

GYMNASTICS WIKI. Adrian Nunes Gomes. **Gymnastics Wiki**. 2013

HALL, Stuart. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade** (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.

HAUCK, Tamara. A discípula de Daiane. **Zero Hora**. 28/02/2005.

JORAS, Pamela Siqueira. **Futebol e mulheres no Brasil**: A história de vida de Alline Pellegrino. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2015.

MACEDO, Christiane Garcia; BERNARDI, Gustavo Henrique Ribas. Mais que um sonho. In: Christiane Garcia Macedo, Silvana Vilodre Goellner (Orgs.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos**: garimpar memórias para produzir histórias. Coleção Grecco. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016.

MACEDO, Christiane Garcia. GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2013.

MARCO, Ademir. **Ginástica e Pesquisa**: Considerações científicas e metodológicas. In: GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas. **A Ginástica em questão**: Corpo e Movimento. São Paulo: Editora Phorte, 2010.

MARQUES, Mauricio Pimenta. PASKO, Vanessa Cerqueira. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase

profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MAZO, Janice Zarpellon; FILHO, Alberto Reinaldo Reppold (Org.) **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. UFRGS – CREF. 2005.

MAZZEI, Leandro Carlos; BASTOS, Flávia da Cunha; FERREIRA, Raimundo Luiz; BOHME, Maria Tereza Silveira. Centros de Treinamento Esportivo para o esporte de alto rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 1 (Esp.), n. 7, p. 1575-1584, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2ª Edição. São Paulo: Loyola, 1998.

MELLO, Vanessa Scalei de. **Daiane dos Santos, a gauchinha de ouro: articulações entre jornalismo e identidade gaúcha**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de biblioteconomia e comunicação. UFRGS: Porto Alegre, 2007.

MELO, Gislane Ferreira. RÚBIO, Kátia. Mulheres atletas olímpicas brasileiras: início e final de carreira por modalidade esportiva. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 2017. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/7672>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

MELO, Victor Andrade de. Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil: uma abordagem historiográfica. **Revista Movimento**, ano III, n. 4, v.1, 1996.

NEVES, Lucas Barreto. **Depoimento de Lucas Barreto Neves**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n. 2, p. 378 – 392. 2012.

_____. A participação dos pais na carreira de atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, janeiro-março 2014, 28 (1), 125-134.

NUNOMURA, Myrian. PICCOLO, Vilma Lení Nista. A ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas. v. 24 n. 3 p. 175-194, maio 2003.

_____. (Orgs.) **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Editora Phorte, 2008.

NUNOMURA, Myrian. TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. **Fundamentos das ginásticas**. 1ª edição. Jundiaí: Editora Fontoura, 2009.

OLIVA, João Carlos. **Depoimento de João Carlos Oliva**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017.

OLIVEIRA, Maurício Santos. **Evolução da Ginástica Artística Masculina nos últimos 20 anos (1987 – 2007)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Campinas: Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

_____. **O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008**. Dissertação de Mestrado. Campinas: FEF – Unicamp, 2010.

PAIVA, Celso; MIRANDA, Leandro. Meninas da ginástica são recebidas em Londres com limusine rosa. **Terra**. 11/07/2012. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/ginastica/meninas-da-ginastica-sao-recebidas-em-londres-com-limusine-rosa,b7283aabb23ba310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago (Tradução). São Paulo, Editora Letra e Voz, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Autêntica, Belo Horizonte, 2 ed., 2004.

PÚBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da ginástica olímpica**. Guarulhos: Editora Phorte. 1998.

_____. **Ginástica Artística**. In: DACOSTA, Lamartine. Atlas do Esporte no Brasil. Conselho de Educação Física. Rio de Janeiro, 2007.

RAMOS, Suelen dos Santos. **Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

REVISTA PLACAR. Aperitivo Olímpico. **Revista Placar**. nº 736, 29/06/1984.

RODEGHERO, Carla Simone. História Oral e história recente do Brasil: desafios para a pesquisa e para o ensino. In: RODEGHERO, Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROSTER, Méri (Orgs.). **História Oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

RODRIGUES, Mosiah Brentano. **Depoimento de Mosiah Brentano Rodrigues**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013.

RÚBIO, Katia. A história de vida como método e instrumento para apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. **Motus Corporis** (UGF), Rio de Janeiro. v. 11, n. 01, p. 09-21, 2003.

_____. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, história e imaginário.** São Paulo: Casa do psicólogo; FAPESP, 2006.

_____. **Preservação da memória** – a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos São Paulo, Képos, 2014.

_____. **Atletas Olímpicos Brasileiros.** São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

_____. **Enciclopédia Olímpica Brasileira.** São Paulo: Editora Mp Brasil, 2015.

_____. (Org.) **Narrativas Biográficas: da busca à construção de um método.** São Paulo: Editora Laços, 2016.

SANFELICE, Gustavo. A construção midiática de Daiane dos Santos nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2014. **Revista Educação Física UEM**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 349-359, 2011.

SANTOS, Cláudia Lima dos; NEGAMINE, Milena Threni; BERNARDI, Patrícia Silveira Fontana. Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul. In: MAZO, Janice Zarpellon; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo (Orgs.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: UFRGS – CREF, 2005.

SANTOS, Daiane Garcia dos. **Depoimento de Daiane Garcia dos Santos.** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014.

SAWASATO, Yumi Yamamoto. CASTRO, Maria Fátima de Carvalho. A dinâmica da Ginástica Olímpica. In: GAIO, Roberta. GÓIS, Ana Angélica Freitas. BATISTA, José Carlos Freitas. (Orgs.) **A ginástica em questão: Corpo e movimento.** São Paulo: Editora Phorte, 2010.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004).** Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SCHIAVON, Laurita Marconi; PAES, Roberto Rodrigues; TOLEDO, Eliana de; DEUTSCH, Silvia. Panorama da Ginástica Artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2013 jul-set 27 (3) 423-36.

SCHONHORST, Marta. **Marta Schonhorst: inspiração e performance coaching.** Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/marta-schonhorst-27866815>>. Acesso em 24 jun. 2018.

SILVA, Elis Priscila Aguiar. FARO, Carmen Lilia da Cunha. **História e memória da Ginástica Olímpica em Belém-PA: um olhar da História Oral.** Trabalho de Conclusão de Curso. Belém: Universidade Estadual do Pará, 2011.

SILVA, Haike Roselane Kleber. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **Métis: história e cultura**. V.1 n.1, p. 25 – 38. Jan./jun 2002.

STRINGHINI, Sérgio. **Razões da desistência da prática da Ginástica Artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

_____. **Depoimento de Sérgio Stringhini**. Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2017.

TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; NUNOMURA, Myrian. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n.3, p.159-176, maio 2005.

UOL. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir Olimpíada. **UOL. ESPN**. 26/07/2012. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/271137_cortada-ginasta-adrian-gomes-chora-e-cogita-nao-assistir-olimpiada>. Acesso em: 17 ago. 2017.

VAZ, Alexandre Fernandez. Encontro entre corpo, técnica e tecnologia. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 88-96, setembro, 2016.

VELOSO, Rafael Campos. Narrativas da Paisagem. In: RÚBIO, Kátia (Org.). **Narrativas Biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Editora Laços, 2016.

ZERO HORA. Cortados dos Jogos Olímpicos. **Zero Hora**. 27/06/2012.

_____. Com lesão na coluna, ginasta gaúcha Adrian Gomes está fora da Olimpíada. ZH Esportes. **Zero Hora**. 26/07/2012. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2012/07/com-lesao-na-coluna-ginasta-gaucha-adrian-gomes-esta-fora-da-olimpiada-3833156.html>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

_____. Gaúchas Adrian Gomes e Juliana Santos são convocadas para seleção de ginástica. ZH Esportes. **Zero Hora**. 18/03/2013. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2013/03/gauchas-adrian-gomes-e-juliana-santos-sao-convocadas-para-selecao-de-ginastica-4078855.html>>. Acesso: 04 jul. 2018.

**ANEXO A – MODELO DE CARTA DECESSÃO DO PROJETO GARIMPANDO
MEMÓRIAS**

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

SOBREDEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____

_____, CPF n° _____

_____, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do depoente

Ficha do/a Entrevistado/a

Nome completo:

Entrevistadores(as):

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Data de nascimento do entrevistado(a):

Breve Biografia:

Contato telefônico:

Contato de e-mail:

Observações:

APÊNDICE A – ROTEIRO ENTREVISTA ADRIAN GOMES

Local da entrevista:

Data da entrevista:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

- Conte-nos um pouco sobre o lugar onde você nasceu e como foi a sua infância? (em que bairro sua família morava, como era a comunidade onde cresceu, família, pessoas de referência sem ser da família, condição financeira)
- Como era a escola onde você estudou? (Fazia alguma prática esportiva, como era a educação física na escola?)
- Como começou sua relação com o esporte?
- Como foi a sua inserção na ginástica artística? (onde começou a praticar, com que idade, que pessoas foram importantes para esse início?)
- Fale um pouco sobre a rotina de treinos logo que iniciou na ginástica.
- Como funcionava a questão dos estudos? A ginástica atrapalhou de alguma forma ou conseguia levar normalmente?
- Como era a estrutura dos clubes onde atuou? (decisão de trocar de clube, clube em Guarulhos, porque não voltou para o GNU)
- A rotina de treinos mudou muito quando começou a atuar em outros clubes e começou a visar participar de competições maiores?
- Você lembra como era a situação da ginástica no estado e no país? (investimento, campeonatos e outros eventos, visibilidade na mídia, clubes, patrocínio para os atletas)
- Tinha alguma atleta na época que te serviu de inspiração?
- Como era a sua relação com as outras atletas dos clubes onde treinou?
- Quais foram os treinadores e pessoas que mais influenciaram na sua carreira?
- Como foram as mudanças de cidades quando foi para a seleção? (como ficou a família nessa época, responsabilidades?)
- Quais foram os campeonatos que você participou? (Você lembra do primeiro, como era a sensação de estar competindo pela primeira vez?)
- Como a sua família acompanhava a sua participação nas competições? (estavam presentes nos campeonatos, ou só podiam acompanhar pela televisão?)
- Quais os momentos mais marcantes nesse início da sua trajetória dentro da ginástica?

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS FAMILIARES

Local da entrevista:

Data da entrevista:

Nome:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Conte-nos um pouco sobre o lugar vocês moravam quando a Adrian nasceu e como foi o início da infância dela? (em que bairro a família morava, como era a comunidade onde ela cresceu, as relações familiares, condição financeira?)

- Como era a escola onde a Adrian estudou? (ela já fazia alguma prática esportiva antes de iniciar na ginástica?)

- Como começou a relação dela com o esporte?

- Como foi a sua inserção na ginástica artística? (onde começou a praticar, com que idade, que pessoas foram importantes para esse início?)

- Fale um pouco sobre a decisão de permitirem a Adrian a começar a praticar a ginástica.

- Como era a rotina de treinos no início e como ela fazia para conseguir acompanhar o ritmo da escola?

- Como era a relação dos pais com os clubes? (vocês interferiam nas trocas de clubes, como funcionava tudo isso?)

- A rotina de treinos da Adrian mudou muito quando começou a atuar em outros clubes e começou a visar participar de competições maiores e aí como ficava a questão dos estudos? (vocês eram exigentes nesse sentido?)

- Vocês lembram como era a situação da ginástica no estado e no país? (investimento, campeonatos e outros eventos, visibilidade na mídia, clubes, patrocínio para os atletas)

- Tinha alguma atleta na época que servia de inspiração para a Adrian?

- Como era a relação de vocês com os treinadores dela?

- Fale um pouco sobre o momento em que a Adrian muda de cidade para ir para a seleção. (Como ficou a família nessa época?)

- Vocês participavam dos campeonatos, acompanhavam as competições que a Adrian participava?

- Qual era a sensação de ver sua filha competindo?

- Quais os momentos mais marcantes para vocês na sua trajetória na ginástica?

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS TREINADORES

Local da entrevista:

Data da entrevista:

Nome:

Data de nascimento:

Local de nascimento:

Como era a estrutura da ginástica quando tu te inseriu? Era muito diferente do que é hoje? Se sim, em que aspectos?

Qual a sua formação?

Na tua carreira tu teve ou tem algum envolvimento com a Federação?

Como funcionava e funciona a organização da modalidade no estado?

Trabalhou só enquanto técnica ou também trabalhou com a arbitragem? Nos conte um pouco sobre a tua atuação enquanto árbitra.

Quais foram os momentos mais marcantes que tu viveu dentro da tua trajetória na modalidade e que tu acha importante destacar?

Tem mais alguma coisa a respeito da tua trajetória na ginástica que tu gostaria de registrar?

Gostaria que tu falasse um pouco sobre o período que tu trabalhou aqui como a Adrian.

Tu lembra como era a tua relação com ela?

A gente sabe que o que impossibilitou a participação da Adrian nos Jogos Olímpicos foi uma lesão bem séria na coluna. Na época ela já tinha esse problema?

Ela chegou a ser convocada para a seleção enquanto estava treinando aqui?

Tu lembra como era a relação da Adrian com as colegas de equipe?

Tem mais alguma coisa que tu gostaria de deixar registrado que pudesse contribuir para a minha pesquisa?

Tem mais alguém que tu acha que eu poderia entrevistar que conviveu com a Adrian nesse período?